



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – UFPB
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

**MEMÓRIA ENTRE PAPÉIS: TESSITURAS DAS PRÁTICAS DOCENTES DE
HILDA DE SOUZA (1948-1953)**

KEDNA KARLA FERREIRA DA SILVA

**João Pessoa-PB
2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – UFPB
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

**MEMÓRIA ENTRE PAPÉIS: TESSITURAS DAS PRÁTICAS DOCENTES DE
HILDA DE SOUZA (1948-1953)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós - Graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Orientador: Prof. Dr. Wojciech Andrzej Kulesza.

JOÃO PESSOA
2012

S586m Silva, Kedna Karla Ferreira da.

Memórias entre papéis: tessituras das práticas docentes de Hilda de Souza (1948-1953) / Kedna Karla Ferreira da Silva.-- João Pessoa, 2012.

137f. : il.

Orientadora: Wojciech Andrzej Kulesza

Dissertação (Mestrado) – UFPB/PPGE

1. Souza, Hilda de. 2. Educação. 3. Práticas docentes. 4. História da educação. 5. Memória.

KEDNA KARLA FERREIRA DA SILVA

**MEMÓRIA ENTRE PAPÉIS: TESSITURAS DAS PRÁTICAS DOCENTES DE
HILDA DE SOUZA (1948-1953)**

APROVADO EM ____/____/____

Dr. WOJCIECH ANDRZEJ KULESZA (Orientador)

Dr. CHARLITON JOSÉ DOS S. MACHADO (Examinador)

Dr. MARIA LÚCIA DA S. NUNES (Examinadora)

Dr. ANTÔNIO ROBERTO SEIXAS DA CRUZ (Examinador Externo/ UEFS)



"Quando o aluno aprende é uma conquista. Quando não, a gente se sente um fracasso"
(Hilda de Souza , 15/1/2011).

AGRADECIMENTOS

Agradecimento... Sentimento esse revelado no silêncio e exaltado através do pensamento quando dirigido a Deus durante toda essa caminhada. Forte sentimento que me acompanhou ao ser aprovada para trilhar pelos caminhos que me ofertava o Programa de Pós Graduação em Educação, na linha de História da Educação.

Obrigado meu Deus, por tamanha felicidade que pude propiciar aos meus pais Odecio Florinda da Silva e Francisca Ferreira, com mais um passo que seria dado rumo a “maior riqueza” que eles começaram a plantar a partir de minha infância, quando aos sete anos de idade dei início ao meu processo de escolarização, tendo o apoio deles durante todo esse caminhar, aprendendo a superar os obstáculos que surgiram neste processo. Destaco como sendo um dos maiores obstáculos a distância geográfica que, estava a me separar do meu porto seguro, meus pais. Mas, ao mesmo tempo em que separava, a minha memória era evocada a lembrar de uma frase que eles sempre estiveram a me dizer: “A maior riqueza, herança que podemos deixar para você é a educação”. Guiada por esse princípio educativo que os meus pais cultivaram agradeço a meus tios Francisco Ferreira, Maria do Céu, Rita Ferreira que são para mim sinônimos de pais, foram eles fundamentais para essa conquista.

A minha tia Maria do Céu, a quem chamo de tia loura, agradeço por todo o seu apoio e companheirismo. Estando sempre a me acolher com seu amor de mãe, de uma amiga que sempre esteve presente em toda a minha vida e processo de escolarização. Uma mãe que esteve a me abraçar mais de perto quando no ano de 2002 cheguei a Campina Grande para dar continuidade a mais uma fase de meu processo de escolarização, e que esteve presente durante todas as etapas vivenciadas de minha graduação. Com ela pude ter a satisfação de estar em sua companhia até o ano de 2010, quando aprovada neste mestrado.

Guiada por mais um de meus objetivos me distanciei geograficamente, um pouco mais de meus pais, amigos e amigas. Neste saudoso momento lembro um trecho da música A Vida de Viajante de Luiz Gonzaga (1981), “Guardando as recordações das terras por onde passei, andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei”. É este o sentimento que me acompanha as boas recordações. E nesse movimento entre objetivos, lembranças e saudades, chego à linda Capital Paraibana João Pessoa-PB, lugar que aprendi amar. Aqui falo de amizades, pessoas importantes com as quais aprendi muito. Amigas e amigos que estiveram presentes em especial neste processo da Pós Graduação, as quais tive a oportunidade de conhecer e compartilhar momentos de minha vida. Momentos bons, alegres, mas, também alguns momentos difíceis com, Joseane Abílio, Alba Lúcia, Kiara Costa, Nayara Costa, Cleide

Soares, Niedja Santos, Tatiana de Medeiros, Gildivan Neves, Maria Luciene, Philipe Egito, Verônica Lima, Fernanda Lima, Kirna Araujo, vocês sempre serão lembrados por mim como um presente de Deus.

Também me lembro de alguns amigos e amigas de outrora presentes em minha trajetória de vida, como Socorro Moura, Vicente de Paulo, Maria Denise, Simone Vieira, Wanderleia Farias, krsna Palitot, Gitana Carla, Gislayne Lima, Thayse Tanouss, Marillac Ribeiro, Ramon de Alcântara, Maria Betânia, alguns mais distantes, outros mais presentes, mas, a quem todos recordo e agradeço por fazerem parte de minha vida.

Com muito carinho e satisfação, agradeço ao meu orientador Wojciech Andrzej Kulesza, com quem pude compartilhar de bons momentos durante todo o desenrolar dessa pesquisa, ficando aprendizagens e alegrias na memória para serem recordadas.

A Lígia Pereira dos Santos, que foi minha orientadora da graduação no curso de Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba, uma pessoa importante no meu processo acadêmico, com ela aprendi muito e compartilhei bons momentos. A todos os professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Educação da UFPB, o meu muito obrigado. Em especial agradeço aos professores, amigos, Maria Lucia da Silva Nunes, Charliton José dos Santos Machado e Maria Adaílza de Albuquerque que contribuíram significativamente no tocante a esta pesquisa.

Ao Antônio Roberto Seixas da Cruz por sua participação e contribuição enquanto examinador externo.

Registro também os meus sinceros agradecimentos à família e em especial aos filhos de Hilda de Souza que contribuíram expressivamente com seu apoio. Em especial agradeço a Maria Bernadete de Souza, bem como Teresinha de Fátima, por todo apoio e solidariedade.

Hilda de Souza, com a senhora compartilhei de memórias, lembranças, risos, lágrimas, enfim, aprendizagens que sem sombra de dúvidas são um divisor de águas em minha vida. 83 anos que de certa forma partilhou comigo no decorrer dos dois anos da referida pesquisa, anos estes que se revelavam através de uma jovialidade e beleza própria que emanavam no recordar de uma época. Essa é a lembrança que sempre terei, de uma pessoa amável, com quem muito pude aprender. Também deixo os meus agradecimentos a todos meus conterrâneos são-bentenses.

Aos meus pais.
A minha Tia Maria do Céu Ferreira.
A Hilda de Souza.

RESUMO

A presente Dissertação tem por objetivo analisar as práticas docentes da professora Hilda de Souza em São Bento – PB, na Escola Feminina e no Grupo Escolar Fausto Meira no período de 1948 a 1953. Logo, nos situamos no campo da Nova História Cultural corrente historiográfica que favoreceu uma ampliação das fontes de pesquisa para a História da Educação, tornando histórias de vida antes esmaecidas pela escrita da História, como objeto de estudo e de análise, fundamentados no uso da memória e da história oral como metodologia que nos conduziram a outras fontes como, um caderno de planejamento da biografada. A construção da Biografia de Hilda de Souza nos permitiu compreender a partir do desenvolvimento de suas práticas docentes, contextos históricos concernentes à educação na cidade de São Bento-PB, em específico, a Escola Feminina e ao Grupo Escolar Fausto Meira. A referida pesquisa possibilitou que aspectos silenciados da história dessas instituições fossem evidenciados a partir da memória desta professora. Assim, este estudo de cunho biográfico nos permitiu enveredar por fatos políticos, econômicos e culturais da cidade a qual nos reportamos, uma vez que, a memória de nossa biografada é constituída de vários “eus” os quais nos levaram as tessituras da História da Educação são-bentense.

Palavras-chave: História da Educação. Hilda de Souza. Biografia. Memória.

ABSTRACT

This Thesis intends to analyze the teaching practices of teacher Hilda de Souza in Sao Bento - PB at School for Girls and School Group Fausto Meira in the period 1948 to 1953. So, we situate in the field of New Cultural History historiographical current that favored an expansion of research sources for the history of education, making stories of life before faded the writing of history as an object of study and analysis. Based on memory usage and oral history as a methodology, that led us to other sources such as a notebook for planning of the biographee. The construction of the Biography of Hilda de Souza allowed us to understand from the development of their teaching practices, historical contexts concerning education in the city of São Bento-PB, in particular, the School for Girls and the School Group Fausto Meira. Such research has enabled aspects silenced of the history of these institutions were evidenced from the memory of this teacher. Thus, this biographical study allowed engage us in political, economic and cultural of the city which we report, since the memory of our biographee consists of various "selves" which led us to the tessitura of the History of Education são-bentense.

Keywords: History of Education. Hilda de Souza. Biography. Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Serra do Brejo do Cruz.....	p.32
Figura 2: Bandeira do Município de Brejo do Cruz.....	p.33
Figura 3: Capela de Nossa Senhora dos Milagres.....	p.35
Figura 4: Professora Josefa Jandira Melo.....	p.38
Figura 5: Casa da Escola Feminina.....	p.42
Figura 6: Maria de Lourdes Peixoto.....	p.43
Figura 7: Prova de Aritmética.....	p.44
Figura 8: Prova de Aritmética Continuação.....	p.45
Figura 9: Professora Cira Bezerra Rodrigues.....	p.47
Figura 10: Hilda de Souza ministrando a eucaristia.....	p.57
Figura 11: Carta de Ivandir de Souza à Hilda de Souza.....	p.59
Figura 12: Carta de Ivandir de Souza á Hilda de Souza (Continuação).....	p.60
Figura 13: Pedido de Casamento.....	p.62
Figura 14: Resposta do pedido de casamento.....	p.63
Figura 15: Casamento de Ivandir de Souza e Hilda de Souza.....	p.64
Figura 16: Theodora Maria da Conceição.....	p.66
Figura 17: Filhos de Hilda de Souza.....	p.67
Figura 18: Materiais de Hilda de Souza.....	p.72
Figura 19: Ponte sobre o Rio Piranhas/ São Bento – PB.....	p.75
Figura 20: Nomeação da professora Hilda de Souza.....	p.79
Figura 21: Telegrama de contratação da professora Hilda de Souza	p.82
Figura 22: Casa onde funcionou a Escola Feminina de São Bento.....	p.84
Figura 23: Croquis da Escola Feminina de São Bento.....	p.86
Figura 24: Feira Livre de São Bento.....	p.87
Figura 25: Caderno de Planejamento de Hilda de Souza.....	p.90
Figura 26: Hilda de Souza com suas alunas na Escola Feminina.....	p.91
Figura 27: Jubileu de ouro do Grupo Escolar Fausto Meira.....	p.93
Figura 28: Fausto Nominando Meira Vasconcelos	p.94
Figura 29: Grupo Escolar Fausto Meira.....	p.95
Figura 30: Problemas de Multiplicação.....	p.98
Figura 31: Problemas de Subtração.....	p.99

Figura 32: Ditado	p.100
Figura 33: Continuação do ditado.....	p.101
Figura 34: Planejamento de História do Brasil e Ciências Naturais.....	p.103
Figura 35: Planejamento de Geografia (Folha 1).....	p.106
Figura 36: Planejamento de Geografia (Folha 2).....	p.107
Figura 37: Planejamento de Geografia (Folha 3).....	p.108
Figura 38: Planejamento de Geografia (Folha 4).....	p.109
Figura 39: Diploma formação magistério Hilda de Souza.....	p.110
Figura 40: Bilhetes de Hilda de Souza	p.111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Trajetória Escolar de Hilda de Souza na Escola Feminina	p.40
Quadro 2: Trajetória Escolar de Hilda de Souza na Escola Rudimentar Mista.....	p.46

SUMÁRIO

CAPÍTULO I: A HISTÓRIA CULTURAL E O OBJETO DE ESTUDO.....	p.15
1.1 Considerações iniciais sobre o objeto de estudo.....	p.15
1.2 A nova História Cultural e a ampliação das fontes historiográficas.....	p.21
1.3 A retomada do método biográfico: um novo olhar.....	p.24
1.4 A História oral e a memória como fontes.....	p.27
 CAPÍTULO II: HILDA DE SOUZA: UMA MULHER, UMA PROFESSORA.....	 p.30
2.1 As origens de uma vida.....	p.30
2.2 A concepção de magistério primário de Hilda de Souza.....	p.48
2.3 O casamento.....	p.58
 CAPÍTULO III: AS PRÁTICAS DOCENTES DE HILDA DE SOUZA NA ESCOLA ELEMENTAR FEMININA E NO GRUPO ESCOLAR FAUSTO MEIRA EM SÃO BENTO-PB (1948-1953).....	 p.71
3.1 Lembranças de um tempo.....	p.71
3.2 Escola Feminina: reflexões sobre a ação docente de Hilda de Souza.....	p.73
3.3 As práticas docentes de Hilda de Souza no Grupo Escolar Fausto Meira (1949- 1953).....	p.92
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 p.115
REFERÊNCIAS.....	p.118
ANEXOS.....	p.125
APÊNDICE.....	p.131

CAPÍTULO I: A NOVA HISTÓRIA CULTURAL E NOSSO OBJETO DE ESTUDO

1.1 Considerações iniciais sobre o objeto de estudo

Esta dissertação intitulada *Memória entre papéis: tessituras das práticas docentes de Hilda de Souza (1948-1953)* é resultado de uma pesquisa que tem como objetivo analisar as práticas docentes da professora Hilda de Souza em São Bento - PB no período de 1948 a 1953, articulando-se ao contexto sócio-político e cultural dessa época.

A prática docente empreendida no contexto escolar é um processo no qual as identidades e as subjetividades dos indivíduos envolvidos são construídas, desconstruídas e reconstruídas. Compreendemos que:

A identidade não é uma essência: não é um dado ou um fato. Seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação (SILVA, 2000, p.96).

Nesta perspectiva, analisar a ação pedagógica de Hilda de Souza através da construção de uma biografia possibilita compreender o sentido que a educação possuía no recorte temporal ao qual nos reportamos. Logo, compreendemos biografia como um:

[...] exercício apropriado para identificar uma figura no meio, examinar o sentido adquirido por uma educação distribuída a outros, segundo os mesmos modelos, analisar as relações entre desígnio pessoal e forças convergentes ou concorrentes, fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios (LEVILLAIN, 1996, p. 165).

Ressalvamos que este trabalho não tem como objetivo expressar uma linearidade, mas caminhos heterogêneos aos sistemas onde se infiltram e onde se esboçam astúcias de interesses e desejos diferentes, como evidencia Certeau (2003). Esse apontamento evita a construção de generalizações, uma vez que se propõe a apreender a diversidade que compõem uma sociedade em qualquer tempo e lugar.

Para escrever “a história se faz necessário o uso dos traços que foram deixados, dos vestígios não apagados que representam ou que dizem sobre a vida de homens e mulheres das sociedades passadas” (LOPES; GALVÃO, 2001, p.77). Assim, esta pesquisa está circunscrita à professora Hilda de Souza, que tem atualmente 83 anos de idade, sendo 65 anos dedicados ao magistério. O seu trajeto profissional se faz em paralelo à história educacional dos municípios de São Bento e Brejo do Cruz, uma vez que, Hilda de Souza residia em Brejo do Cruz, e trabalhava em São Bento-PB. Nesta época delimitada para a pesquisa, São Bento era distrito de Brejo do Cruz-PB.

Embora o tempo de atuação docente dessa educadora seja de mais de seis décadas, na presente pesquisa temos como recorte temporal os anos entre 1948-1953. Tal delimitação temporal remete a dois momentos históricos que fazem parte de sua trajetória. Primeiro, a sua atuação enquanto professora pioneira da Escola Elementar Feminina no ano de 1948, em São Bento-PB. Segundo, por ser uma das professoras ligadas à fundação do Grupo Escolar Fausto Meira no ano de 1949, onde permanece até 1953.

Nesse sentido, os aspectos acima nos possibilitam compreender como foi se constituindo o nosso objeto de estudo. A proposta de pesquisa com a qual ingressamos no Programa de Pós-Graduação da UFPB foi trabalhar a História de Vida de Maria Serafim, umas das pioneiras no desenvolvimento da tecelagem de redes na cidade de São Bento, destacando como a educação teria contribuído para a constituição da emancipação desta mulher, que burlava os lugares até então atribuídos as mulheres na sociedade. Inquietava-nos a participação que esta mulher teve na referida cidade, o seu empoderamento e por outro lado o silenciamento histórico a qual foi legada.

O referido projeto tornou-se inviável a partir do momento em que partimos para o campo de pesquisa. Ao analisarmos as fontes não encontramos aspectos concernentes ao objeto ao qual nos reportávamos. Assim, enquanto buscava nos arquivos do Grupo Escolar Fausto Meira os possíveis professores dessa mulher, tomei conhecimento da professora Hilda de Souza, como pioneira e fundadora do ensino noturno deste grupo escolar e ainda professora da Escola Elementar Feminina, que antecedeu à criação do grupo escolar.

Antes de iniciarmos a pesquisa, tomávamos o Grupo Escolar Fausto Meira como referência na História da Educação de São Bento - PB. Posteriormente, compreendemos que

outras instituições tais como a Escola Feminina, a Escola Masculina e a Cruzada ABC antecederam a construção desse grupo escolar.

A partir das informações fornecidas pelos arquivos visitados no Grupo Escolar Fausto Meira, questionamentos foram se estabelecendo para nós que cursamos nossa Educação Básica neste espaço. Assim, começamos a indagar: como não conhecíamos à história da escola que contribuiu para nossa formação? Como poderíamos não saber nada sobre uma pessoa que possivelmente contribuiu para a história da educação a partir do ensino local? Por que não encontrávamos nos registros de nossa memória nada sobre Hilda de Souza?

Diante do exposto foi se consolidando um objeto de estudo para o qual foram construídos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender a educação no município de São Bento-PB a partir da ação docente de Hilda de Souza (1948-1953) através da pesquisa biográfica;
- Identificar o que determinava a escolha do magistério como profissão, a partir do olhar da biografada e das condições históricas da época.
- Analisar as práticas docentes de Hilda de Souza na Escola Elementar Feminina e no Grupo Escolar Fausto Meira (1948-1953);

A pesquisa será fundamentada a partir das contribuições da Nova História Cultural – NHC¹, e mais especificamente com base na terceira geração dos Annales, pois, conforme veremos, foi por meio desta corrente historiográfica, que houve a inovação e ampliação das fontes para a História da Educação, tornando as histórias de vida antes esmaecidas pela escrita da História, objeto de pesquisa e de análise.

As trajetórias individuais são construídas dentro de um conjunto de relações convergentes, possuindo assim, um caráter coletivo neste trabalho. Nossas experiências individuais são construídas dentro de uma coletividade, ou seja, o contexto no qual nos inserimos interferem na construção de nossas identidades e subjetividades, bem como de nossa memória. Como evidencia Bosi (1987), lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado.

Recorremos ao uso da história oral como uma fonte de pesquisa, que subsidiou este trabalho, transformando-se posteriormente em fonte oral, pois, “quando a documentação oral

¹ Faremos uso da sigla NHC para remeter a Nova História Cultural.

for apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se fonte oral” (MEIHY; HOLANDA, 2010, p.14). Neste sentido, vemos ainda que:

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisas, que determinam quantas e quais as pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido (ALBERTI, 2006, p.155).

O presente texto está estruturado em três capítulos, sendo o primeiro a presente Introdução. No segundo capítulo, *Hilda de Souza: uma mulher, uma professora*, discutimos aspectos referentes à sua vida para então analisar a sua concepção de docência. No terceiro e último capítulo, *As Práticas Docentes de Hilda de Souza na Escola Feminina e no Grupo Escolar Fausto Meira (1948-1953)*, evidenciamos as práticas docentes de Hilda de Souza e destacamos de que modo “os primeiros fios educacionais foram tecidos” para a edificação da história educacional do município de São Bento no período ao qual nos reportamos nesta pesquisa. Para isto, nos propomos juntamente a biografada retomar a sua atuação na Escola Feminina e no Grupo Escolar Fausto Meira.

Pensando que é possível ressignificar tramas sociais de um dado contexto conduzido por um destino particular, compreendemos assim como menciona Ginzburg (1989), que a reconstrução do vivido é a ponte para a apreensão da complexidade das relações sociais imersas na construção de uma biografia.

Ao lançarmos mãos de biografar Hilda de Souza, é necessário elucidarmos que não temos o objetivo e nem tampouco compartilhamos da expectativa de construir uma história que englobe toda esta vida. Portanto, demarcaremos a partir de quais dimensões históricas se constitui esta pesquisa.

Em primeiro lugar, temos a perspectiva de contribuir para os estudos historiográficos através de uma trajetória individual, singular, por escolhermos uma “figura”, mas, que é também coletiva, quando entendemos que o indivíduo é um sujeito social e que suas peculiaridades exercidas socialmente só adquirem sentido se estiverem articuladas a uma complexa “argamassa” sócio-cultural e política em um determinado contexto histórico.

Assim o termo individual assumido neste processo biográfico pode ser conceituado:

[...] por meio de diferentes movimentos individuais, é que se podem romper as homogeneidades aparentes, e revelar os conflitos que presidiram a formação e a edificação das práticas culturais; penso nas inércias e na ineficácia normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, “façam” ou não a história, moldam e modificam as relações de poder (LORIGA, 1998, p.249).

Esta pesquisa almeja contribuir significativamente para a historiografia, em especial para o município de São Bento-PB, servindo de acervo principalmente para os professores deste município, possibilitando o acesso a um recorte da História da Educação deste local, e também como foram se constituindo os primeiros “fios” da história do Grupo Escolar Fausto Meira, a partir das práticas pedagógicas de Hilda de Souza.

Desse modo, quando delimitamos nossa pesquisa na primeira metade do século XX, tendo em vista o nosso objeto de estudo, passos foram dados em busca de fontes orais, através das entrevistas produzidas e das fontes documentais. Neste sentido, é necessário que tenhamos cautela e façamos algumas reflexões diante da seleção de fontes, tendo uma preocupação com o contexto em que foram produzidas na tentativa de identificar as suas subjetividades e intencionalidades. Desta forma, tornam-se fundamentais questionamentos do tipo: Como, onde e por que foram produzidas? O que pretendemos quando recorremos e selecionamos determinado tipo de fonte?

Partindo do pressuposto de que as fontes não são neutras, são portadoras de subjetividades, realizamos um trabalho de seleção e questionamento das fontes que foram disponibilizadas pela biografada, tentando estabelecer conexões entre o conteúdo presente nestes materiais e o contexto no qual foram produzidas, na tentativa de elucidar os silenciamentos, esquecimentos e intencionalidades.

Neste levantamento das fontes, por exemplo, foi concedido de seu acervo particular, correspondências entre a mesma, e o Deputado João Agripino, em que o mesmo a designava para ensinar na Escola Elementar Feminina no ano de 1948. Tais correspondências são relevantes nesta pesquisa à medida que nos permitem pensar e analisar as relações políticas da nossa biografada, trazendo isso para o âmbito educacional.

Em um dos encontros com a biografada foi cedido, o que ela chama de caderno de conteúdos programáticos encaminhados pelo governo do estado em 1949, para os professores do então Grupo Escolar Fausto Meira e que seria o currículo de ensino. Devido ao estado de conservação deste documento o qual não possui mais a capa e as oito primeiras páginas, não

possuímos informações sobre a autoria ou responsável por sua organização. Mesmo estando incompleto, torna-se importante analisar este Livro de Conteúdos Programáticos, uma vez que esse apresenta uma das possibilidades de respondermos ao objeto de estudo desta pesquisa, ao nos permite entender e analisar a metodologia de ensino de Hilda de Souza.

Ainda através deste documento é possível mostrar elementos da cultura escolar da época, o que pode ser analisado em paralelo a um caderno de planejamento, que também foi cedido pela mesma, no qual era registrado as suas aulas correspondentes ao do ano de 1949 quando dá início a sua atuação no Grupo Escolar Fausto Meira.

Na perspectiva de compreender a cultura escolar, a ampliação das fontes historiográficas resultantes do conceito de cultura admitido pela Nova História Cultural, permite que as escritas ordinárias, cadernos de planejamento de aula dos professores, diários, o que consideramos como guardiões de uma memória escolar, pudessem ser também fontes para análise e entendimento de uma cultura escolar em determinado contexto sociopolítico e cultural, como evidencia Felgueiras (2010).

Entendemos cultura escolar como as várias possibilidades de compreender o espaço escolar, por meio de interpretações que permitam entender relações próprias da escola, bem como, os acontecimentos que envolvem fenômenos do universo escolar em distintos momentos históricos, como proposto por Bencosta (2010).

Para Valdemarin (2007), as pesquisas recentemente realizadas no Brasil sobre cultura escolar apresentam uma grande variedade de fontes e, essa multiplicidade reflete sobre diferentes problemáticas que podem resultar do percurso já realizado, como também pode estabelecer novos objetos de análises.

As culturas escolares são provenientes de ações dos sujeitos no processo de escolarização. Pensar o conceito de cultura impõe refletir sobre as relações dos indivíduos com as tradições culturais pertencentes a diferentes contextos históricos do processo de escolarização, como menciona Faria Filho (2007).

Ainda podemos citar como fonte discutida, o discurso de Hilda de Souza em homenagem aos 50 anos da Escola Estadual Fausto Meira no ano de 1998. Esse discurso mesmo produzido em um momento histórico que não condiz com a delimitação histórica desta pesquisa, é valioso para este estudo, pois, permeia a memória de Hilda Souza nos primeiros momentos de sua atuação, bem como, rememora acontecimentos que considera marcantes neste percurso profissional.

Logo, nesta relação com as diferentes fontes é fundamental compreender que para cada uma dessas fontes são necessárias distintas metodologias de aproximação, análise e interpretação que estabelecem diversos ângulos de assimilação do objeto em estudo com as partes da narrativa, como evidencia Vidal (1998). Neste sentido é importante especificar e diferenciar o lugar de onde as fontes foram produzidas e ocupam lugar na construção desta pesquisa.

1.2 A Nova História Cultural e a ampliação das fontes historiográficas

Favorecermos um diálogo com a Nova História Cultural, para melhor compreensão da contribuição que esta pesquisa tem a proporcionar a partir do objeto de estudo em questão, é nossa finalidade. Reflexões sobre o que é a NHC e qual a sua relação com a História da Educação, estarão permeando a alocução que segue.

Ressaltamos que é o objeto de estudo da referida pesquisa que proporciona toda essa eloquência. Evidenciamos que o debate acerca da NHC possibilita compreender a partir das raízes históricas contidas em um passado, como se deram as reais possibilidades de desenvolver pesquisas historiográficas no tempo presente.

Como já expressamos, o método que conduz este estudo é o biográfico. Nesta perspectiva, recorreremos principalmente à história oral enquanto uma das fontes que nos possibilitou ressignificar as práticas docentes de Hilda de Souza através do revisitar da sua memória.

Norteados pela incipiência de aproximarmos o leitor da concepção e das contribuições da Nova História Cultural para as pesquisas historiográficas, acreditamos que esta simetria corrobora com a compreensão de qual seja a relação da NHC com esta pesquisa. Compreendemos a Nova História Cultural, segundo um movimento que acontece em meados do século XX na França. Este inova as estruturas do fazer historiográfico, admitindo novas possibilidades de pesquisas em contraponto ao que até então era legitimado como fonte para o historiador. É uma nova tendência historiográfica, que abrange novas formas de interrogar a realidade e as fontes existentes e, concomitantemente, faz emergir homens e mulheres comuns, a partir de suas práticas culturais e experiências cotidianas como menciona Burke (2005).

Assim, se faz contrária aos clássicos paradigmas historiográficos, pois, para os historiadores contemporâneos tudo tem história e tudo muda de acordo com o tempo e o espaço. Assim, compreendemos que:

Num contexto de mudanças e rupturas nas pesquisas históricas. Podendo identificar na mudança nos anos 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da *New Left*, em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz no mundo pós-guerra. Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História” (PESAVENTO, 2005, p.8).

A denominação de Nova História Cultural pode ser ainda entendida como sendo uma “expressão, [...], as vezes utilizada para os desenvolvimentos ocorridos nos anos 80, período em que a reação contra o paradigma tradicional tornou-se mundial, envolvendo historiadores do Japão, da Índia, da América Latina e de vários outros lugares” (BURKE, 2005, p. 16-17).

Desse modo, o fazer historiográfico ganha novas conotações, passando a ser compreendido a partir da NHC, que é tida como sinônimo de novas maneiras e novas perspectivas de registrar a história.

Esse momento de mudanças no fazer historiográfico, em contraponto ao paradigma historiográfico tradicional, pode ser compreendido como:

[...] um esgotamento de modelos e de um regime de verdades e de explicações globalizantes, com aspiração à totalidade, ou mesmo de um fim para as certezas normativas de análises da história, até então assentes. Sistemas globais explicativos passaram a ser denunciados, pois a realidade parecia mesmo escapar a enquadramentos redutores, tal a complexidade instaurada no mundo pós-Segunda Guerra Mundial (PESAVENTO, 2005, p.8-9).

A Nova História Cultural está associada às questões contemporâneas, mas foi só em meados do século XX que aconteceram modificações no conceito de cultura e na concepção de História. Destarte, o conceito de cultura perpassa o significado que até então era estabelecido sobre cultura, resgatando o cotidiano, costumes e valores das pessoas comuns. Ginzburg (1989) em sua obra *O queijo e os vermes* demonstra uma circulação existente entre essas esferas, ao analisar a reciprocidade entre as mesmas ao considerar o cultural, erudito e popular.

Diante das considerações aqui inferidas sobre a chamada Nova História Cultural, reforçamos que os novos significados atribuídos ao conceito de cultura, favorecem uma ampliação das fontes disponíveis ao trabalho do pesquisador, bem como das abordagens feitas destas. Nesta perspectiva:

A historiografia adquire uma abrangência muito maior, criando um campo do conhecimento cuja finalidade é refletir e compreender as formas pelas quais as sociedades elaboram suas representações sobre as ações humanas no passado e como é possível contá-las (CORDEIRO, 2003, p. 32).

Retomando o método que conduz esta pesquisa, é importante externar que foi neste contexto de rupturas com o fazer historiográfico tradicional que houve a retomada do método biográfico, ou a chamada redescoberta da biografia. Assim:

[...], o que remete principalmente a experiências no campo da história atentas ao ‘cotidiano’, a ‘subjetividades outras’: por exemplo, a história oral, os estudos sobre cultura popular e a história das mulheres. O desejo de estender o campo da história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico (LORIGA, 1998, p.226-227).

Diante das circunstâncias aludidas, enfatizamos o “aparecimento” da figura feminina, ou seja, a percepção que foi alçada sobre a importância e a contribuição da mulher para a historiografia da educação. Este reconhecimento acontece através das novas abordagens que reconhecem novos objetos de estudos para a historiografia educacional.

Procuramos demonstrar que a reestruturação no campo historiográfico promovido pela Nova História Cultural foi crucial para que atualmente, as pesquisas acadêmicas pudessem reconhecer como relevante pesquisar sobre as práticas pedagógicas de uma simples professora, bem como outras distintas temáticas.

Lembramos ainda que foi através da Nova História Cultural que o método biográfico se consolida na historiografia educacional por ter recebido novas conotações, conforme veremos mais adiante. Portanto, são as novas abordagens, resultantes das alterações dos conceitos de cultura, que reconhecem o método biográfico e a história oral, bem como a memória, como fontes passíveis de ressignificação histórica.

Ao buscar a relação direta do passado no tempo presente para o fazer historiográfico, torna-se inegável que o presente estudo constituiu-se como digno de pesquisa científica, uma vez que o conceito de cultura é abordado a partir da Nova História Cultural, e mais

especificamente, com base na terceira geração dos Annales, ao possibilitar que o mesmo objeto possua várias interpretações e valores, de acordo com o olhar do pesquisador.

1.3 A retomada do método biográfico: um novo olhar

O método biográfico tem como objeto de estudo o indivíduo em sua singularidade, característica acentuada desta metodologia. A biografia era concebida pelos historiadores tradicionais como a escrita da história dos grandes homens e dos seus feitos. A partir dos anos 1930 a biografia passa a ser questionada pela Escola dos Annales que discutia a escrita tradicional da História. Nesta perspectiva:

A biografia recuperou um lugar central no debate historiográfico atual, após permanecer um longo período sob o estigma de representar uma história factualista, descritiva e pouco problematizadora, ou seja, uma história baseada em narrativas cronológicas e sem preocupações totalizantes e explicativas. A renovação historiográfica feita pelos Annales atacou duramente a biografia. A partir de então, ela foi relegada ao ostracismo e sua prática condenada como ultrapassada e idealista. Os historiadores deveriam se ater às estruturas e aos grandes agentes coletivos e não a eventos e indivíduos singulares. Em certos modelos, como o estruturalismo, inviabiliza-se a percepção dos papéis que poderiam ser desempenhados pelos indivíduos. Fazer história era rejeitar o factual, o episódico e o individual (AVELAR, 2007, p.46).

Ao longo dos séculos a biografia permaneceu em oposição ou considerada distinta da História pela maioria dos historiadores, por inúmeras razões, em diversos momentos. Sua utilização tem sido discutida na historiografia e nas ciências sociais desde os tempos mais remotos da História. O percurso da biografia no mundo ocidental não é algo novo. Nesta perspectiva:

Ao longo de mais ou menos dois milênios, autores acharam que contar a história de vida de alguém era algo distinto de uma “História” (que narra fatos coletivos e contava a verdade): as histórias “das vidas” (termo usado então pelos autores) serviam, desde o mundo greco-romano, para dar exemplos morais, negativos ou positivos – muitas vezes constituindo os panegíricos. Essa chamada biografia clássica punha um acento muito maior no caráter político, moral ou religioso do biografado do que em sua pessoa, em sua singularidade. No mundo medieval, a ideia dos exemplares prolongou-se, configurando-se nas hagiografias e crônicas. (BORGES, 2005, p.205).

Conforme Loriga (1998), existe uma ambiguidade que sempre marcou a fronteira que separa a biografia da História. Essa autora faz uma ressalva com relação a uma mudança radical neste ponto, afirmando que, após um extenso período dedicado apenas aos interesses

pelos destinos coletivos, o indivíduo voltou a ocupar hoje um lugar central na preocupação dos historiadores. A autora ainda certifica que:

Decepcionados e insatisfeitos com o uso de categorias interpretativas, pré-determinadas, os próprios historiadores sociais, tradicionalmente mais atentos à dimensão coletiva da experiência histórica, começaram a refletir sobre os destinos individuais. (LORIGA, 1998, p.226).

A abordagem biográfica foi considerada durante tempos pela história oficial como um estudo sem cientificidade. No contexto do século XIX, quando a escrita da História era feita seguindo os moldes Positivistas, a biografia possuía a função de ressaltar os feitos heroicos dos grandes homens. Na atualidade, a biografia tem ocupado um lugar de destaque. Porém, tal método descentrou o seu olhar para as camadas populares, para os sujeitos por muito tempo ignorados e marginalizados pela historiografia. Tal mudança nos possibilita empreender um trabalho que tenha como objeto de estudo as práticas docentes de Hilda de Souza. Assim:

Trazer à tona, revelar as práticas, as representações e as leituras das educadoras paraibanas do século XX, significa dar visibilidade e voz a um sujeito que durante muito tempo ficou fora das versões da historiografia oficial, ou ocupou espaços mínimos e marginalizados, embora tenha participado ativamente do processo histórico como também possibilita ampliar o conhecimento sobre a configuração educacional, mas também, política, ideológica e cultural da sociedade paraibana do século XX (MACHADO; NUNES; et.al, 2009, p.18).

A década de 1980 é conhecida pela retomada do método biográfico, uma vez que, novos “olhares” são redirecionados sobre este, daí a retomada da biografia, sob novas perspectivas, tendo em foco as experiências cotidianas. Logo:

A biografia recuperou um lugar central no debate historiográfico atual, após permanecer um longo período sob o estigma de representar uma história factualista, descritiva e pouco problematizadora, ou seja, uma história baseada em narrativas cronológicas e sem preocupações totalizantes e explicativas. A renovação historiográfica feita pelos Annales atacou duramente a biografia. A partir de então, ela foi relegada ao ostracismo e sua prática condenada como ultrapassada e idealista. Os historiadores deveriam se ater às estruturas e aos grandes agentes coletivos e não a eventos e indivíduos singulares. Em certos modelos, como o estruturalismo, inviabilizou-se a percepção dos papéis que poderiam ser desempenhados pelos indivíduos. Fazer história era rejeitar o factual, o episódico e o individual (AVELAR, 2007, p.46).

Atualmente a biografia é admitida como Teoria/Metodologia/Estratégia de pesquisa, uma fonte capaz de representar acontecimentos equivalentes a determinados contextos sociais,

desvendando o que está por trás dos fatos noticiados pela história oficial, ou seja, particularidades que somente os documentos escritos não poderiam denotar. A biografia permite ressignificar os ditos e os não-ditos da memória do indivíduo biografado.

Vários são os significados para o termo biografia, tais como:

1- Narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem. 2-O suporte Físico (livro, filme, texto teatral, disco óptico, etc.) onde se insere uma biografia. 3- A história de vida de alguém. 4- Compilação de biografias de homens Célebres. 5- Gênero literário cujo objeto é o relato da aventura biográfica de uma pessoa ou de uma personagem. 6-Ciência relativa á espécie de descrição (BORGES, 2005, p.204).

Assim, ao ter por escopo analisar as práticas pedagógicas de Hilda de Souza, compreendemos a abordagem biográfica na História da Educação como sendo aquela que a partir de diferentes instrumentos e vestígios permite ressignificar a ideia e registrar a trajetória de educadores e intelectuais. Ainda de acordo com Borges (2005), isso é possível através de depoimentos, história de vida, registros biográficos, entrevistas, diários, cartas fotografias, memórias, discursos de homenagem, literatura, entres outros.

Destarte, ao lançarmo-nos nesse complexo exercício de biografar Hilda de Souza, consideramos complexo este caminho o qual decidimos trilhar para desenvolver esta pesquisa, pois, consideramo-lo como espaço que reflete os desenvolvimentos de uma tríade de questões: subjetividade, estilo narrativo e razão dialógica, relevantes para entendermos o pensamento contemporâneo por inquirir a emaranhada relação entre sujeitos, linguagens, sociedades e discursos nos quais o biografado/a esta imerso. Assim:

Ao se ler sobre biografia, percebe-se de imediato quantas áreas importantes da História se cruzam ou mesmo se confundem, quantos temas estão contidos ou próximos da biografia: a micro-história, os estudos de caso; a História oral, as histórias de vida; os trabalhos sobre vida cotidiana, sobre geração, sobre família, sobre gênero, são de grande interesse para quem precisa entender uma vida individual (BORGES, 2005, p. 215).

Logo, por meio da memória da biografada, focalizamos peculiaridades de suas experiências cotidianas enquanto professora. Para isso enfatizamos suas concepções, e suas práticas pedagógicas. Nesta perspectiva:

A biografia histórica, hoje reabilitada, não tem por vocação esgotar o absoluto do 'eu' de um personagem, como já se quis e ainda se quer. [...] Ela é o melhor meio de mostrar os laços entre passado e presente, memória e projeto, indivíduo e sociedade

e de experimentar o tempo como prova de vida. [...] A biografia é local por excelência da condição humana em sua diversidade. (BORGES, 2005, p. 215).

Desse modo, considerando a biografia como sendo uma fonte para a História, compreendemos que a leitura da vida do biografado permite a “aproximação” com a época, o contexto histórico-sociopolítico em que viveu ou ainda vive.

1.4 A História oral e a memória como fonte de pesquisa

A História Oral enquanto fonte de pesquisa nos permite ressignificar histórias de vida de sujeitos como nossa biografada. De tal forma, essa fonte se constitui como:

[...], uma reflexão de natureza historiográfica na história contemporânea. É um recurso usado em estudos referentes à vida de pessoas, grupos ou comunidades. Um conjunto de procedimentos que têm como ponto de partida um projeto, e que têm como definição pessoas a serem entrevistadas. Tais entrevistas são gravadas, transcritas, conferidas e com autorização para serem usadas. É uma história que propicia diferentes diálogos, bem como possibilita compreender a constituição de classes sociais e a tradição de gerações, contada a partir de uma multiplicidade de pontos de vistas e vivências (SANTOS; ARAÚJO, 2007, p. 192).

A constituição da História Oral como fonte possibilitou uma ampliação das fontes disponíveis ao pesquisador. Por muito tempo tal material, assim como a biografia, foi alvo de críticas por parte de determinados historiadores tradicionais que enxergavam apenas os documentos escritos como oficiais e detentores de uma verdade absoluta e incontestável. Neste sentido, a História Oral foi considerada como “uma fonte inadequada, só devendo ser utilizada como último recurso e, assim mesmo, com cautela” (FREITAS, 2006, p.40).

A partir da renovação do campo historiográfico, proposta a partir da terceira geração dos Annales, a História Oral tem sido um dos instrumentos mais utilizados pelos pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, possibilitando que a história de sujeitos não considerados sejam ressignificadas. Neste sentido:

[...], as atuais correntes da historiografia têm ressaltado a necessidade de uma reavaliação dos critérios pelos quais se determina a utilização e análise das fontes históricas, pois na produção do conhecimento, fatores como a subjetividade e a seletividade são inevitáveis. Assim, a História Oral tem adquirido um novo status, devido aos novos significados atribuídos aos depoimentos, às histórias de vida, às biografias (FREITAS, 2006, p.47).

Mesmo tendo o seu uso ressignificado, muitos pesquisadores ainda resistem à utilização da História Oral, utilizando-a apenas como uma fonte subsidiária. Assim:

As transformações que têm marcado o campo da história, abrindo espaço para o estudo do presente, do político, da cultura, e reincorporando o papel do indivíduo no processo social, vêm, portanto estimulando o uso das fontes orais e restringindo as desconfianças quanto à utilização da história oral. Entretanto, apesar dessas transformações, o debate a respeito da legitimidade da história oral não é assunto resolvido. São constantes as avaliações de historiadores de diferentes países ou que trabalham com diferentes abordagens desqualificando esse método de pesquisa. As resistências vão da rejeição completa, a partir da visão de que o depoimento oral apenas relata intrigas, ao questionamento da expressão “história oral” em favor de “fontes orais” (FERREIRA, 2002, p.328).

Neste trabalho, tal fonte nos permite rememorar as práticas docentes de Hilda de Souza, até então ignoradas pelos escritos históricos, possibilitando que possamos analisar e entender a conjuntura educacional da época. Para isto, outros documentos já citados foram cruzados com as fontes orais, tentando desvendar os silenciamentos e esquecimentos. Neste sentido, compreendemos que:

A utilização do depoimento oral como fonte histórica nos impulsiona a uma reflexão sobre o fenômeno da memória em si. Memória, aqui entendida como propriedade de conservar certas informações, por meio de um conjunto de funções psíquicas e cerebrais (FREITAS, 2006, p.59).

Logo, diante do supracitado, o alargamento das fontes historiográficas renova o campo de pesquisa da História da Educação, uma vez que, assim como a Biografia, a História Oral, outras fontes, consideradas fontes ordinárias, os cadernos de registros de professores, manuais didáticos, fotografias, entre outras, permitem ao mesmo tempo em que, nos desafia refletir sobre novos temas, ou revisitar antigos acervos através de um inovador olhar historiográfico.

Ao trabalhar com a História Oral objetivamos analisar as práticas docentes de nossa biografada, práticas estas que puderam ser ressignificadas a partir da memória de Hilda de Souza. A memória está relacionada como menciona Le Goff (1994), a um conjunto de funções psíquicas a partir das quais os indivíduos podem ressignificar ou atualizar informações de um tempo remoto. Desta forma, acionar a memória é realizar uma viagem no tempo, é empreender uma ação de ativação de nossas lembranças na tentativa de relembrar aspectos referentes a um determinado acontecimento.

Trabalhar com a memória é estabelecer uma diálogo entre o passado vivido e o presente, diálogo este a partir do qual o indivíduo é capaz de rememorar aspectos de um tempo. Neste sentido:

Relação com o presente e com o possível, momento de exteriorização e de interiorização, o trabalho é negação do imediato, mediação criadora. Repondo a memória como trabalho você escreve: “Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Acurada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado, mas uma reaparição”. (BOSI, 1987, p.21-22).

A partir das entrevistas realizadas, nossa depoente partia das determinações do tempo presente para entender e rememorar as suas experiências e práticas docentes na Escola Feminina e no Grupo Escolar Fausto Meira. Ao ressignificar seu tempo pretérito Hilda de Souza nos forneceu um diamante bruto em forma de depoimentos orais, os quais lapidamos na tentativa de transformá-los em uma verdadeira joia na qual debruçamos nossos olhares e análises.

Ao ressignificar aspectos de seu passado, nossa depoente aciona fatos de sua memória individual, mas que está permeada por aspectos de uma coletividade. As experiências docentes e as práticas de Hilda de Souza foram construídas dentro de um contexto social e a partir das relações sociais que estabelecia com os sujeitos destes espaços.

Quando rememora, nossa depoente nos relata uma memória que é sua, mas que está entrelaçada e interpelada por uma série de outros “eus”. Assim, “O que entendemos como evocação da lembrança individual é muito tênue. É possível entender que cada indivíduo tem uma singularidade de si, mas esta singularidade é construída socialmente” (WEIDUSCHADT; et.al, 2009, p.76). E esse debate orientará a nossa abordagem biográfica sobre a professora Hilda de Souza.

CAPÍTULO II: HILDA DE SOUZA: UMA MULHER, UMA PROFESSORA

2.1 As origens de uma vida!

Sertão! O que é sertão? É uma simplicidade.
É nele onde mora franca felicidade,
É uma casa branca de envolta de bogáris
Fazendo emanar no ar perfumes mui sutis.

É uma terra diferente das outras terras,
É pequenina, mas decanta e nela encerra
Gigante coração e fica natureza,
Encanta seus filhos vendo tanta beleza [...].

Brejo do Cruz, cidade tão maravilhosa,
Cidade lendária, progressiva, elegante,
Deixas no olhar do filho teu, ou visitante
A doce miragem de tua serra garbosa [...].

[...] Brejo do Cruz, católico de dons amados,
Vejo ainda na imagem dos teus antepassados
O murmurar das preces á Santa Padroeira,
A virgem dos Milagres Nossa Medianeira.

Ivonilde de Sousa. *Triunfo de um Desejo*. 1994.

Introduzimos o presente capítulo com o poema acima por concordarmos com Certeau (1982) que as particularidades do lugar de uma determinada investigação não podem ser suprimidas por considerações feitas acerca deste.

Problematizar a mulher, a professora Hilda de Souza não seria possível se não adentrássemos a história de sua terra natal, espaço no qual ela cresce e torna-se professora, para isto, além de alguns documentos escritos, recorreremos à memória desta. Nesta perspectiva:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não vem só á tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda, ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1987, p.9).

Biografar Hilda de Souza é também ir ao encontro do contexto do século XX caracterizado por diversos acontecimentos e movimentos nacionais que ocasionaram transformações significativas, em especial para o papel da mulher brasileira em uma sociedade que se encontrava na transição de um regime imperial para um republicano.

Dentre esses marcos estava o movimento feminista² de cuja organização, estava à frente mulheres que almejavam os mesmos objetivos de participação na sociedade por meio do exercício da cidadania, partindo, principalmente, da ascensão política, com o direito ao voto. Mas, o que isso quer dizer? Essa transição acarretou diversas transformações no âmbito social, político, econômico e educacional para a história brasileira que esse espaço se tornaria insuficiente para tamanha audácia, que seria tentar descrever aqui todas elas.

A sociedade do século XX representa o oscilante entre mundos antagônicos e complementares correspondentes ao final do século XIX e o desabrochar do século XX. Caracteriza-se pela permanência, em parte, dos valores sociais destinados às mulheres, oriundos de um modelo de sociedade patriarcal e dos novos valores que se constituem.

Retroceder a essa conjuntura significa se deparar com os processos de modernização em consequência da urbanização, do avanço da ciência e da tecnologia. Continuidades e rupturas é a caricatura que atribuímos a esse contexto histórico, pois, mesmo em meio a tantas inovações sociais é possível identificar a forte vigência dos valores patriarcais, a permanência do cuidado de manter o estereótipo da mulher obediente, mãe, filha e dona do lar como traços culturais que continuavam a perdurar.

Apesar da continuidade dos valores dos séculos anteriores, que levavam as mulheres à submissão aos seus esposos e ao espaço do privado, no século XX, estas começam a ingressar no mundo do trabalho, por décadas visto como um espaço eminentemente masculino. Este acesso ao mundo público por parte das mulheres deste século provocou alterações na composição social e familiar, retirando a mulher do espaço restrito a elas, o lar, e convidando-as ao mundo do trabalho, considerado próprio do homem. Essa organização juntamente às ideias feministas que circulavam na sociedade permitia às mulheres darem início a um processo de conscientização sobre o seu papel social. Assim:

²De acordo com Nunes e Fragoso (2010), o feminismo comumente é visto pelo senso comum enquanto um movimento de repúdio aos homens. Porém, o feminismo se constitui como uma filosofia que reconhece a situação de opressão das mulheres e que luta pela superação deste fato. Tal filosofia não reivindica uma mudança de posição na qual o homem passe de opressor a oprimido, mas, que como mencionam as autoras anteriormente citadas, ambos (homens e mulheres) possam romper com a construção cultural e social que legou estes sujeitos a ocupar determinados espaços e ter certos comportamentos na sociedade.

A mulher moderna apercebendo-se de seu valor compreendeu que podia prestar á humanidade outros serviços, além dos de esposa e mãe [...] Era tempo de libertar-se do monopólio injusto dos homens sobre os direitos, privilégios e dignidade, fugir a uma situação escravizante de calar, obedecer, sofrer (FALCONE, 1937, p.2).

Esse contexto, não seria diferente do que vivenciavam os moradores de Brejo do Cruz, cidade localizada no alto sertão da Paraíba, aonde nasceu Hilda de Souza no dia 05 de Setembro no ano de 1929, nascendo no que precede o berço dos ideais de transformações sociais que começam a se concretizar no ano de 1930, época que:

Caracteriza-se por grandes transformações em todos os setores da sociedade e pela intensificação do processo de industrialização e urbanização do país, fatores que colocariam a educação no centro dessas mudanças como instrumento fundamental para incrementar o desenvolvimento da nação. A época assistiu á elaboração de duas constituições e em cada uma delas a educação foi inserida de forma diferente (NUNES, 2009, p.103).

Ao buscar entender essa vida que fora mergulhada nos ditames deste século, diríamos que muitas são as fontes de informações que retratam essa época, existindo uma vasta produção bibliográfica e documental que narra fatos importantes e de destaques que alcançaram repercussão significativa para esse momento.

Expressar de maneira geral as características inerentes às mulheres desse contexto histórico é um procedimento para compreensão dos valores que circundavam neste pequeno município, cercado por pedras, as quais constituem a grande serra, que cerca toda a localidade. Na imagem abaixo podemos observar a cidade de Brejo do Cruz na época a qual nos reportamos neste estudo.



Figura 1: Serra de Brejo do Cruz, s/d.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Entender as peculiaridades dos processos pelos quais passara a sua vida nos aproxima da mulher que é, da professora que foi. Para esta compreensão retomemos a sua origem. Filha dos sertanejos, Inácio da Costa nascido no dia 06 de abril de 1907 e de Leônia de Souza nascida no dia 26 de abril de 1909. Tendo ele como profissão, a de marchante, comerciante de gado, profissão inserida nos indícios que minutam a origem do município de Brejo do Cruz. Assim,

Tangendo a vida- adentrando o gado os nossos desbravadores, aqui viveram, e amaram o torrão e fincaram raízes até hoje memoráveis, plantando a lavoura e criando o gado, centauros vestidos de couro na expressão pitoresca de Castro Pinto, exaltando a bravura indômita do vaqueiro (GALVÃO, 1988, p.41).

Leônia de Souza, mãe de Hilda de Souza, era dona de casa, serviço comum às mulheres do início do século XX, que ficavam arraigadas em seus lares nos quais viviam de forma que, compreendemos atualmente como uma vida submissa aos seus respectivos maridos, procriando filhos e cuidando da prole.

Os relatos orais dos indivíduos, bem como as suas experiências de vida são tecidos, como propõe Certeau (1982) a partir de um lugar social, ou seja, a partir de um contexto. Este lugar, embora não determinante das ações de um indivíduo em um tempo e espaço, interferem na forma como estes sujeitos tecem as suas leituras do mundo, do outro e de si mesmo.

Nesta perspectiva, ao pensar a história de vida de Hilda de Souza, ao escrevermos a sua biografia, faz-se necessário analisar o contexto na qual esta esteve inserida, em especial no recorte temporal ao qual nos reportamos na presente pesquisa. Refletiremos a cerca do município de Brejo do Cruz, lugar social de nossa biografada, partindo de uma análise da composição de um dos símbolos da cidade, a bandeira, instituída pela Lei n. 433 de 30 de Abril de 1986.



Figura 2: Bandeira do Município de Brejo do Cruz

‘Fonte: GALVÃO, Raimundo Ferreira. *Brejo do Cruz: fragmentos para sua história*. Brejo do Cruz, 1988.

Apesar da Lei 433 de Abril de 1986 ter sido sancionada em uma periodização que não condiz com a referida pesquisa, fazemos usos de alguns de seus artigos e parágrafos, uma vez que estes alcançam as raízes da história dessa gente, de seus antepassados, as quais muitas podem ter sido apagadas, esmaecidas, ou quem sabe, não percebidas do ponto de vista de alguns historiadores como importantes para serem registradas.

Conforme a referida lei, o art. 2º-afirma que a bandeira do município para uso em repartições públicas em geral, em escolas públicas e particulares, será composta de cinco listras horizontais nas cores verde e vermelha e terá no seu centro um triângulo, inscrita no seu vértice, uma torre na cor amarelo-ouro; na sua parte média uma faixa sinuosa na cor azul e na sua base, três (3) conchas emborcadas na cor amarelo-ouro. Assim como menciona a Lei n.433 de 20 de Abril de 1986

1º - o campo em faixas horizontal verde e vermelho é uma homenagem aos nossos colonizadores de origem portuguesa.

2º - o triângulo equilátero no centro, em branco, representa a serra de Brejo do Cruz, e nele estão contidos três(3)outros elementos a saber: um castelo e três conchas emborcadas na cor amarelo-ouro e uma faixa sinuosa na cor azul, conforme a seguinte ilustração do brasão.

I - o castelo representa a casa da Torre, erigida na Bahia, de onde vieram os desbravadores sertanistas dos quais descendia Manuel da Cruz Oliveira, fundador de Brejo do Cruz;

II- a faixa sinuosa na cor azul representa a água, elemento abundante e principalmente, representa a Fazenda Olho D'água, ponto originário de nossa cidade.

III- as conchas emborcadas representam abrigos naturais e são também uma alusão às comunidades indígenas habitantes de nossa terra, os Tapuias. (LEI N.433 DE 30 DE ABRIL DE 1986).

Várias são as versões narradas acerca dos primórdios da História de Brejo do Cruz. Com base nas informações que instituem essa bandeira, é o Sr. Manuel da Cruz Oliveira lembrado como instituidor deste povoado que passa a ser município quando outorgada a Lei provincial nº 572 de oito de outubro de 1881, informação esta registrada e confirmada também por alguns historiadores como Galvão (1988) e Oliveira (2004).

Foi nesta tessitura que Hilda de Souza cresceu sob o cuidado de seus pais e ao lado de suas duas irmãs Hyolanda e Teresinha. Ao falar de sua infância, diz que:

[...] sempre ouvia dos meus pais que Deus está sempre a nos ajudar em tudo, pra isso é preciso sempre ter fé, fé em Deus. Crescemos ouvindo esses ensinamentos, eu e minhas irmãs... (HILDA DE SOUZA, 15/1/ 2011).

Esta narrativa expressa um jogo de palavras que se cruzam sob os princípios da religião do catolicismo, dando sentido a uma educação moral distribuída por seus pais, que apesar de nunca terem tido a oportunidade de receber uma educação formal, foram influenciados pela educação religiosa católica, apostólica, romana que ditou fortemente no país modelos de comportamentos sociais com base nas leis divinas.

Essa mesma autoridade dos princípios cristãos foi difundida às margens deste Sertão paraibano, cujos registros de sua existência são apontados com o alojamento do já citado fundador da referida localidade, como propõe Galvão (1988), através das terras que lhes foram entregues por datas de sesmaria no dia 18 de fevereiro no ano de 1717. Desse modo, o povoado dessa região começa a surgir às luzes do século XVIII em plena euforia da fé depositada nos dogmas da Igreja Católica, e que ali eclodiu com a edificação da capela em devoção a Nossa senhora dos Milagres, templo este que pode ser visualizado na imagem abaixo.

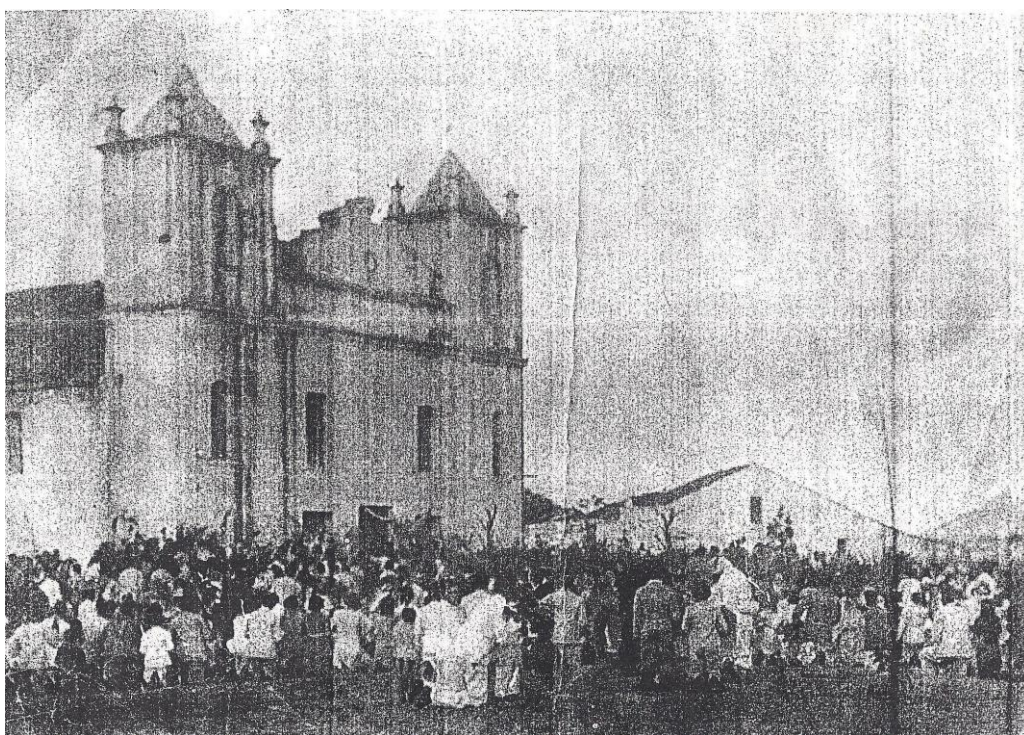


Figura 3: Capela de Nossa Senhora dos Milagres,s/d.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

A história de fé e devoção reverenciando a padroeira Nossa Senhora dos Milagres de Brejo do Cruz desenvolve-se a partir de Manuel da Cruz Oliveira. Assim:

[...] A história eclesiástica de Brejo do Cruz é muito mais antiga do que a sua própria história política. Tudo começou quando Manoel da Cruz Oliveira, o nosso fundador sensibilizado com os relatos que ouvia e sentia sobre os milagres ocorridos na sua propriedade, denominada Olho D' Água dos Boqueirões, determinou que fosse construída no local em apreço uma rústica capelinha sob a invocação de Nossa senhora dos Milagres no ano de 1752. Os milagres ocorridos no sítio Olho D' Água dos Boqueirões, foram causa principal da mudança do nome para Olho D' Água dos Milagres. Conta a tradição que um dos milagres ocorridos na região, foi quando Manuel da Cruz Oliveira estava conduzindo um rebanho muito numeroso de gado, vindo da região do Rio do Peixe (Cajazeiras-PB) e, passando por Sousa e Catolé do Rocha, alcançou finalmente, o lugar onde hoje se encontra a cidade de Brejo do Cruz. O gado além de maltratado pela enorme distância percorrida, ainda estava faminto e sedento, pois na região havia pouquíssima pastagens molhadas. Enquanto o pessoal descansava, o rebanho de Manoel da Cruz Oliveira embrenhava-se pela aba da serra do Brejo em busca de água e pasto. Em poucos instantes, desaparecerá todo o rebanho desordenado até o aboio inútil dos vaqueiros que o conduzia. Manuel da Cruz Oliveira, temeroso dos ataques traiçoeiros dos indígenas e a perda total do gado, já que a região para ele era desconhecida e inóspita, via sua esperança em recapturar o rebanho cada vez mais distante. O medo humano daquela montanha misteriosa, o cansaço físico que também o desanimava naquele fim de tarde, em que tudo que se ouvia eram as esturras de onças nas furnas, das serras e a noite densa chegando com um cobertor de luto ao redor de Manoel da Cruz Oliveira. Ao ver todo esse cenário a sua volta, Manoel da Cruz Oliveira concluiu que o único socorro que poderia naquele instante lhe valer seria do céu, e, entre o desespero e a fé, ajoelhou-se sobre o solo brejocruzense a clamar contrito pela Mãe de Jesus, ali mesmo lugar que prometera erigir uma capela em homenagem a Virgem Mãe, Nossa Senhora dos Milagres, pedia ele em súplica e devoção para não ser atacado por índios e, que seu rebanho encontrasse ali água abundante e bons pastos, evitando assim a dispersão. Consagrando toda a sua vida e também o seu rebanho à Virgem Maria, seu corpo cansado adormeceu em meio ao ermo, e o que se acredita até hoje que o milagre realmente aconteceu, pois ao amanhecer o dia, o gado estava intacto, reunido ao redor de um bebedouro, onde uma vegetação muito verde contrastava com a paisagem causticante da região. Feliz e encantado, Manoel da Cruz Oliveira, denominou aquele lugar de Olho D' água dos Milagres (OLIVEIRA, 2004, p.94-96).

Analisando a citação acima, podemos entender que o contexto no qual Hilda de Souza esteve inserida foi caracterizado pela presença da Igreja Católica o que interferia nas suas práticas cotidianas. A memória de nossa depoente é permeada por aspectos desta vertente cristã, o que nos permite compreender que a sua leitura de mundo era construída a partir do seu lugar social. Neste sentido, compreendemos que:

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas do comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares que constituíram autênticas ressurreições do passado (BOSI, 1987, p.11).

E ainda que:

Nossas lembranças permanecem coletivas, elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p.26).

A memória de Hilda de Souza, construída partindo de uma coletividade, ao ser resignificada em nossa pesquisa, nos possibilita compreender de que forma as práticas pedagógicas da nossa depoente eram sistematizadas. As lembranças evocadas por Hilda de Souza, assim como menciona Bosi (1987), enquanto um discurso, são portadoras de subjetividades e campos de silenciamento que podem ser elucidadas quando analisamos o contexto de submissão no qual as mulheres estavam inseridas no recorte temporal ao qual nos reportamos. Os relatos de nossa biografada seguiram por caminhos até então desconhecidos por nós, mas que possibilitaram construir um conhecimento acerca das práticas pedagógicas no contexto entre 1948-1953.

Continuemos ao vislumbrar de uma época, de uma particularidade social vivida em sua infância, o que foi possível graças à fonte oral captada no decorrer de nossas entrevistas. Ao evocarmos esse período pelos fios de sua reminiscência, Hilda de Souza fala de momentos em sua meninice que foram interrompidos pelos chamados de sua realidade socioeconômica para o trabalho quando ainda criança. Ao falar sobre o assunto, em um de nossos encontros o qual acontecera na cidade de João Pessoa, ela lembra:

[...] minha mãe teve dez filhos, mas ela só criou três, três irmãs, eu, Terezinha que é minha irmã tem o apelido de Pepeta. Depois que minha mãe morreu meu pai se casou. [...] Faleceu com trinta e dois anos eu acho, que eu lembro assim, que para estudar era assim, ela fazia, cocada. Brejo era uma cidade pequena, mas tinha as escolas. Eu lembro assim, às vezes quando eu chegava à escola, às vezes tinha outras casas que eu perguntava se queria comprar, quero não essa menina todo dia vem abusar a gente pra comprar. E hoje quando chega alguém vendendo aí eu compro me lembrando, a meu Deus, recordando, que isso era pra gente comprar os livros (HILDA DE SOUZA, 12/10/2011).

Tratar dessa fase de sua vida permite circunscrever o arcabouço do ambiente humilde, dos escassos recursos financeiros com os quais seus pais a criaram. Registra de forma singular as suas primeiras experiências com o mundo das letras e também as dificuldades enfrentadas que anteciparam o ciclo de seu processo de amadurecimento, e, de responsabilidade. Tendo

ela 10 anos de idade no ano de 1939 quando saiu pelas ruas vendendo cocadas para que pudesse comprar os seus próprios livros e cadernos. Neste mesmo ano, Hilda de Souza ingressa no universo escolar tendo como sua primeira professora Jandira Mello que pode ser visualizada na foto abaixo.



Figura 4: Professora Josefa Jandira Melo, s/d.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Ao recordar o seu primeiro caderno, expressa mais que uma maturidade precoce, demonstrando também que desde cedo começou a cultivar os seus objetivos, mantendo-os firmes mesmo diante de alguns sinais de indiferenças. Vejamos:

[...] A primeira escola, eu estudava na Escola Feminina de Brejo do Cruz, a primeira professora foi Jandira Melo, e no primeiro dia que eu fui pra aula, fui à aula, eu fui com um caderno que uma prima minha me deu. Ai o caderno era um formatozinho como se tivesse umas teia de aranha, ai quando ela chegou a vez que viu o caderno ai tinha o nome de minha prima, minha madrinha tinha me dado, e ela disse, mas esse caderno não é seu, ai eu quis chorar, ai eu fiquei bem desconfiada

querendo chorar mas eu disse assim,foi minha madrinha que deu (HILDA DE SOUZA,12/10/2011).

O relato de nossa biografada nos permite compreender como Hilda de Souza, mesmo diante de um contexto social que restringia o acesso ao mundo do educar a uma parcela significativa da população, e, em específico, as mulheres, construíram táticas, que assim como postula Certeau (1990) possibilitou que esta burlasse uma situação imposta e pudesse ingressar no espaço da educação, mesmo sendo alvo de preconceitos devido ao contexto socioeconômico ao qual pertencia.

Percebemos como esse trecho do depoimento de Hilda de Souza nos permite refletir sobre a história educacional e política de nossa nação no recorte temporal ao qual nos reportamos no nosso estudo. Vejamos quantas informações de uma época vieram juntamente às lembranças de um momento de sua vida, isso confirma que o ser humano não pode ser analisado isoladamente de suas relações sociais, sendo ele a peça de um quebra cabeça, onde cada uma dessas peças se une a outras para que juntas tenham significado.

Ainda com base neste depoimento tivemos a informação da existência de uma Escola Feminina em Brejo do Cruz em 1939, ano em que ela dá início aos seus estudos. O ensino das primeiras letras destinadas ao sexo feminino desenvolve-se:

[...] com a lei de 15 de outubro de 1827. [...] essa lei determinava em seu art.1º - “Em todas as cidades, vilas, e lugares mais populosos, haverão de primeiras letras que forem necessárias”. [...] a lei estabelecia também a criação de escolas para meninas, mas só nas cidades e vilas mais populosas, o que, apesar das limitações impostas, significava uma medida corajosa, considerados o atraso e os preconceitos da sociedade colonial, tão fortes e dominadores que, até então, não tinham permitido a criação de uma escola de alfabetização para meninas, o que só veio a ocorrer na vigência dessa lei, a 18 de abril de 1828, através da Resolução do conselho da Província que, por iniciativa do Conselheiro Padre Joaquim Antônio Leitão, sugeriu a criação da nossa primeira escola primária para o sexo feminino, provida no mesmo ano pela professora Maria da Conceição Cabral que ficou lembrada como a primeira mestra paraibana do ensino primário (LEITÃO, 1987, p.18).

Logo, ao investigarmos um pouco mais sobre o ensino das primeiras letras para o sexo feminino, mais especificamente em Brejo do Cruz, tomamos conhecimento, assim como evidencia Oliveira (2004), de que este foi alvo de notícias em um documentário pelo pesquisador Celso Mariz, em coleção Mossoroense nº 26 na qual ele faz algumas alusões sobre o Brejo do século XIX. Trazendo a informação sobre a instrução pública a qual em 1879 teria sido criada uma cadeira primária para o sexo masculino, e, em 1883 teria sido

criada outra cadeira para o sexo feminino. No proceder de seus relatos ainda sobre a educação deste local no século XIX, informa que fora isso, a educação era conduzida por mestres-escolas particulares nas fazendas dessa região. Esses eram pagos por famílias abastadas para ensinar.

A História das cadeiras primárias, ou das cadeiras isoladas pode ser compreendida como:

A referência conhecida sobre o início da escolarização pública e não dirigida por religiosos, na Paraíba remonta ao ano de 1776, quando o Marquês de Pombal criou, mediante a carta régia de 17 de abril daquele ano, uma cadeira de latim, só provida, no entanto, em 12 de novembro de 1783, pelo professor João Adolfo, que percebia um ordenado de trezentos mil réis. (MELLO apud PINHEIRO, 2002, p. 15).

No que se refere ao ensino das cadeiras isoladas, Pinheiro (2002) enfatiza que essa cadeira de latim foi o marco ao mesmo tempo em que foi a referência para a organização do sistema escolar na Paraíba, que prevaleceu nos Períodos Colonial e Imperial, estendendo-se até as primeiras décadas da República Velha, momentos que denomina como os de era das cadeiras isoladas.

Buscar as características das escolas em que Hilda de Souza estudou representa as possibilidades de compreensão do processo de escolarização destinado às mulheres do final das décadas de trinta e quarenta. Logo, acompanhemos uma síntese de sua trajetória escolar.

Quadro I: Trajetória escolar de Hilda de Souza na Escola Feminina

Ano	Idade	Ano Escolar	Resultado
1939	10	1º ano Primário	Aprovada
1940	11	2º ano Primário	Aprovada
1941	12	3º ano Primário	Aprovada
1942	13	4º ano Primário	Aprovada

Nesta época em que ela inicia sua vida escolar, a escolarização na então Escola Feminina acontecia nos recônditos de uma casa, alugada pelo governo do Estado da Paraíba, tendo neste período o governador Argemiro de Figueiredo (1935-1940) que despendia com aluguel e salário dos professores que ali estiveram a desenvolver o ensino de primeiras letras.

Essa prática de ensino desenvolvido em casas pode ser compreendida segundo Pinheiro (2002), como sendo desenvolvida nas residências dos próprios professores, prática esta que passou por serias críticas por parte de alguns professores e gestores, mas que continuava a perdurar na Parahyba do Norte perante a justificativa dada pelos detentores do poder da instrução pública, de que as províncias não arcassem com aluguel ou compra de “casas escolares”.

Como se pode observar, na década de trinta, quando Hilda de Souza inicia sua vida escolar, o ensino já havia conquistado algumas reivindicações feitas em outros momentos da História educacional paraibana, como exemplo, o deslocar do ensino educacional das residências dos professores para casas alugadas pelo governo do Estado que serviam de espaços escolares. Em relação à educação realizada nas casas dos professores vemos que:

O funcionamento das cadeiras isoladas nas residências dos professores acarretava problemas tanto de ordem administrativa quanto de ordem pedagógica. Em relação a este último aspecto, alguns gestores da instrução pública consideravam “promiscua” a convivência entre os discípulos e a família do professor, reunidos na mesma casa, na maioria das vezes, de aparência das mais humildes (PINHEIRO, 2002, p.73).

Os depoimentos de Hilda de Souza se constituem como momentos de aprendizagens, do resignificar um passado que até então nos era desconhecido, mas, que por meio de sua lúcida memória aos 83 anos de idade em que se encontra fomos adentrando além de espaços memoráveis, penetrando até as estruturas dos espaços físicos da casa onde outrora existiu essa Escola Feminina, onde estudou em Brejo do Cruz, e que ainda existe, sendo agora uma residência. Vejamos a seguinte ilustração, a qual demonstra literalmente o recordar de uma época, uma vez que, com a permissão dos proprietários da casa, ela pode revisitar aquele local.

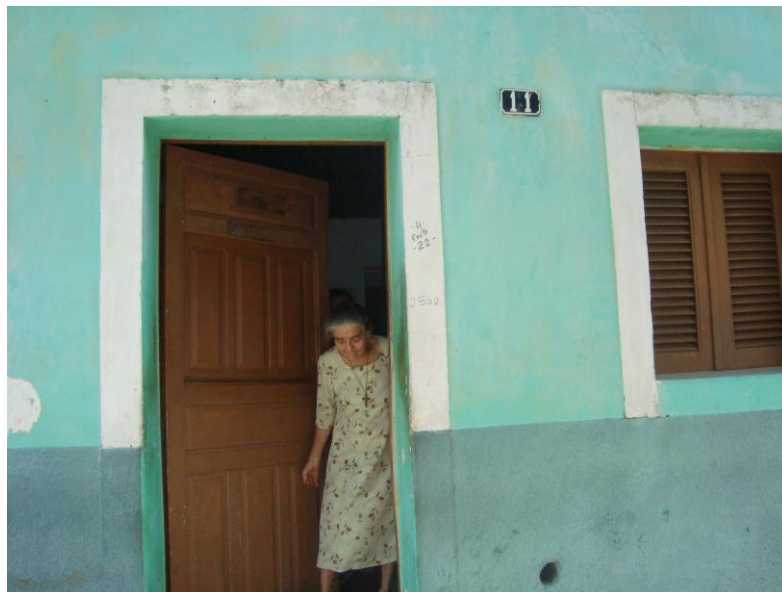


Figura 5: Casa que funcionou a Escola Feminina de Brejo do Cruz-PB, s/d.
Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Ao sairmos da casa aonde estudou, ou seja, da antiga Escola Elementar Feminina, ela relembra com muita clareza dos anos que ali esteve a aprender as primeiras letras e também das respectivas professoras que estiveram a ensinar. E prosseguiu em seus relatos descrevendo que teve como primeira professora Josefa Jandira Melo. Sequencialmente Hilda de Souza fala de sua professora do segundo ano, Aidê Medeiros, esta, que se deslocava de Patos-PB sua cidade natal, para ensinar em Brejo do Cruz, nesta Escola Feminina no ano de 1940. Nossa biografada menciona que:

Eu lembro bem da professora do segundo ano primário, ela era de Patos e o nome dela era Aidê Medeiros (pausa). Ainda hoje eu sei matemática, assim, por que antigamente nos era ensinado às operações, adição, mas chamava somar, diminuir, multiplicar. Tinha que saber somar, dizer que a soma era parcela e tirar a prova dos nove fora. A mesma coisa para diminuir, ai tinha que aprender diminuendo, subtraendo, e tirava a prova real, que chamava prova real e prova dos fora, ai depois era multiplicar, tinha que saber a tabuada também, multiplicar e dividir, ai tinha que aprender assim, dividendo, divisor e quociente. (HILDA DE SOUZA, 12/10/2011).

Ao ser indagada sobre uma possível professora que tivesse marcado essa fase de sua vida escolar em relação ao ensino-aprendizagem, nossa biografada fala da professora do quarto ano, Maria de Lourdes Peixoto, retratada na imagem abaixo, distinguindo-a das demais pela forma como esta dava aula de Matemática, ensinamentos aqueles que até hoje faz uso.



Figura 6: Maria de Lourdes Peixoto, s/d.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

O significado que a depoente atribui a referida professora pode ser elucidado quando em seus arquivos Hilda de Souza conserva uma das provas de Aritmética que foi aplicada por sua professora. Vejamos a prova a seguir.

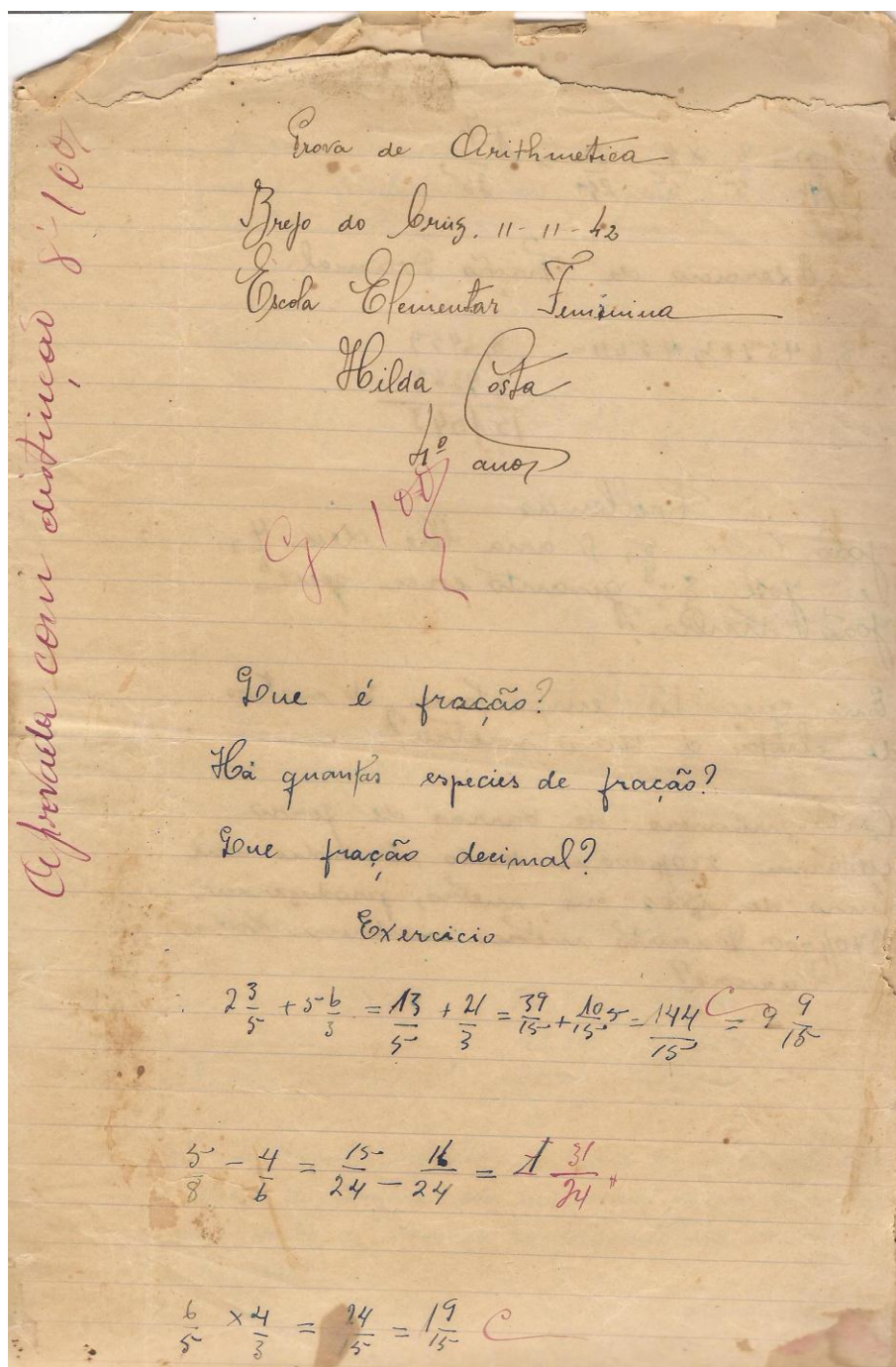


Figura 7: Prova de Aritmética, 1942.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

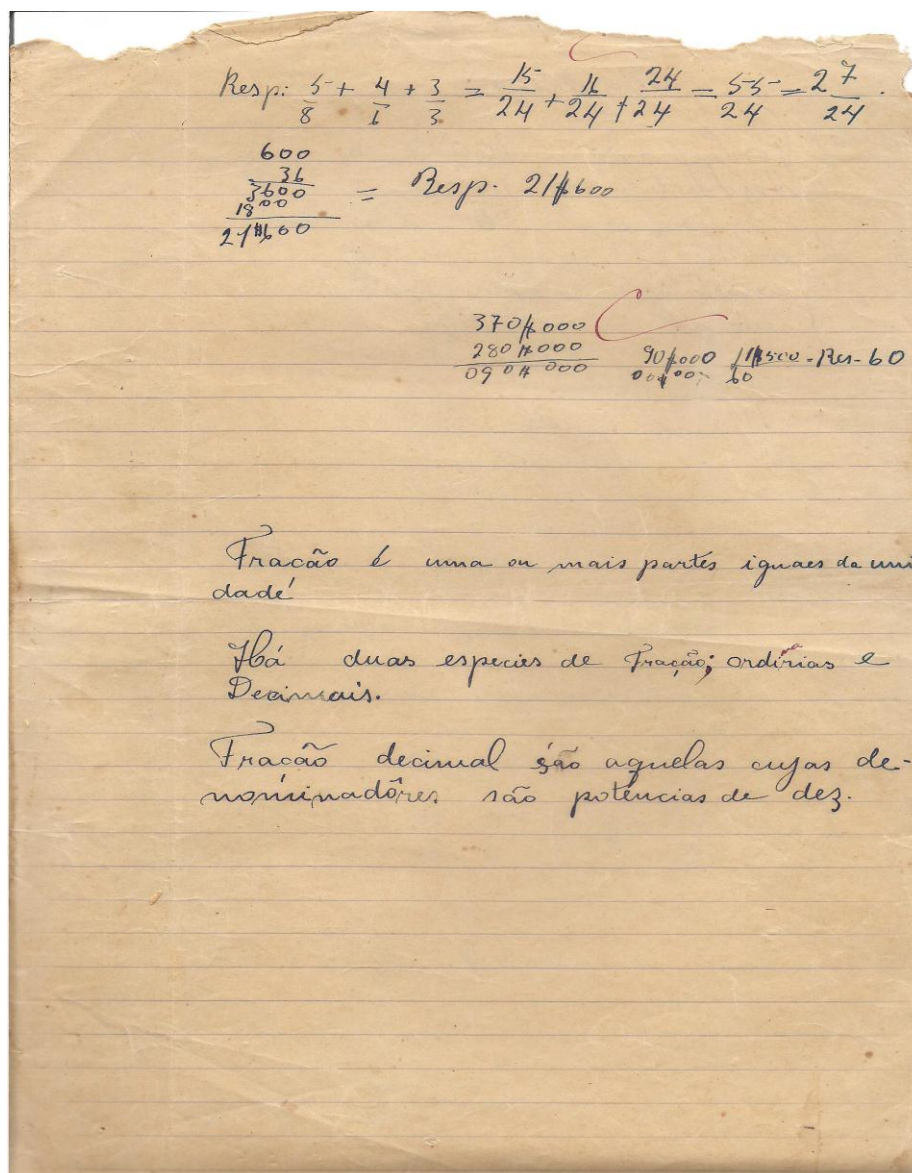


Figura 8: Prova de Aritmética (Continuação), 1942.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Neste momento percebemos através da narrativa de Hilda de Souza, ratificada na prova acima apresentada, os conhecimentos matemáticos que eram estudados na sua época e que ainda hoje o são, a importância que para ela teve cada uma de suas professoras e como cada uma delas ocupa um lugar na sua História, e como sua memória ainda é guardiã de uma História que se passara em sua infância, bem como, essa lógica narrativa é capaz de revelar além do que lhes foi indagado, trazendo a tona uma didática de ensino desenvolvida em outros momentos da História educacional brasileira.

Concluindo este ciclo sobre as suas professoras da Escola Feminina, ela fala da sua professora de terceiro ano primário, Acidália Leitão, oriunda da cidade de Catolé do Rocha-PB. Em memória a mesma, ela relembra aquele ano de 1941, com uma entonação crítica em relação aos escassos recursos materiais pedagógicos, lembrando ainda as promessas feitas pelo então governador daquela época Ruy Carneiro, que ao visitar Brejo do Cruz e a Escola Feminina, prometeu para aquela sociedade a construção de um grupo escolar para a referida cidade.

Dando continuidade á sua vida escolar, Hilda de Souza cursa o 5º ano Primário na Escola Rudimentar Mista, como podemos verificar na tabela abaixo, tendo novamente como sua professora Maria de Lourdes Peixoto.

Quadro II: Trajetória Escolar de Hilda de Souza na Escola Rudimentar Mista

Ano	Idade	Ano Escolar	Resultado
1943	14 anos	5º ano Primário	Reprovada
1944	15 anos	5º ano Primário	Aprovada

Hilda de Souza refere-se de uma maneira especial a Maria de Lourdes Peixoto, apreço este que pode ser identificado em suas palavras quando diz em um de nossos encontros, ter sido esta sua querida professora. Lembra de alguns momentos especiais, como, o dia 7 de setembro, data comemorativa em que haveria o hasteamento da bandeira do Brasil, recorda-se dos momentos em que a sua professora Maria de Lourdes Peixoto pedia para que ela fizesse as declamações propícias à data em que estava sendo comemorada, e diante da timidez, insegurança que ela demonstrava, sua professora tentava convencê-la dizendo “você ler, leia devagar e alto” (HILDA DE SOUZA, 12/10/2011).

Ao rememorar seus momentos com a professora Maria de Lourdes Peixoto, nossa depoente enfatiza ainda que:

[...] atualmente revejo aqueles pedidos de minha professora Lourdes Peixoto como incentivos para a leitura, acredito que eles foram importantes para o meu desempenho com a pronuncia das letras, acredito, confesso que mesmo quando eu me mostrava um pouco temerosa ao ir lá pra frente ler, ela insistia porque sabia que eu gostava muito de ler em sala de aula, por isso persistia para que eu fizesse as leituras em público, como também no dia em que me pediu que eu lesse uma homenagem feita a uma colega de classe que estava aniversariando, era a filha do prefeito (HILDA DE SOUZA, 12/10/2011).

Analisando o quadro que apresentamos anteriormente podemos perceber que Hilda de Souza cursou por dois anos o 5º ano. A repetição de ano deve-se ao fato de que como não possuía recursos financeiros para prestar o exame de admissão resolveu repetir a mesma série escolar. Ao cursar pela segunda vez o 5º ano, Hilda de Souza teve como professora Cira Bezerra Rodrigues representada na imagem que segue.



Figura 9: Professora Cira Bezerra Rodrigues, s/d.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza.

A respeito da repetição do 5º ano, nossa depoente evidencia que:

Repeti o 5º ano primário, uma vez que não fiz as provas finais para que pudesse repetir o ano, porque não queria sair da escola, não tinha condições financeiras de continuar seus estudos, pois, após o 5º ano primário fazia-se o exame de admissão sendo este realizado na cidade de Catolé do Rocha, lugar mais próximo a Brejo do Cruz, se aprovada no respectivo exame passava a estudar o 1º ano ginasial, logo, teria que estudar em outra cidade, pois, o ensino escolar de Brejo do Cruz só existia até o 5ºano primário, e os recursos financeiros de meus pais não davam para suprir tais despesas (HILDA DE SOUZA, 12/10/ 2011).

Esclarecemos que naquela época os alunos ao concluírem o 5º ano primário eram submetidos a um exame de conhecimentos gerais que contemplava os conteúdos estudados no

decorrer do ensino primário correspondente as disciplinas de Português, Matemática, História, Geografia e Ciências, conhecido como exame de admissão ao ginásio, pois, se aprovados passariam a cursar o 1º ano ginásial.

O exame de admissão acontecia no Colégio Normal Francisca Mendes em Catolé do Rocha-PB, lugar mais próximo de Brejo do Cruz. Para Hilda de Souza estudar nesse colégio, que para ela era “O Coração da Educação no Brasil” seria um sonho, mas, diante de suas dificuldades financeiras, esse sonho esteve um pouco distante de se tornar realidade, até o dia em que:

[...] depois do quinto ano tinha o exame de admissão [...] Eu sempre gostava da igreja, de estar na igreja sabe, e era filha de Maria, aquela moça que, frequentava a igreja, como, assim, vamos dizer, filha de Maria, é como hoje, que existe os Grupos de Jovens. Eu, enquanto filha de Maria, tinha como obrigação, arrumar o altar, botar flores né, ajeitar tudo na igreja. Um dia eu fui botar flores na casa paroquial, e o padre de Catolé do Rocha, estava lá, era padre Serrão, perguntou se eu queria estudar em Catolé do Rocha, aí eu disse que não dava, porque não tinha condição. E ele com sua boa vontade me convidou para ficar lá na casa paroquial. Fiz o exame de admissão e fui aprovada, mas, não pude concluir os meus estudos lá, porque na época, fiz um concurso pra ser professora, e passei, tendo que deixar o Colégio Francisca Mendes... (HILDA DE SOUZA, 12/10/2011).

Os depoimentos de Hilda de Souza revelam a influente presença dos princípios cristãos. Os princípios de fé que perpassam a sua infância, adolescência podem ser analisados ainda no conceito que Hilda de Souza tem de Magistério Primário, conforme veremos a seguir.

2.2 A concepção do magistério primário de Hilda de Souza

[...] “*vejo como uma vocação.*
Eu acho que Deus me deu essa missão de
ensinar”
(Hilda de Souza).

Apresentamos como princípio orientador da discussão aqui presente o próprio itinerário da pesquisa, muitos foram os encontros com Hilda de Souza tendo em vista ao nosso maior objetivo que é a análise de suas práticas docentes. Ao tratarmos de momentos correspondentes Ao seu fazer pedagógico no decorrer dos anos de 1948 a 1953 identificamos em várias passagens de seus depoimentos o uso de representações simbólicas ao se referir a

sua profissão. “Vocação, dom, missão, chamado de Deus” estes, são alguns dos termos expressos por ela ao justificar a sua escolha pela carreira do magistério primário.

Objetivamos analisar a concepção de magistério de Hilda de Souza com base num estudo de gênero para compreendermos como se deu essa construção simbólica do significado de vocação, associado à carreira profissional do magistério primário.

Gênero entendido como uma categoria comum às relações entre homens e mulheres, que rejeita as explicações sobre as posições sociais hierárquicas entre esses dois sexos com base em determinações puramente biológicas. Sendo o gênero um resultado cultural produzido e reproduzido no ciclo das estruturas sociais. Assim, compreendemos que:

Embora num sentido mais restrito o estudo de gênero referia-se ao estudo que tem a mulher como objeto; num sentido amplo este deve ser entendido como uma construção social, histórica e cultural, elaborada sobre as diferenças culturais. Portanto o conceito de gênero não se refere especificamente a um ou a outro sexo, mas, sobre as relações que são socialmente construídas entre eles. Essas relações estão imbricadas, por sua vez, com as relações de poder que revelam os conflitos e as contradições que marcam a sociedade (ALMEIDA, 1998, p.40).

Falar do magistério primário é ir além do óbvio, de que essa é uma carreira caracterizada pela predominância feminina que a exerce. É um revisitar o passado da História da educação brasileira, da cultura de nossos antepassados que fizeram a História, isto significa remontar à História dessa educação, uma vez que o processo histórico do magistério primário acontece em meio às transformações sociopolíticas e econômicas presentes nos diferentes momentos dessa sociedade em que simultaneamente acontecem as transformações culturais.

Fazer esse retrospecto permite refletir sobre a construção do processo de feminização do magistério primário, o que explicaria as afirmações que se reproduziram historicamente por força das imposições culturais sobre o magistério primário afirmando-o como uma profissão feminina, dividindo e estabelecendo a posição a ser ocupada pelo homem e pela mulher na sociedade.

Compreendemos a carreira profissional do magistério primário, assim como a imagem social dos profissionais desse campo, a partir de resultados de uma longa trajetória, que foi construída historicamente entre tabus e estereótipos, daí, propiciarmos uma análise de gênero sobre a concepção de vocação usada historicamente como justificativa de algumas professoras do ensino primário, e em especial a de Hilda de Souza em razão da escolha dessa profissão.

Vocação, termo simbólico construído historicamente que se faz comum à imagem da professora do magistério primário por emitir um significado de missão a ser exercida com zelo, dedicação, doação, este é um conceito que explica as vocações exercidas estrategicamente pelas mulheres. Assim compreendemos que:

[...] o termo vocação é empregado como inclinação, gosto, preferência, predileção por uma atividade, ofício ou profissão. E aqui devemos distinguir desde logo, entre as atividades ou trabalhos que exijam qualidades ou predisposições inatas, as quais repousam sobre predisposições orgânicas-tais como as predisposições das belas-artistas -, as atividades para as quais o gosto se forma no contato social. Quando se diz, assim, que uma criança tem decidida vocação para a música ou para a pintura empregamos o termo no primeiro sentido. Como não se vêem as em si mesmas as pré-adaptações orgânicas que favorecem as práticas das artes, entendemos que o artista, sobretudo o artista criador, seja um predestinado. E daí o emprego até certo ponto justificado, do termo vocação para esses casos (LOURENÇO FILHO, 2001, p.11-12).

Diferentes pesquisadores, ao analisar as relações de gênero na história da profissão docente do magistério primário, orientam seus trabalhos com base em diferentes conceitos que tratam dessa profissão segundo as perspectivas de vocação ou predestinação, dentre outros. E em paralelo a isto existem também as características de docilidade, instinto maternal, compreensão, paciência, e outras mais, que se apresentam como inerentes às aptidões das mulheres as quais são apresentadas em estudos como suficientes para justificar o magistério primário como uma profissão apropriada e exclusiva para o sexo feminino.

Ao discutirmos o conceito de gênero e a feminização do magistério no Brasil, muitos são os desafios existentes. Assim compreendemos que:

O primeiro deles indica a necessidade de se associar, por exemplo, o exercício da docência às polarizações contidas na visão hegemônica de masculinidade. O segundo desafio leva-nos a captar os significados femininos do magistério, como uma das dimensões da feminização docente, iluminada pelo conceito de gênero. Ou seja, além da presença do sexo feminino, assistimos à associação dessa atividade aos significados amplamente divulgados em nossa sociedade como femininos, mesmo quando é exercida por homens. O terceiro desafio indica a necessidade de incorporar, na análise da feminização docente, a tensão decorrente das relações de poder que envolvem as relações de gênero na intersecção com as relações escolares. Existem nas relações observadas no cotidiano escolar de professores e professoras duas formas de poder. O poder institucional, legalizado, que agrupa os profissionais em cargos com qualificações e atribuições diferenciadas e hierarquizadas. Mas há também o poder oriundo das relações de gênero muito mais difícil de identificar e descrever, e que pode determinar o poder institucional. (VIANNA, 1998, p. 54-58).

Considerando que valores e conceitos são construídos historicamente em meio às relações de poder estabelecidas entre dominantes e dominados compreendemos que:

Considera-se que as configurações de poder entre os gêneros, da mesma forma que os significados, as normatizações valorativas, as práticas e os símbolos, variam de acordo com as culturas, a religião, a economia, as classes sociais, as raças e os momentos históricos, formando redes de significações que se edificam e se relacionam integradamente e atuando em todos os âmbitos da vida cotidiana (ALMEIDA, 1998, p. 40).

A História da Educação Brasileira em suas várias nuances, reflete temáticas que nos possibilitam compreender o processo do magistério e como essa profissão foi se caracterizando propiciando ao sexo feminino, uma vez que:

O magistério não nasceu como uma ocupação feminina quer no Brasil quer em outros países. Ele se transformou em ocupação feminina carregando em seu bojo um valor peculiar: o de cumprir, estrategicamente, o papel de produzir uma nova forma de organização escolar que surgia com os ideais republicanos. Também, esse magistério carregava o valor de reproduzir a ordem de uma nova lógica da organização do processo de trabalho, emergente no Brasil, condizente com um amplo movimento das sociedades ocidentais, em torno do modo de produção capitalista. O sistema de instrução pública elementar no Brasil, criado no período imperial reproduzia o modo de produção imperial, reproduzia o modo de produção pré-capitalista do trabalho, característico daquele contexto histórico. O governo brasileiro, até aquele momento, não expressava qualquer interesse para com a escola, nem tampouco para com sua função social. (CHAMON, 2005, p. 43,44).

Estas considerações são algumas das possíveis explicações existentes que foram produzidas socialmente, e reproduzidas pelas relações sociais nos diferentes contextos pelos quais passou a sociedade brasileira, assim todas essas transformações resultaram em diferentes conceitos que tratam atualmente da História do magistério primário com base nas relações de poder que estão imbricadas nas relações de gênero.

As razões para refletirmos sobre a ocupação feminina do magistério primário pautam-se nas possibilidades de compreendermos o que esteve por trás das divisões estereotipadas capazes de definir o lugar, bem como o papel social a ser desempenhado pelas mulheres na sociedade, visto que essa profissão foi a porta de entrada para as mulheres no mercado de trabalho a partir do século XIX.

Sobre a feminização do magistério primário, vista sob a perspectiva de acesso a uma produção de mercado, corrobora Apple (1998), ao tratar a prática docente como um processo

de trabalho articulado às mudanças ao longo do tempo, na divisão sexual do trabalho, e nas relações patriarcais e de classe. Nesse sentido, compreendemos que:

É através de um formidável trabalho coletivo de socialização difusa que o *nomos* cultural institui e encarna sob a forma de *habitus* claramente diferenciados, segundo o princípio de divisão dominante capazes de perceber o mundo segundo este princípio de divisão (BOURDIEU, 1990, p.13).

De acordo com Chamon (2005), o magistério não nasceu sendo uma ocupação feminina, mas, que se tornou uma profissão feminina, o que pode ser confirmado se verificarmos na historiografia brasileira a que sexo pertencia os primeiros educadores que por aqui estiveram a registrar as primeiras práticas docentes, pois, vamos constatar que no Brasil Colônia, essa prática pertencia quase exclusivamente aos homens, exercida pelos padres jesuítas, que desenvolviam a prática docente ao passo em que desenvolviam também o ato missionário de evangelizar. Assim, “como complemento ao exercício do ministério, cabia também aos religiosos o magistério, entendido em sentido lato, como ensino da civilização ocidental cristã” (KULESZA, 2010, p. 127).

Essa afirmativa corrobora para refletirmos atualmente sobre o magistério primário associado a uma concepção de vocação, o que pode ser compreendido no tempo presente ao analisarmos em diferentes momentos do passado quais foram os acontecimentos elaboradores desse conceito.

Logo, percebemos que na sociedade colonial brasileira o magistério foi fortemente disseminado através das próprias práticas e conceitos dos padres-mestres como um sacerdócio, essa visão era adquirida por meio da concepção missionária a eles concebida para que pudessem exercer seu papel na sociedade. Nesta perspectiva:

Modelos de virtudes, disciplinados, disciplinadores, guias espirituais, conhecedores das matérias e das técnicas de ensino, esses primeiros mestres devem viver a docência como um sacerdócio, como uma missão que exige doação. Pois seu papel de educador exigia que fosse um homem bondoso e que tivesse autoridade piedade, firmeza, e saber profissional, essas eram algumas qualidades que lhes eram exigidas (LOURO, 2008, p.93).

O conceito de vocação associado à ação do magistério pode ser compreendido a partir da historiografia que trata da educação Jesuíta no Brasil colonial (séculos XVI a XVIII), uma vez que os jesuítas em sua ação missionária propagada na conversão dos indígenas, ou seja, na educação desses, deveriam ter além de uma formação teológica, pois, era necessário que

tivessem também vocação para que fossem considerados aptos a educar os filhos dos colonizadores, como menciona Veiga (2007).

As representações sociais próprias de antigas culturas que imperaram na sociedade brasileira resistiram a todas as transformações pelas quais passaram essa sociedade ao longo do tempo, bem como resistiu às diferentes transformações na base da educação, que de acordo com o contexto histórico, e por meio das políticas educacionais, buscavam influenciar diretamente na formação do professor e, por conseguinte, na concepção que estes vinham a ter sobre o magistério primário. Isso pode ser apreendido atualmente através da concepção de muitas professoras primárias que apesar de pertencerem às gerações do século XX e XXI, continuam a reproduzir um conceito que foi produzido por conjunturas sociais tão “distantes”.

Diversos são os caminhos teóricos que refletem sobre a profissão do magistério/feminino/vocação que explicam este fenômeno estão vinculadas a fatos correspondentes a um, ou, a múltiplos contextos que configuram a História da Educação Brasileira. Outra possível justificativa histórica para a feminização do magistério e a notável preponderância do sexo feminino nas salas de aula, pode ser verificada:

Em decorrência do capitalismo industrial em expansão e do processo de urbanização que o acompanhava, cabia à escola contribuir tanto na produção quanto na reprodução do social, visando fortalecer e legitimar as práticas culturais urbanas que interessavam a as (sic) elites dominantes. Foi também nesse período que as mulheres passaram a ser chamadas para cumprir a nobre missão de reprodutoras dos valores sociais. Dóceis, virtuosas e abnegadas, deveriam ser elas as profissionais responsáveis pelo trabalho de preparação de mentes e comportamentos para o interesse da pátria (CHAMON, 2005, p.16).

Desse modo, a feminização do magistério primário no Brasil eclodia com as necessidades impostas por esse novo modelo de produção, o capitalismo, que surgia como possibilidade das mulheres conquistarem o seu espaço na sociedade adentrando ao mercado de trabalho.

Podemos observar através da historiografia brasileira as relações de gênero presentes nas diversas marcas estereotipadas que acompanham a história das mulheres desde o seu processo de educação até a sua atuação profissional no magistério primário, acompanhado pelas transformações sócio-políticas ocorridas.

Para isso, contemplamos esses dois distintos momentos históricos, era dos Jesuítas no Brasil e o capitalismo, para exemplificar que o processo de feminização da profissão docente acontece em decorrência dos fatores sociopolíticos, econômicos e culturais. Desse modo,

entendemos que a categoria de gênero é um elemento eficaz para desmistificar os conceitos constituídos sob os critérios do que seja perpetuado como algo “natural” com base no sexo para as mulheres nesse fazer, e também em outras atuações sociais.

Corroborar neste sentido Scott (1990), ao afirmar que, a análise dos estudos de gênero sobre as relações sociais historicamente estabelecidas através das concepções particulares de cada sociedade implica na rejeição ao conformismo biológico camuflado entre os termos “sexo” ou “diferença sexual”. É com base nessas considerações fomentadas e na experiência de Hilda de Souza que discutiremos a concepção de magistério que esta educadora possui.

O termo vocação por vezes utilizado, expressa o seu sentido etimológico (vocação vem de vocatio) que significa chamada, é toda ação desenvolvida através da crença de esta ser uma providência divina, uma chamada especial para determinada tarefa.

Ao ser feita a seguinte indagação: Hilda, para você o magistério primário é uma profissão ou uma vocação? O direcionamento feito à professora Hilda de Souza foi formulado com base em seus próprios relatos no decorrer de nossas entrevistas, uma vez que nossa depoente sempre estava a usar o termo vocação ao se referir à docência.

Logo, com muita objetividade ela responde conceituando-o como uma vocação! Tal aspecto pode ser elucidado quando menciona que:

Para minha pessoa, eu vejo como uma vocação, porque eu gosto, e acho que Deus me deu essa missão. Desde criança eu brincava de ser professora, dando aula a minhas colegas que iam brincar comigo. Gosto do magistério. É uma profissão, mas, que precisa ter uma vocação para poder exercê-la (HILDA DE SOUZA, 15/1/2011).

Esse depoimento de Hilda de Souza pode ser refletido segundo o que Lourenço Filho (2001) trata quando busca desmistificar o sentido de predestinação, que seria a existência de uma vocação para o exercício do magistério. Ainda faremos uso dos estudos desse autor ao darmos continuidade à análise do conceito de magistério primário de Hilda de Souza.

Nos fragmentos de sua fala “desde criança eu brincava de ser professora, dando aulas para as minhas colegas que iam brincar comigo” (HILDA DE SOUZA, 15/1/2011), identificamos uma justificativa que seria relevante do seu ponto de vista para se afirmar como professora do magistério primário. Com relação a esta analogia, ou seja, esta relação feita de afinidades presentes nas brincadeiras de quando ainda era criança, justificaria a sua vocação para o magistério primário.

Lourenço Filho (2001) em seus estudos traz uma sólida reflexão sobre isso, quando afirma que não há um dom para a profissão do magistério. Neste sentido, o autor faz uma crítica ao se referir ao uso de brincadeiras quando nos induz a refletir sobre: a menina que brinca de escolinha teria nascido com um dom para o magistério. E por que não se reproduz nos discursos dos pais, que a menina que brinca de panelinha, ou de costura nasceu com um dom para as profissões de cozinheira, ou de costureira? Seria porque essas profissões se encontram em patamares menos valorizados ainda do que a profissão do magistério primário?

Essas contribuições do autor geram a necessidade de retomarmos os estudos de gênero para aprofundarmos nossa reflexão ou mesmo para corroborarmos com as suas afirmativas.

Para a primeira afirmativa do autor, apontamos e consideramos a forte representação ideológica conduzida universalmente nos discursos familiares e sociais. A menina que brinca de boneca, que gosta de crianças, e que por isso tem um dom para o exercício do magistério primário, é ainda um discurso atual de muitas professoras, por força das relações de gênero/sexo que ao longo do tempo ditou que mulheres deveriam brincar de bonecas e homens de carrinhos, ou seja, é preciso compreender a categoria de análise gênero além de um conceito comparativo entre homens e mulheres, entendendo-o como representante de comportamentos sociais entre esses dois sexos.

Já com relação a sua segunda afirmativa, é um discurso praticamente inexistente, seja nas relações entre pais, seja na sociedade, e isso é resultado das relações de poder tecidas socialmente e que podem ser explicadas com base num maior aprofundamento da análise dos estudos de gênero. As profissões de cozinhar, costurar, bordar e as demais que são tidas como femininas sempre foram desvalorizadas em nossa sociedade, em primeiro lugar, como já dissemos, por serem consideradas femininas e por isso não tem prestígio social.

Sabemos que as mulheres sempre deixaram as suas contribuições do ponto vista social e econômico para a sociedade em seus diferentes momentos históricos. Porém, por décadas mantiveram-se à margem da historiografia brasileira. Neste sentido, lembramos Scott (1995) em seus estudos de gênero, sobre a história das mulheres, ao refletir sobre o que as mulheres conquistaram no passado, mais temos razão para nos perguntar por que suas conquistas têm sido tão frequentemente esquecidas no presente.

O conceito de vocação de Hilda de Souza ainda pode ser estudado ao fazermos a leitura de um pequeno texto redigido e proferido por ela em solenidade na festa dos 50 anos da Escola Estadual Fausto Meira onde foi professora, pois, constatamos mais um discurso

ideologicamente construído sobre a profissão do magistério primário como uma vocação a ser cumprida sob a “ordem divina”.

Esse discurso começa a se delinear a partir dos relatos sobre a sua trajetória profissional, bem como da história educacional do município de São Bento, uma vez que relembra como era organizada e distribuída a educação nos anos que antecederam a criação do Grupo Escolar Fausto Meira.

Logo, ao direcionar suas palavras especialmente para os professores, Hilda de Souza, deixa uma mensagem: “desejo que vocês permaneçam firmes na profissão e na oração. Pedindo a São Sebastião (padroeiro de São Bento) e a Virgem Maria, assim, como ela foi escolhida por DEUS, como anunciadora e educadora dos novos tempos, você professor e professora, dê um pouco de si ao bem de todos os seus alunos, a educação e educação cristã, não desanimem” (HILDA DE SOUZA, 1999).

Podemos identificar uma analogia que ela faz entre a Virgem Maria (escolhida por Deus para uma missão), e o professor [a] que está a exercer esta carreira por ter uma vocação, um chamado para a mesma. Suas palavras revelam as fortes características religiosas próprias do contexto cristão. Tal contexto influenciou a concepção de magistério de outras docentes, dentre elas, Maria Bronzeado Machado, professora da cidade de Remígio – PB que iniciou a sua trajetória docente em 1934 e que concebia o magistério enquanto predestinação. A respeito dessa educadora vemos que:

Em seus escritos, Maria Bronzeado Machado expõe seu amor pelo magistério e a forte influência adquirida durante sua formação, já que a mesma atuou em colégio religioso, cujos ensinamentos indicavam que a mulher era destinada a ser companheira do homem e mãe dos seres humanos, e seus atributos naturais ligavam-se ao cuidar, velar, conservar, alimentar e promover os mesmos. Foi com essa concepção ideológica de que a profissão exercida pela mulher é um sacerdócio, que a professora Maria Bronzeado adentrou ao magistério (VILAR; et.al, 2011, p.45).

Essa permanência ideológica da concepção de magistério primário associada a uma vocação, que está ancorada nas raízes educacionais da História da Educação Brasileira ainda identificada na atual concepção de Hilda de Souza estará relacionada a possíveis imposições culturais adquiridas em sua história religiosa?

Tendo ela uma extensa trajetória voltada para as atividades religiosas a serviço da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Milagres que atende ao município de Brejo do Cruz-PB através das atividades próprias do catolicismo, Hilda de Souza, já na sua juventude começa a

prestar serviços a essa população, aos fiéis desta paróquia, por meio das diversas responsabilidades a ela atribuídas nessa caminhada.

Vejamos algumas de suas “missões” desenvolvidas: iniciou desenvolvendo os cânticos religiosos, sendo a cantora oficial da referida igreja e também zeladora do Apostolado da Oração. Encarregou-se por mais de 30 anos pela ornamentação da Igreja para a festa de Coroação da Padroeira. Atuou também como catequista voluntária por mais de 40 anos, preparando as crianças para a primeira comunhão. Recebeu o título de Ministra Extraordinária da Eucaristia, e exercia a solidariedade levando a comunhão aos enfermos em suas casas na cidade de Brejo do Cruz, como apresentado na imagem que segue.



Figura 10: Hilda de Souza ministrando a Eucaristia, s/d.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

A apresentação dos cargos que a nossa biografada ocupou na Igreja Católica nos evidencia que o seu lugar de fala será marcado pelos traços do catolicismo. Nesta perspectiva, a concepção de magistério de Hilda de Souza remete a uma concepção cristã do mundo, concebendo esta profissão como uma “vocação”, uma missão que deve ser efetuada pelo professor/a independente do esforço que tal atividade possa requerer.

Analisarmos o conceito de magistério primário de Hilda de Souza foi uma estratégia cujo objetivo é reforçar que esse conceito faz parte de um universo cultural oscilante, uma vez que, por trás desse conceito de *vocação* existem particularidades históricas e sociais

produzidas e reproduzidas ao longo do tempo, que contribuíram para a formação de sua identidade profissional.

Os estudos de gênero para essa análise nos permitem refletir o porquê da memória coletiva não colocar em evidência nos registros da historiografia brasileira que o conceito de vocação associado à docência do magistério primário tem suas raízes na origem da História da Educação brasileira, desmistificando assim, que o conceito de vocação foi criado e reproduzido pelas mulheres.

Neste sentido poderia se pensar que esse conceito de vocação teria sido elaborado historicamente pelas mulheres, em uma sociedade, cujas memórias foram silenciadas diante de um sistema patriarcal, em que suas vozes inexistiam em razão do fator biológico do sexo que as caracterizava como frágeis e determinava serem submissas aos homens?

Essa é a impressão que fica ao nos depararmos com estudos que se apoiam no conceito de vocação como identidade da profissão docente, bem como, utilizam para justificar a feminização do magistério primário, não revelando que foram os homens, os elaboradores e precursores desse julgamento de vocação para o exercício da prática docente, conforme vimos anteriormente com base em alguns períodos históricos.

O pensamento de magistério de Hilda de Souza está arraigado na ideia do ser professor/a enquanto uma vocação. Tal concepção reflete o pensamento difundido no contexto em que nossa depoente esteve inserida no recorte temporal ao qual nos reportamos no presente estudo.

A concepção de magistério enquanto uma vocação do feminino esteve tão arraigada por décadas, e em certo sentido, no próprio contexto atual, que as próprias denominações utilizadas para esta profissão remetem a mulher amorosa, meiga. Uma destas ideias é a da “Tia” que tende a associar a professora a aquela mulher que não casou e optou por exercer a sua suposta vocação. Hilda de Souza difere de tal concepção a partir do momento em que construiu a sua união matrimonial, como veremos a seguir.

2.3 O casamento

*Ao morrer das tardes, quando as melancolias
vem visitar-me, sinto um coração cheio de
saudades tua. Meu pensamento vai buscar-te
na distância que nos separa. Não sei como
poderei suportar essa ausência. Vivo bastante*

contrariado, misturando trabalho com amor, o que achas? (Trecho de uma carta de Ivandir de Souza à Hilda de Souza, 17 de Dezembro de 1948).

Ano de 1948. Um marco na vida afetuosa de Hilda de Souza. Saudades, esperanças e melancolias, assim como expressas na carta acima transcrita, penetravam os corações de Ivandir de Souza e Hilda de Souza. Sentimentos cruzavam-se nas fronteiras que separam os municípios de Brejo do Cruz e São Bento-PB, sendo que por intermédio de um senhor que servia de portador, tais sentimentos expressos em correspondências ultrapassavam essas fronteiras chegando a seu lugar de destino.

O mensageiro era conhecido por Zé Ajudante, esse era o apelido pelo qual as pessoas daquelas regiões o conheciam. Trabalhava de motorista levando e trazendo as pessoas desses dois municípios nos dias das feiras locais. Também era muito conhecido por ter sido motorista do Senhor Dão Silveira. Abaixo apresentamos algumas dessas correspondências.

São Bento 17 de Dezembro de 1948

Minha sempre saudade Hilda
Mab. Felicidades!

Os momentos das tardes quando as nuvens
vêm visitar-me, sinto uma coisa
chamar de saudades tuas!

Minha preocupação vai buscar-te na coisa
que nos separa. Não sei como poder
superar esta ausência, vivo bastante co-
modo, misturando trabalho com amor
que achas? não sei quando irei tornar.

As saudades me cercam dia a dia. Eu
me conformava de estar-me na tua
para contemplar tua alma bem de perto
que tanto me consolava. Mas é in-
úmeros devermos nos conformar com
que Deus determina não é? Tenho de
fazer assim? estou mais conformada? eu
seguir é como antes, sempre firme, tu
sempre a saudade, saudade de

Figura 11: Carta de Ivandir de Souza a Hilda de Souza
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Sempre parece ~~comprometido~~ te procurei, Hilda
 em tua costa sentando grande indigestão
 por que é que achas? deprecia acoutar, mas achas?
 por que é que achas? deprecia acoutar?
 Porventura iremos morrer? ou não desaparecer?
 Não para mais tudo é fácil, e com especialidade
 isto, isto é uma coisa que é chertum já trape,
 os outros planos já estão feitos e já maneira
 alguma podemos desparado. Esta minha
 missão, só deus com e como posso poderei despa-
 arto, que achas? creio que será assim,
 Estou pensando que já está muito estúpido, e
 pode te aburrecer.
 Aqui fica a espera de boas notícias.

 Crente um coração sincero e cheio de
 saudades, crente que te amo para sempre.

 Ivandir de Souza

Mandei dizer ao meu irmão e mulher aqui pois não
 posso ir esta semana aí, porque estamos trabalhando
 do no balcão da casa e só podemos sair
 quinta-feira próxima.

 O mesmo

Figura 12: Carta de Ivandir de Souza a Hilda de Souza (Continuação)
 Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

No decorrer de três anos correspondências foram trocadas e por meio dessas podemos identificar o lado poeta de Ivandir de Souza que não hesitava em revelar seus sentimentos pela mulher amada, com quem desejava viver os futuros dias de sua vida.

Ao falarmos de um amor cortejado em versos de poemas, rememoramos as heranças deixadas por nossos colonizadores, sendo que em sentido oposto aos significados outrora ditos nas poesias dos tempos coloniais. Assim compreendemos que:

O amor cantado em prosa e verso, vindo de Portugal, com os primeiros colonizadores ficava muito distante do dia a dia. Com a presença da Igreja e seu forte projeto de cristianizar a colônia, o que vem para cá é, exatamente, o que estava por trás das representações poéticas. Ou seja, práticas patriarcais e machistas, que ao transplantar-se para a colônia, trazem em seu bojo a mentalidade de uma desigualdade profunda entre os sexos. Ao homem a vida na rua, a vida pública, para a mulher a vida em casa, na privacidade. (PRIORE, 2006, p. 111).

Romantismo, característica essa, rara de se encontrar ou se revelar nos homens de uma sociedade machista, onde, para “ser homem era preciso falar grosso”, neste sentido, esse senhor “foge” desse padrão de conduta masculina que continuava a se reproduzir em meados do século XX, como podemos observar através de sua escrita, a exemplo, no poema Queres Bem. Vejamos um trecho deste poema.

Querer bem é guardar dentro d’alma escondida/ Como relicário a lembrança de alguém/ é sonhar acordado é ter suspensa a vida/ Num olhar que nem sabe o encanto que ela tem/ É aquela crença forte e nunca desmentida/ Naquela que se espera e que talvez não venha/ É aquela dor atroz e sempre incompreendida/Que a fonte via sofrendo e não conta a ninguém (Querer Bem, Ivandir de Souza, 19/3/1950).

Durante o século XX a sociedade brasileira se encontrava em profundas mudanças em decorrência dos processos de urbanização e industrialização nas décadas de 30, 40 e 50. Sobre as mudanças sociais características dessa época vemos que as “novidades impostas de forma desigual em todo País, somadas ao êxodo campo-cidade, acabavam por diluir as redes tradicionais de sociabilidade, democratizando as relações afetivas” (PRIORE, 2006, p. 300)

As transformações sociais resultantes desses processos modificavam as relações afetivas entre homens e mulheres nos espaços laborativos e também afetivos. Em relação a esse último, as mudanças advindas do novo modelo de sociedade que emerge faziam com que certos pudores afetivos fossem substituídos por novas práticas de afetos. Um exemplo disso é o beijo, que eclodiu juntamente com as inovações refletidas nas telas de cinemas, e que, até então, não era algo comum aos olhos da sociedade. Nesta perspectiva:

Impondo-se a participação da mulher no trabalho da fábrica, da loja, do escritório, a urbanização rompe o isolamento tradicional da família brasileira rica ou pobre, e altera de maneira decisiva o *status* da mulher, trazendo-o cada vez mais para perto

dos homens. As consequências imediatas podem ver-se nos novos tipos de recreação e de namoro que implicam contato muito mais frequente e direto entre rapazes e moças, tanto entre gente comum quanto na burguesia. O hábito de ir a danças, ao cinema, e o costume universal de footing estão destruindo (pela substituição por processos mais íntimos), a organização tradicional do namoro com bilhetes, palavras bonitas, serenatas, chaperons. E acima de tudo estão modificando a iniciativa para o casamento, transferindo-as dos pais para as próprias partes interessadas, uma vez que com a dissolução do sistema de parentesco, está se tornando cada vez mais uma questão individual e não de grupo. (CANDIDO apud PRIORI, 2006, p.300).

Foi nesse contexto social brasileiro que os dois se casaram no dia 05 de setembro de 1951, às 19h, na Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Milagres na cidade de Brejo do Cruz. As bênçãos matrimoniais foram aclamadas pelo Pe. Sandoval Ferrer que celebrou a união de Hilda Costa de Souza e Ivandir Melquiades de Souza nos “pés do altar”, uma vez que, Ivandir de Souza havia mandado uma carta para o pai de Hilda de Souza, pedindo a mesma em casamento. Vejamos,

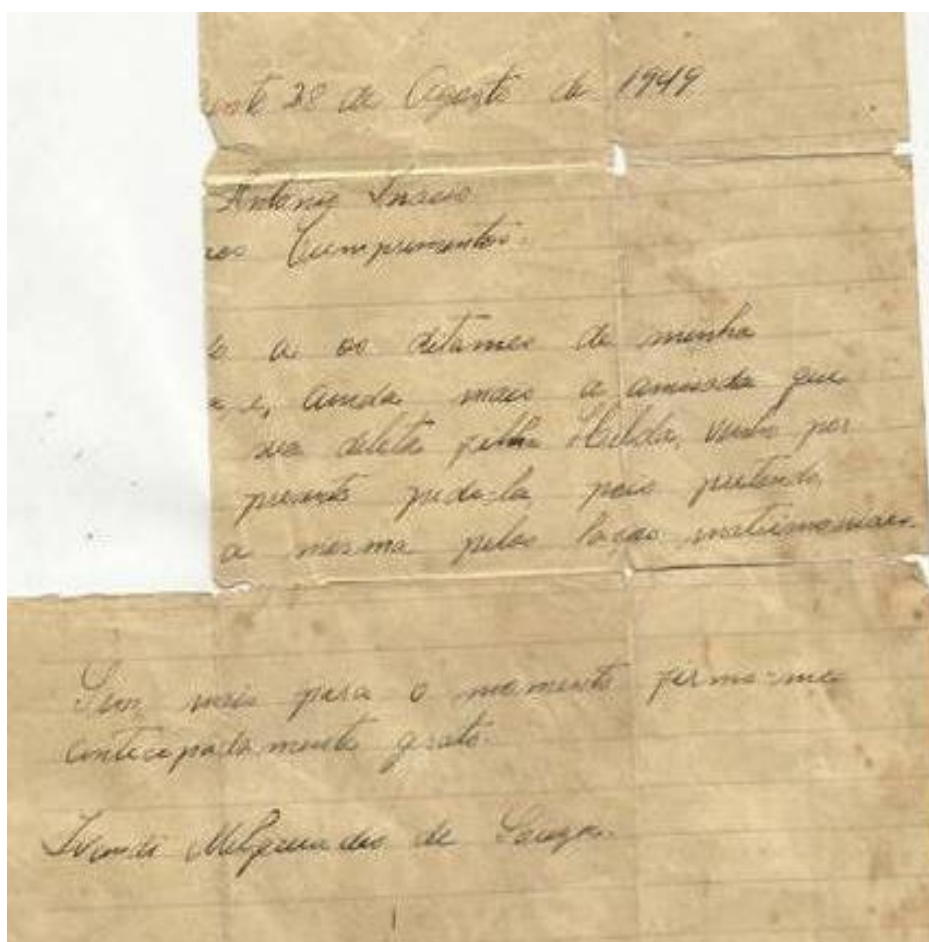


Figura 13: Pedido de casamento, 1949.
Fonte: Arquivo de Hilda de Souza

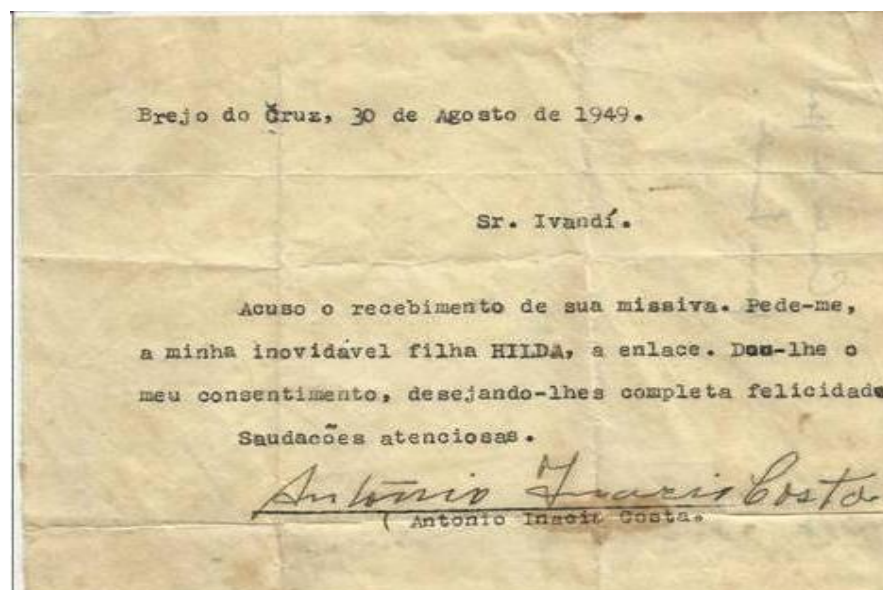


Figura 14: Resposta do pedido de casamento, 1949.
Fonte: Arquivo de Hilda de Souza

“Subir ao altar” sonho de muitas mulheres, é uma tradição mantida e reproduzida ao longo dos séculos pelos fiéis da religião católica. O que pode ainda ser constatado no século XX, apesar de, essa tradição ter suas origens em sociedades cujos processos culturais estão bem distantes dos atuais. Assim:

[...] em meados dos séculos XVI, já existiam, do lado católico, dois objetivos a propósito do casamento: reafirmá-lo como sacramento, pois, protestantes como Lutero o julgavam apenas como uma “necessidade física”. E convertê-lo em instituição básica da vida dos fiéis, eliminando os ritos tradicionais e substituindo-os por uma cerimônia oficial e, ai, com padre e altar (PRIORE, 2006, p.74).

Com base nos relatos da autora fica claro que existia outra tradição para a efetivação do casamento. As promessas que atualmente são feitas aos padres na realização de um casamento, em épocas anteriores a essa em que aconteceu esse enlace, aconteciam com as juras de casamento “feita pelos homens à família da noiva- os chamados esponsais ou despensórios” (PRIORE, p. 73,2006).

Os termos esponsais e despensórios precedem ao termo casamento. Em comemoração aos esponsais, aconteciam as trocas de presentes diante da comunidade, ato que declarava a união conjugal entre um homem e uma mulher.

Desse modo, o casamento na sociedade brasileira exerceu papéis diferentes em contextos sociopolíticos e econômicos diferenciados, em que cada cultura estabelece

comportamentos e anseios distintos para homens e mulheres. As transformações peculiares de cada modelo de sociedade são acompanhadas pelos diferentes papéis e espaços conquistados pelas mulheres nos mais divergentes contextos sociais. Os valores conjugais estabelecidos no casamento modificam-se de acordo com o papel social assumido pelas mulheres ao longo da história.

As expectativas das mulheres em relação à ação matrimonial ocorrem analogamente aos processos de transformações sociais, econômicas e políticas, que desestabilizam as relações familiares à medida que ganham estabilidade em decorrência dessas mudanças. É o que chamamos de ciclo reprodutivo das continuidades e rupturas dos sistemas de organizações sociais.

A palavra casamento nos traz à memória o sentido de festejos, comemorações, alegrias compartilhadas, que na maioria das vezes são identificadas nos largos sorrisos dos recém-casados, presentes nas fotografias, que, geralmente, são cuidadas como verdadeiras fontes históricas que o são.

Desse modo, podemos dizer que a seguinte imagem revela o oposto de um momento alegre e feliz, que geralmente é expresso nas faces dos recém-casados?



Figura 15: Casamento de Ivandir de Souza e Hilda de Souza, 1951. Fonte: Acervo de Hilda de Souza

Aparentemente estaria Hilda triste ou querendo expressar facialmente a sua insatisfação em casar-se com o respectivo senhor? Como dissemos anteriormente é preciso que observemos os valores sociais próprios de cada sociedade para que possamos elaborar qualquer juízo de valor sobre eles. Logo, as hipóteses acima são propositalmente falsas, uma vez que Hilda de Souza declara a sua felicidade como fruto desse casamento ao rememorar alguns fatos em momentos de nossas entrevistas.

Com base na análise da fotografia acima exposta, bem como das narrativas de Hilda de Souza, objetivamos que o leitor tivesse uma reflexão cujos espelhos comportamentais das mulheres do século XX pudessem mostrar-se por meio dessa imagem. Seriedade, sorrisos contidos, posturas elegantes em público eram observados no andar, sentar, ou seja, em todos os gestos desenvolvidos pelas mulheres, que os destacavam como sendo uma mulher séria, ou seja, educada nos moldes de uma sociedade onde, para o casamento existia uma educação, padrões de comportamentos destinados a elas.

Aqui está o significado das fortes características presentes na ausência de um sorriso, reveladas na fisionomia de Hilda de Souza, cujas expressões devem ser observadas de acordo com o contexto em que vivenciava, pois revelam “estar preparada” para a finalidade do casamento, com base na educação que recebeu refletido também por meio de sua seriedade facial, conforme a imagem em questão.

Casamento nessa configuração de sociedade, que se inseria o casal Hilda de Souza e Ivandir Melquiades de Souza, reflete uma característica comum entre as mulheres desse contexto social, que era o grande número de filhos gerados por elas.

Assim, trazemos, em memória, Theodora Maria da Conceição pela sua importância na vida de Hilda de Souza, com quem esteve ao exercer a significativa responsabilidade de ajudar a Hilda de Souza a “dar a luz” com a chegada de alguns de seus filhos.

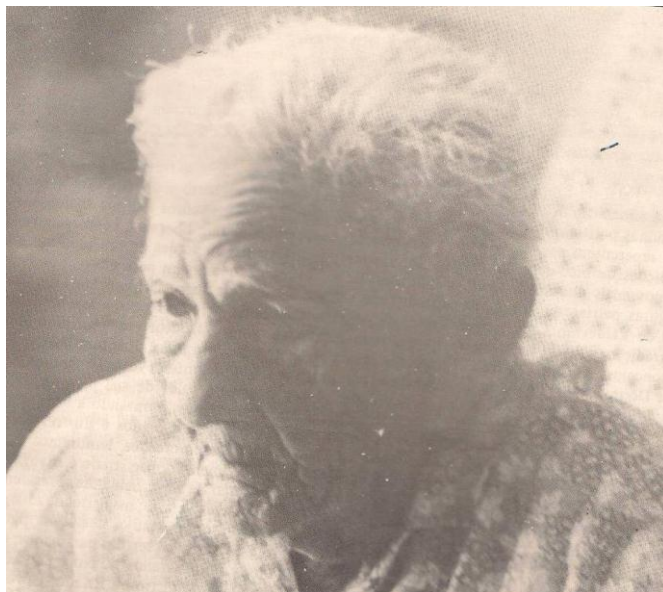


FIGURA 16: Theodora Maria da Conceição, s/d.
Fonte: GALVÃO, Raimundo Ferreira.
Brejo do Cruz: fragmentos para sua História.

Lembrada também quando esse município celebrou os seus 104 anos de emancipação política no ano de 1986, quando encontrava-se com 109 anos de idade. Sobre ela:

[...] parteira [...] Theodora exerceu essa atividade até aos 103 anos, foi quando a sua visão escaceou fazendo-a finalizar sua brilhante e honrosa carreira. Não se precisa o tempo de vivência na profissão, mas, arriscamos uma previsão de aproximadamente 60 anos. Sendo mais velha que a própria autonomia político-administrativa do município, é sem dúvida “a mãe de todos” e que por sua dedicação e amor as suas “comadres” tornou-se uma figura expressiva, sempre lembrada e até cantada em versos por cantadores sensibilizados, numa das comemorações da festa da municipalidade. [...] Numa rápida entrevista a repórteres vindos da Capital mostrou-se firme ao falar das terríveis secas como as dos “três oitos, de 15, de 32 e de outras, lembrando-se da passagem do cometa de Halley. Chegou ao Brejo do Cruz em 1924, viúva e carregada de filhos. Na labuta, muitas vezes passava até 30 dias pelas redondezas metida nos afazeres de parteira. Na sua simplicidade e meiguice, ao ver o fotógrafo, mostrou-nos uma pontinha de vaidade feminina, “pediu para se arrumar: “Só gosto de tirar retratos com roupas pretas”“. Natural de Araruna casou-se aos 13 anos e teve o seu primeiro filho quando o século XX ainda não tinha começado. Brejo jamais esquecerá- a verdadeira heroína, que de uma só mulher chegou a aparar 30 filhos. (GALVÃO, 1988, p.70).

Não chegando a “aparar” 30 filhos de Hilda de Souza, como assim aconteceu com outra mulher conforme nos confirmam os dados acima, Theodora “aparou” quase 20 filhos de Hilda de Souza. Isso acontecia “na época em que o município carecia de uma estrutura médico-hospitalar condizente” (GALVÃO, 1988, p. 69).

O trabalho exercido pelas parteiras no acompanhamento de mulheres grávidas é uma tradição mundial que perpassa milênios. E no Brasil as parteiras representam uma forte tradição cultural, sendo elas identificadas como “Mães da Pátria”.

E nessa tradição cultural, Hilda de Souza “dá a luz” a 20 filhos, para isso conta com o trabalho da parteira Theodora, que esteve presente por quase duas décadas, em momentos alegres, com a chegada de cada um desses filhos e também nos momentos tristes e difíceis, quando após alguns dias de vida alguns desses filhos registravam óbito. Assim, dos 20 filhos, apenas 11 sobreviveram.



Figura 17: Filhos de Hilda de Souza, 1973.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Nessa imagem acima se encontram reunidos os 11 filhos de Hilda de Souza, logo, a descrição na ordem do número de filhos que ela teve foi contabilizado ao considerarmos os anos cujos nascimentos de alguns filhos “não vingaram”. Analisando a imagem vemos que: encontra-se (1) Ivanilda, sua segunda filha, cujo nascimento ocorreu no dia 28 de outubro de 1952; (2) podemos identificar sua quarta filha Maria Bernadete nascida no dia 17 de abril de 1955; (3) está seu quinto filho, Ivandir Filho, que nasceu no dia 04 de setembro de 1956-herdar o nome do pai era uma tradição da época, por isso era uma prática bastante comum no referido contexto. (4) vemos o seu oitavo filho Francisco das Chagas que nasceu no dia 23 de abril de 1960; (5) está seu nono filho Cicero Antônio, nascido no dia 17 de julho de 1961; (6) podemos ver Roberto, seu décimo filho, que nasce no dia 13 de fevereiro de 1964, momento no qual a sociedade brasileira vivia os dilemas da Ditadura Militar; (7) está seu décimo primeiro filho, Sebastião Marcos, nascido no dia 24 de março de 1965; (8) vejamos Wilson Paulo, décimo segundo filho que “vem ao mundo” no dia 11 de fevereiro de 1966; (9) está seu filho Lazaro, décimo terceiro filho, nascido no dia 29 de abril de 1967; (10) Esta é sua filha Teresinha de Fátima, décima quarta filha, nascida no dia 25 de julho de 1968, Seu nome foi dado em homenagem a sua primeira filha, que faleceu aos 3 anos de idade vítima de parotidite, doença conhecida pela expressão popular papeira;(11) está João Bosco, seu décimo quinto filho, cujo nascimento ocorreu no dia 14 de abril de 1970 e que representa também o fim desse ciclo de reprodução humana, uma vez que esse é seu último filho.

Será que podemos pensar sobre essa crescente taxa de natalidade como uma consequência da ausência de métodos contraceptivos na época?

O século XX é acompanhado de constantes transformações sociais, políticas, econômicas e culturais. O ano de 1967 marca a legalização comercial da pílula anticoncepcional no Brasil, embora a circulação do mesmo ainda fosse muito restrita. Cabe ressaltar que a pílula significou uma conquista das mulheres e remetia as necessidades sociais, econômicas e culturais de uma época, sendo resultado de reivindicações do movimento feminista a nível mundial.

Esse método contraceptivo adotado pelo governo brasileiro tinha como objetivo controlar a crescente taxa de natalidade que ocorria no Brasil. Com o uso das pílulas, as mulheres poderiam planejar a quantidade de filhos que desejariam ter, evitando assim ter filhos “indesejáveis”. Porém, seu uso não se deu de forma generalizada e pacífica.

Evidenciamos a pílula anticoncepcional como sendo resultado dessas mudanças ocorridas com o avanço das ciências biológicas e tecnológicas, bem como, resultado das mudanças das culturas e dos conceitos.

Desde os primórdios da História brasileira, fica evidente o papel e a forte influência exercida pela doutrina da Igreja Católica nas instâncias dessa sociedade com objetivo de combater toda e qualquer ação social dos indivíduos, que possam ferir os princípios morais garantidos na doutrina do catolicismo. Neste sentido, tais mudanças, não são acatadas pela igreja:

Marcadamente através da Carta Encíclica *Humanae Vitae*, o Papa Paulo VI atualizou a doutrina da Igreja sobre o tema no ano de 1968, pouco tempo depois do advento da pílula anticoncepcional. Dada a sua importância histórica e seu caráter basilar para a doutrina católica para a discussão sobre a concepção e contracepção. [...] as biotecnologias anticonceptivas possibilitam a prática sexual com fins lúdicos, situando-a no campo do prazer. Em precisa oposição a isso, na *Humanae Vitae*, o magistério da Igreja Católica afirma que pela sua estrutura íntima, o ato conjugal, ao mesmo tempo em que une profundamente os esposos, torna-os aptos para geração de novas vidas, segundo leis inscritas no próprio ser do homem e da mulher. [...] assim, o Vaticano sustenta a legitimidade dos métodos naturais de contracepção que consistem basicamente em períodos de abstinência sexual exercidos pelos esposos que, precisando evitar o nascimento dos filhos por motivos sérios se dispõe a usar do matrimônio somente nos períodos inférteis (PASSAMANI; SOUZA, 2010, p.70-71).

Desse modo, está claro o grande distanciamento conceitual existente entre os princípios morais da Igreja católica e os princípios das políticas públicas adotadas pelo governo brasileiro em relação às pílulas anticoncepcionais.

Ao falarmos com Hilda de Souza em uma de nossas entrevistas sobre o uso dos anticoncepcionais, considerando que ela continua a procriar durante e após a circulação das pílulas contraceptivas no Brasil, direcionamos para ela a seguinte pergunta: nos anos de 67 e 70 já existiam as pílulas anticoncepcionais em Brejo do Cruz? Além do que lhes foi perguntado, responde:

Existia sim. Mas, eu não cheguei a tomar, pois, não era certo, era um pecado. Também não era bem vista pela sociedade as mulheres que evitavam ter filhos tomando pílulas anticoncepcionais. Eu graças a Deus nunca tomei... (HILDA DE SOUZA, 15/1/2011).

O discurso de Hilda de Souza estaria atrelado às bases de sua escolarização, a qual se deu em uma escola feminina? Esse discurso pode ser reflexo de um modelo de educação feminina que ideologicamente se posicionava contrária aos métodos contraceptivos, uma vez que as mulheres foram educadas nos moldes de uma sociedade patriarcal e católica onde seus

papéis remetiam a ser uma boa esposa, uma boa mãe, tendo sua vida restrita ao âmbito do privado, ao lar.

Ao analisarmos o posicionamento de Hilda de Souza em relação ao uso da pílula anticoncepcional, identificamos que suas palavras estão em conformidade com a interpretação dos princípios da doutrina moral do matrimônio, contidas no magistério da Igreja católica e reafirmadas na Carta Encíclica. Ou seja, reflete os conflitos éticos religiosos entre os princípios cristãos e os objetivos anunciados pelo governo na época para o controle populacional, uma vez que, em seu depoimento o “fato de tomar ou não a pílula” está integrado à concepção de pecado, ideologia reproduzida pela Igreja Católica Apostólica Romana.

É possível observar, conforme nos permite o método biográfico, já discutido em nosso primeiro capítulo que a trajetória da vida de Hilda de Souza provoca ler a sociedade na qual ela estava/está inserida. Nesse sentido, vemos que “a própria vida do biografado fornecerá pistas para outras fontes” (BORGES, 2005, p.214).

CAPÍTULO III: AS PRÁTICAS DOCENTES DE HILDA DE SOUZA NA ESCOLA FEMININA E NO GRUPO ESCOLAR FAUSTO MEIRA EM SÃO BENTO-PB (1948-1953)

3.1 Lembranças de um tempo...

Objetivamos com o desenvolvimento deste capítulo, apresentar ao leitor uma parcela da História da Educação do município de São Bento através de um estudo biográfico que tem como foco analisar as práticas docentes de Hilda de Souza, na Escola Feminina e no Grupo Escolar Fausto Meira.

Esclarecemos que as instituições escolares citadas acima são os cenários históricos revisitados via memória da professora Hilda de Souza, porém, não é o foco de nossa pesquisa. Não temos a pretensão de desenvolver um estudo destas instituições escolares, mas, uma discussão sobre esses espaços que estará presente nas próximas laudas, uma vez que foi nestas escolas que atuou Hilda de Souza nos anos de 1948-1953.

Neste sentido, é fundamental que o leitor, para melhor compreender nosso objetivo, esteja norteado pela seguinte indagação: qual a relação da memória de Hilda de Souza com a Escola Feminina e o Grupo Escolar Fausto Meira?

Este estudo permite apreendermos aspectos da origem da escolarização são-bentense, uma vez que o mesmo perpassa as elementares organizações educacionais da primeira metade do século XX nesta localidade.

“Ai meu Deus será que posso dizer isso?” (HILDA DE SOUZA, 15/1/2011). É com base nesse questionamento feito por Hilda de Souza em uma de nossas entrevistas, que compreendemos, que o jogo do lembrar e esquecer apontado pela autora Pesavento (2003) está diretamente ligado ao entrelaçamento das relações sociais estabelecidas entre os sujeitos, e que esse questionamento está presente em toda e qualquer narrativa, uma vez que, um entrevistado narra ao passo em que seleciona os ditos e os não ditos, pois, tem consciência de que sua memória é constituída por tantas outras.

O que o entrevistado pode ou deve revelar sobre outras memórias estará sempre norteando as suas falas. Essa foi uma recorrência marcante nos depoimentos da professora Hilda de Souza.

Desse modo, falar da História da Educação em São Bento no momento pesquisado significava para Hilda de Souza a contextualização de alguns fatos, que acabavam por revelar

o seu círculo de amizades, acontecimentos importantes em suas relações sociais e políticas, e que em alguns momentos foram decisivas para que ela de fato fosse professora, conforme veremos.

Buscar a memória das práticas docentes de Hilda de Souza significou percorrer além dos labirintos entre lembranças e esquecimentos, conduzindo-se a um revisitar de uma cultura escolar correspondente ao período pesquisado, e que se encontrava no acervo da professora biografada, o qual ela acreditava que não teria importância para nós pesquisadores, pois, segundo a mesma, ali era um lugar onde só tinha “coisas velhas”. Lugar este que, para nós, foi verdadeira descoberta de uma cultura escolar produzida e reproduzida no interior da Escola Feminina e do Grupo Escolar Fausto Meira.

Nas imagens que seguem podemos observar alguns elementos dessa cultura escolar e que são vistos na maioria das vezes como objetos sem valor, sem utilidade.

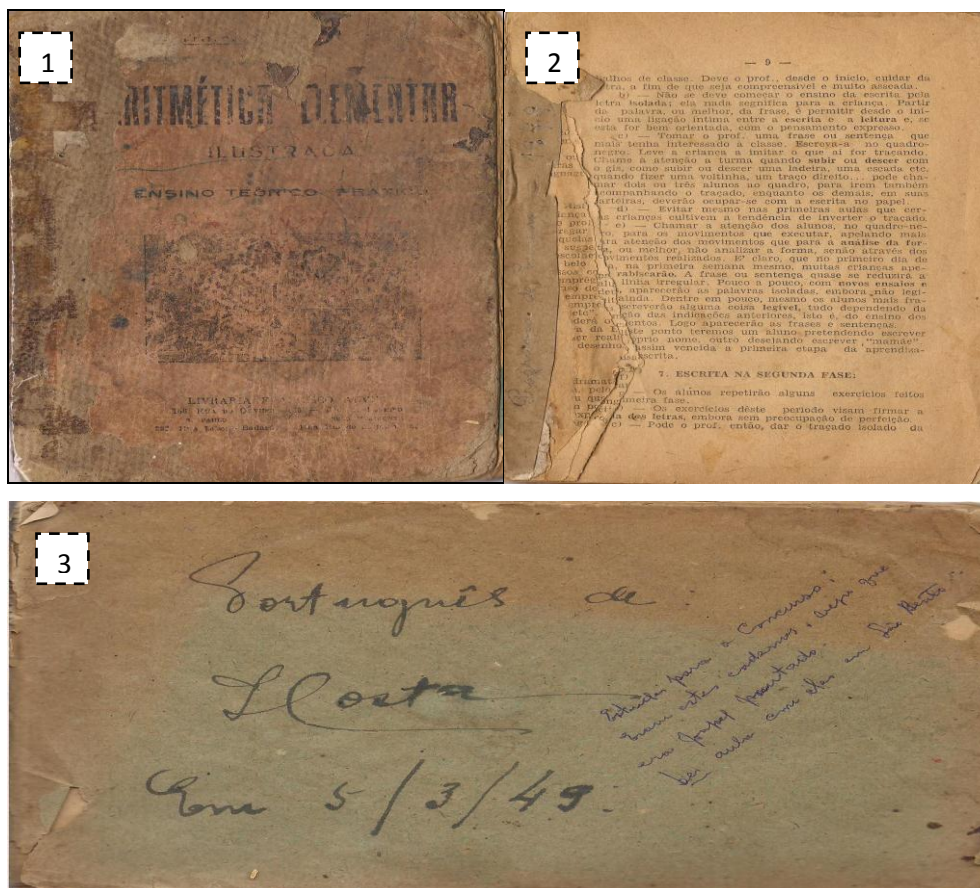


Figura 18: Materiais de Hilda de Souza. 1. Livro de Aritmética Elementar: ensino teórico-prático utilizado por Hilda de Souza no ano de 1949 no Grupo Escolar Fausto Meira; 2. Livro de Conteúdos Programáticos distribuído no ano de 1949 pelo governo do Estado para os professores; 3. Caderno de Estudos e de Planejamento de Hilda de Souza utilizado entre os anos de 1947-1953. Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza.

O que pode nos revelar tais materiais, cuja cor deixa transparecer as marcas de um tempo, de uma memória, de uma cultura? Analisar as práticas docentes empreendidas por Hilda de Souza com base nestes materiais significa desenvolvermos um estudo que tenha a cultura escolar como ponto de análise. Compreendemos que a cultura escolar remete a um “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p.10).

Logo, os documentos fornecidos por Hilda de Souza, além de possibilitar compreender as suas práticas docentes, permitem identificar um conjunto de códigos culturais presentes no contexto entre os anos 1948-1953, período ao qual nos reportamos. Nesta perspectiva, “Tais documentos/materiais, quando encontrados, permitem rastrear um determinado conjunto de códigos culturais neles inscritos” (CUNHA, 2007, p.81). Ou seja, analisar os materiais portadores da cultura escolar dessa época, bem como o depoimento de nossa biografada nos permite compreender aspectos concernentes ao cotidiano escolar no período pesquisado. Assim compreendemos que é:

Da articulação entre saberes, práticas e materiais escolares é que se concretiza o fazer pedagógico que está no cerne da compreensão do funcionamento interno da escola e de sua função no tempo, espaço sócio-histórico (BENCOSTA, 2007, p.180).

Analisar as práticas docentes de Hilda de Souza nos aproxima do conhecimento sobre o panorama educacional de São Bento no período já mencionado, com base em duas distintas instâncias escolares, conforme as regras e padrões que regem cada uma delas. As leituras das práticas do cotidiano escolar, bem como das regras desse espaço, nos revelam outras normas que não estão restritas apenas a esse âmbito e que adentram pelo universo do religioso, do político, do econômico e das regras sociais.

3.2 Escola Feminina: reflexões sobre a ação docente de Hilda de Souza

“Lembranças de um tempo... Quando cheguei em São Bento era assim [...] acho que foi no mês de abril de 1948”(HILDA DE SOUZA, 12/10/2011).

Falamos de um tempo, época cujas terras são-bentenses ainda encontravam-se sob o julgo do município de Brejo do Cruz. Referimo-nos a São Bento de outrora, ou, São Bento remoto como um dia foi apresentado via memória de Ivonilde de Souza cujas lembranças e história desse lugar estiveram refletidas nas folhas de papéis, rabiscos permeados com a história dessa gente, singularidades da autora, emoções vividas pela mesma, a qual antes de falecer deixou suas memórias em forma de poesias, cujo título de sua obra seria Triunfo de um desejo. Em memória a quem outrora também foi professora dessa localidade, na qual desenvolvemos nossa pesquisa, compartilhemos.

São Bento Remoto

Foste grande mata virgem da natureza
Ostentavam às margens “piranhas” a beleza
O seu proprietário, aquele feliz herdeiro
A quem devemos um grande amor verdadeiro.

Habitavam as cobras, vagando em rasto lento,
Por isso que houve teu batismo, por São Bento.
Das cobras bravas foi se dando o seu regresso
Neste planalto foi começando o seu progresso.

Reproduziu em lindos quadros bem exatos
Aquele transformou seus cabelos em atos
Nestas paisagens que sopra a brisa fagueira
Veio o seu fundador o nobre Manoel Vieira.

[...]

Uma capelinha erguida para oração
Diz de católicos e bons cristãos descendemos,
Pequenino vulto a São Sebastião erguemos,
Entretanto em procissão, abençoa o torrão.

[...]

Manoel Vieira e Leandro Pinto com ardor
A nossa glória a vós prestada com amor,
São Bento coração foi de Brejo do Cruz
Nossas memórias refletem em brilho e luz,
Vossos feitos, prova de um imortal valor [...]

(Ivonilde de Sousa. *Triunfo de um Desejo*, 1994).

A leitura das estrofes acima nos permite “aproximar” um pouco dos principais marcos originários, sociais e culturais dessa terra. Guiando-nos por estes pontos situamos o leitor quanto à localização de São Bento, não mais distrito de Brejo do Cruz, uma vez que no dia 29 de Abril de 1959 houve sua emancipação política, tornando-o um município independente.

O município de São Bento está localizado no alto sertão paraibano, lembrado por seu clima quente por quem lá certo dia passou, uma vez que tem como vegetação predominante a causticante caatinga. Trazemos a imagem ilustrativa abaixo da ponte sobre o Rio Piranhas, uma das riquezas naturais deste município já rememorado na história contada em versos de poesia por Ivonilde de Souza.

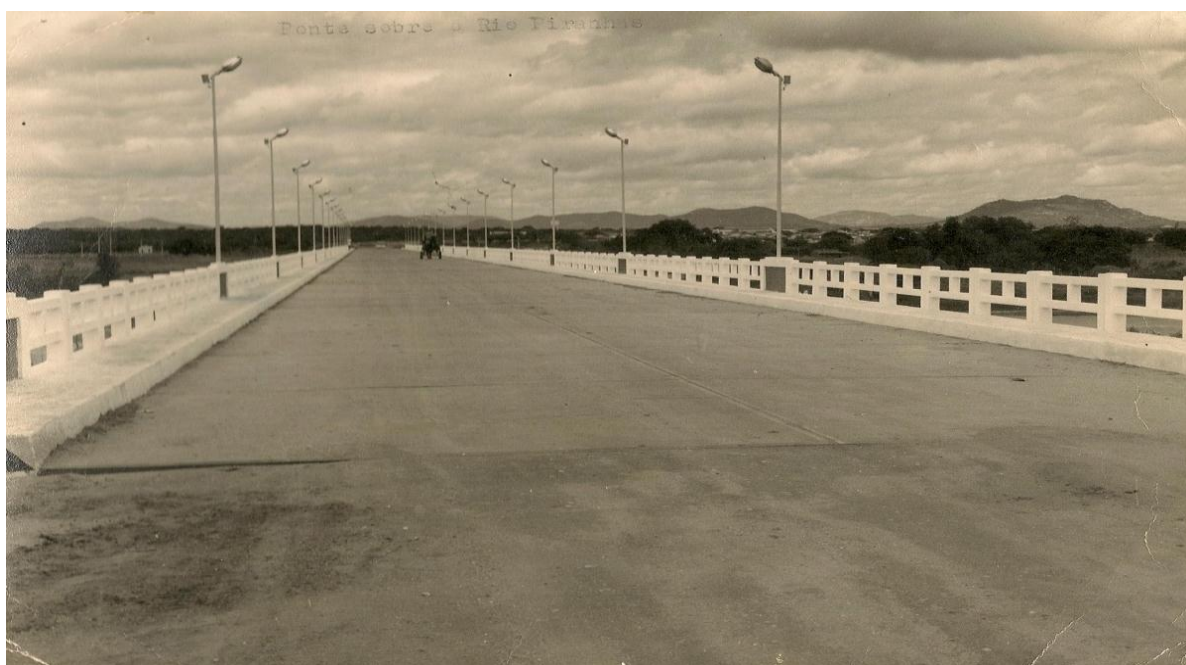


Figura 19: Ponte sobre o Rio Piranhas/ São Bento – PB, 1974.

Fonte: Acervo Pessoal de Laécio Inácio da Silva.

São Bento é atualmente conhecido como a “terra das redes” devido ao seu destaque na fabricação artesanal das redes de dormir. A ponte acima visualizada se constituiu como um mecanismo que possibilita o escoamento desta produção. A referida cidade limita-se ao Norte com o município de Brejo do Cruz- PB; ao Sul faz divisa com os municípios de Paulista-PB e Serra Negra do Norte-RN; ao Leste faz fronteira com o município de Jardim de Piranhas- RN; e ao Oeste limita-se com o município de Riacho dos Cavalos-PB.

Assim como tecer uma rede é uma arte que requer a habilidade e a criatividade do artesão, biografar remete a construção de uma tessitura na qual o pesquisador deve ter a coragem de “viajar” juntamente com o biografado pelas marcas de uma época, cujos registros das mesmas muitas vezes só existem no cruzar das lembranças de um tempo resguardado em sua memória.

Referimo-nos aos anos de 1948-1953. Lembranças, memórias, esquecimentos ou silenciamentos imersos nos fragmentos de uma história, revelados nas narrativas de Hilda de Souza em um tempo presente através de uma releitura de um tempo passado, podem ser refletidos a partir da perspectiva de que:

Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato, há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. Ele incorpora não só o relebrado no plano da memória pessoal, mas, também o que foi preservado ao nível de uma memória social partilhada, ressignificada, fruto de uma sanção e de um trabalho coletivo. Ou seja, a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer (PESAVENTO, 2003, p.94).

Concordamos com Pesavento (2003), uma vez que, aproximar-se da História da Educação de São Bento por meio de fragmentos de uma história vivida pela professora Hilda de Souza acontece quando compreendemos que, apesar de partirmos de um “único discurso”, ou seja, de uma memória individual, outras memórias invadem nosso trajeto de investigação.

Isso é confirmado em momentos de nossas entrevistas, quando buscamos a memória de suas práticas docentes e, logo, lembranças dos senhores Francisco Almeida Carneiro, Maria do Socorro Ribeiro, casal que prestou seu apoio e solidariedade ao acolhê-la em vossa residência quando chegou para lecionar em São Bento, e ainda João Agripino³ surgem em seus relatos.

João Agripino, entre outros, contribuem para a constituição e atribuição de sentido para o desfecho da história que está arquivada na memória de Hilda de Souza ao recordar de momentos de sua atuação na Escola Feminina e no Grupo Escolar Fausto Meira.

³ De acordo com Citadino (2006) João Agripino iniciou a sua vida política enquanto Deputado Federal no ano de 1945 pela União Democrática Nacional – UDN. Sua atuação girou em torno das questões nacionais em detrimento dos conflitos e problemas locais. Em 1962 foi reeleito Deputado Federal, sendo que assumiu enquanto senador, não chegando a concluir esse mandato já que tomou posse como governador da Paraíba em 1966.

Entendemos que um discurso representa o entrelaçamento das relações sociais. Neste sentido, o que um biografado pode ou deve revelar sobre um determinado fato o qual ele vivenciou? Sendo uma narrativa o resultado de uma seleção dos ditos e não ditos, uma vez que uma memória é constituída por tantas outras. E então, o que revelar de outras memórias?

Aqui abrimos um parêntese para registrarmos brevemente a sensação de termos feito uma viagem no tempo, uma vez que fizemos o seguinte direcionamento à professora: dona Hilda fale um pouco de sua atuação na Escola Feminina. Acompanhem alguns dos momentos de nossas entrevistas:

Quando eu cheguei em São Bento, era mês de abril, não lembro a data não. Então quando eu fui para lá era Francisco Carneiro, como chamávamos Chico Carneiro, eu conheci aqui em Brejo do Cruz porque ele trabalhava como secretário da prefeitura municipal [...], e eu ensinava na Escola Reunidas de Brejo do Cruz (HILDA DE SOUZA, 15/1/2011).

Eis a forma encontrada por Hilda de Souza para situar-se no tempo, através das lembranças atravessadas por uma coletividade cujas recordações estão esmaecidas no tempo. Observemos a pergunta que foi feita a professora Hilda de Souza e percebamos o deslocar de sua memória ao evocar de pessoas e circunstâncias as quais são rememoradas quando indagada para falar de sua atuação na Escola Feminina em São Bento.

Aqui o leitor pode está se perguntando: Hilda de Souza respondeu ao direcionamento que lhes foi feito? Logo, lembramos Bosi (1987) em *Memória e Sociedade de Velhos*, onde discute ao longo deste livro que as lembranças dos depoentes configuram o tempo social o qual vivenciou.

Logo, compreendemos o percurso da narrativa da professora Hilda de Souza ao falar de sua chegada para lecionar em São Bento a partir do contexto de suas relações sociais estabelecidas ao longo de um tempo vivido, compartilhado e constituído por outras memórias. Nesta perspectiva, entendemos que “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, enfim com outros grupos de convívio e os grupos de referência a este indivíduo” (BOSI, 1987, p. 17).

Rememorar alguns fatos do contexto social que precederam a sua atuação enquanto professora do município de São Bento significa retroceder a uma conjuntura social que reflete alguns questionamentos, bem como algumas informações sobre as quais só encontramos registros via oralidade de nossa biografada.

A professora Hilda de Souza inicia sua trajetória docente no ano de 1946, dando aulas particulares em algumas residências de Brejo do Cruz, enfatiza que também dava aulas de religião, tendo como princípio orientador para esses ensinamentos o catolicismo, que indicava valores e condutas morais que o bom aluno deveria ter e exercer na sociedade.

E desse modo continua desenvolvendo o ensino das primeiras letras aos filhos dos senhores Bilim Rocha Maia, Terto Gomes e Joaquim Zuza. Isso, até o dia 5 de outubro do ano de 1946 quando é contratada como professora auxiliar de ensino das Escolas Reunidas de Brejo do Cruz-PB, através da portaria /1003/GD/ MJN assinada por Francisco Sales de Albuquerque então diretor do Departamento de Educação da Paraíba.

O revelar desse contrato de professora nos levou a direcionar alguns questionamentos para Hilda de Souza, os quais não constituíam o roteiro elaborado para nossas entrevistas, um destes foi: dona Hilda, como a senhora conseguiu o seu contrato de professora no ano de 1946, uma vez que nesta época, seria a senhora menor de idade? Vejamos trechos de uma de nossas entrevistas.

[...] Quem me ajudou foi Francisco Carneiro, eu chamava ele de Chico Carneiro na época, ele foi secretário em Brejo, e ele era político do município [...]. Ele veio para aqui para João Pessoa e trouxe os meus documentos para eu ensinar, e o secretário da educação disse que eu não tinha idade. Ai ele disse: mas essa pessoa o prefeito tem muito interesse por ela porque é uma pessoa que gosta muito de ser professora, de ensinar no lugar dos professores. Ai por isso teve jeito (HILDA DE SOUZA, 15/1/2011).

O relato da professora Hilda de Souza nos aponta indícios de suas relações sociais, a exemplo, com Francisco Carneiro, político, que fez uso de suas influências locais e sociais para interferir na organização político, administrativo e educacional do município através da nomeação da educadora. Vejamos o contrato de nomeação da professora Hilda de Souza.

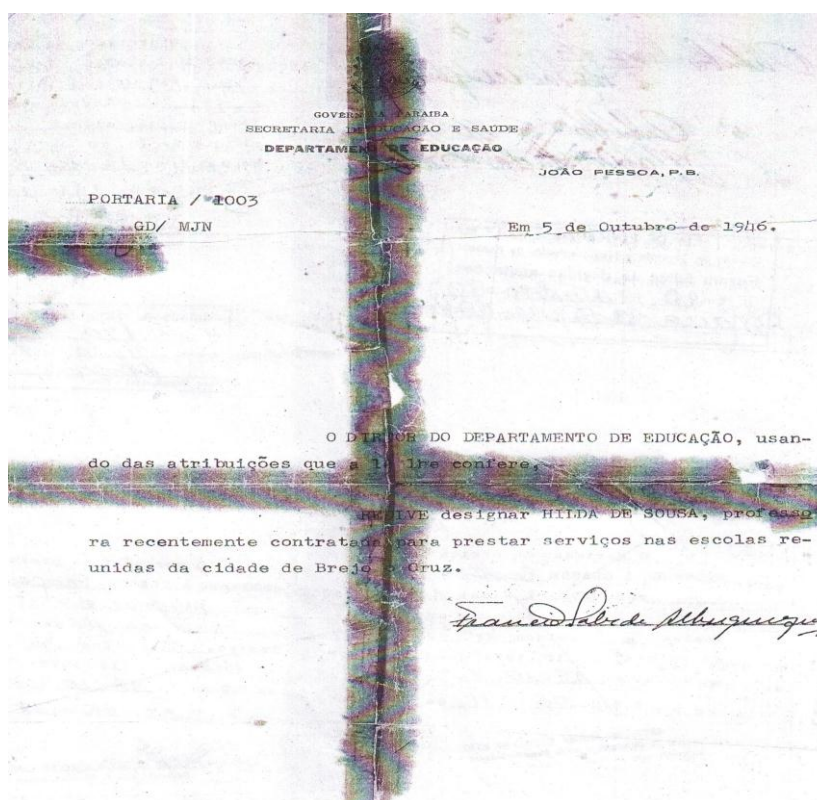


Figura 20: Nomeação da professora Hilda de Souza, 1946.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Este documento relacionado com a fala da professora nos remete a questionamentos acerca da contratação de docentes, de como acontecia à contratação no município. Poderíamos interpretar o contexto no qual foi concedido este contrato a partir de uma suposta influência política que ela exercia na cidade quando começou a lecionar?

Partindo da análise da memória da professora Hilda de Souza, podemos depreender aspectos concernentes à política local da época caracterizada pelo apadrinhamento político⁴ já que do ponto de vista legal ela não teria idade para assumir tal cargo? Lembramos que estas relações de apadrinhamento político era uma prática bastante comum nesta periodização pesquisada. Desta forma, compreendemos que:

Pensamos em memória, história e política considerando a existência de tensões entre o passado e o presente a partir da ação dos sujeitos como sujeitos políticos [...]. Focalizamos, então, a memória para entender a ação dos sujeitos, no seu tempo, e abstrair como a história construída pelos seus atos, contribuiu para a definição das

⁴ O apadrinhamento político remete a constituição de relações de favorecimento pessoal que violam os princípios constitucionais vigentes.

decisões políticas da educação, que por sua vez, se relacionam com o conhecimento historicamente construído em matéria escolar (PAIM; Et al, 2008, p. 22).

Seria interessante pensar o que era necessário para ser professora nesse período, tendo em vista que a política educacional brasileira admitia a atuação de professores leigos nas escolas. Percebemos isso, analisando o panorama educacional brasileiro, já que ele nos aponta este cenário; o percentual de professores formados era menor que o de professores que atuavam mesmo sem ter nenhuma formação para tal. Algumas justificativas para a configuração desse panorama se desvelava pela desvalorização profissional, salários baixos pagos aos professores, e a própria configuração do ser professor na sociedade e sua relação com a função destinada ao feminino.

A professora Hilda de Souza ao falar sobre a formação que teve para lecionar cita que fez um concurso público no dia 1 de Dezembro de 1947 no município de Brejo do Cruz, o qual determinava também suas habilidades para o magistério. Este concurso teria acontecido ainda em outros municípios da Paraíba, onde seria feito uma prova de conhecimentos gerais.

A sua aprovação permitiu-lhe ser contratada como professora da rede estadual de ensino na Escola Reunidas de Brejo do Cruz, onde já lecionava por meio de um contrato provisório conforme apresentamos.

A existência desse concurso até então só pode ser afirmada a partir da fala dessa educadora, mas, não podemos precisar de outras fontes sobre a ocorrência do mesmo. Sendo que as lembranças deste concurso ainda podem ser identificadas em outros momentos de sua narrativa, quando por meio desta ela retrata que:

[...] Naquela época havia uma diferença digamos assim, entre uma professora concursada, e uma professora diplomada. Geralmente a maioria das professoras diplomadas daqui da região estudou no colégio Francisca Mendes em Catolé do Rocha, onde eu também estudei quando passei no exame de admissão, mas tive que deixar porque tinha passado no concurso. As professoras que eram concursadas ganhavam menos que as professoras diplomadas, eu lembro de que eu ganhava menos que Maria do Socorro Ribeiro Carneiro, a minha amiga que tinha o apelido de Maria Bela (HILDA DE SOUZA, 23/9/2011).

Em relação a essa diferenciação que descreve entre uma professora diplomada e uma professora concursada, encontramos registros no livro *O Ensino Público na Paraíba: síntese histórica da secretaria de educação* que aponta já no início do século XX certo prestígio que tinha os professores diplomados na sociedade paraibana, uma vez que:

[...] Em seu relatório de 28 de junho de 1911, o professor Xavier Júnior revela-se um esclarecido estudioso dos problemas educacionais na Paraíba, tratando-os com segurança e desembaraço de quem vinha se dedicando ao longo do tempo as atividades de ensino[...] As necessidades mais palpitantes de nossas escolas primárias, são prédios e mobiliários adequados[...] O magistério primário, com a medida de estrito respeito à preferência dos diplomados no provimento das cadeiras, está constituído em sua maioria por pessoal apto para o desempenho das funções docentes (LEITÃO, 1987, p.29).

Destacamos a passagem que diz “o magistério primário, com a medida de estrito respeito à preferência dos diplomados” (LEITÃO, 1987, p.29), pois esta informação ao ser cruzada com a fala da professora Hilda de Souza quando nos aponta uma vantagem de ordem financeira dos professores diplomados em relação aos professores concursados, reflete um contexto de organização escolar da Paraíba do século XX e de seu processo de constituição.

As lembranças de Hilda de Souza refletem fragmentos de seu processo de construção histórica através do desvelar de suas relações estabelecidas socialmente, e que podem ser traduzidas através da ligação de sua memória com uma memória social, reveladora de elos sociais estabelecidos ao longo do tempo. Neste sentido:

Diríamos involuntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupou e que este lugar mesmo segundo as relações que mantenho com outros meios. [...] Todavia quando lembramos explicar essa diversidade voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (HALBWACHS, 1990, p.51).

Conforme já afirmamos anteriormente, o processo da memória se constitui e reconstitui com base em uma coletividade. E neste rememorar de alguns fatos que antecedem a sua atuação na Escola Feminina, Hilda de Souza dá continuidade a uma história por ela vivida a partir de uma “volta ao passado”, de uma resignificação desse tempo pretérito, que acontece através de suas reminiscências que direcionam ao remontar do ano de 1948.

O telegrama apresentado a seguir foi assinado por João Agripino e representa a contratação da professora Hilda de Souza para lecionar na Escola Feminina de São Bento no ano de 1948. Representa ainda a transferência dessa educadora, uma vez que a mesma trabalhava em uma escola da rede estadual de Brejo do Cruz.

Por que teria sido Hilda de Souza transferida para lecionar em São Bento? Entender o contexto de sua transferência nos direciona a algumas discussões sobre a sua inserção na Escola Normal Francisca Mendes.

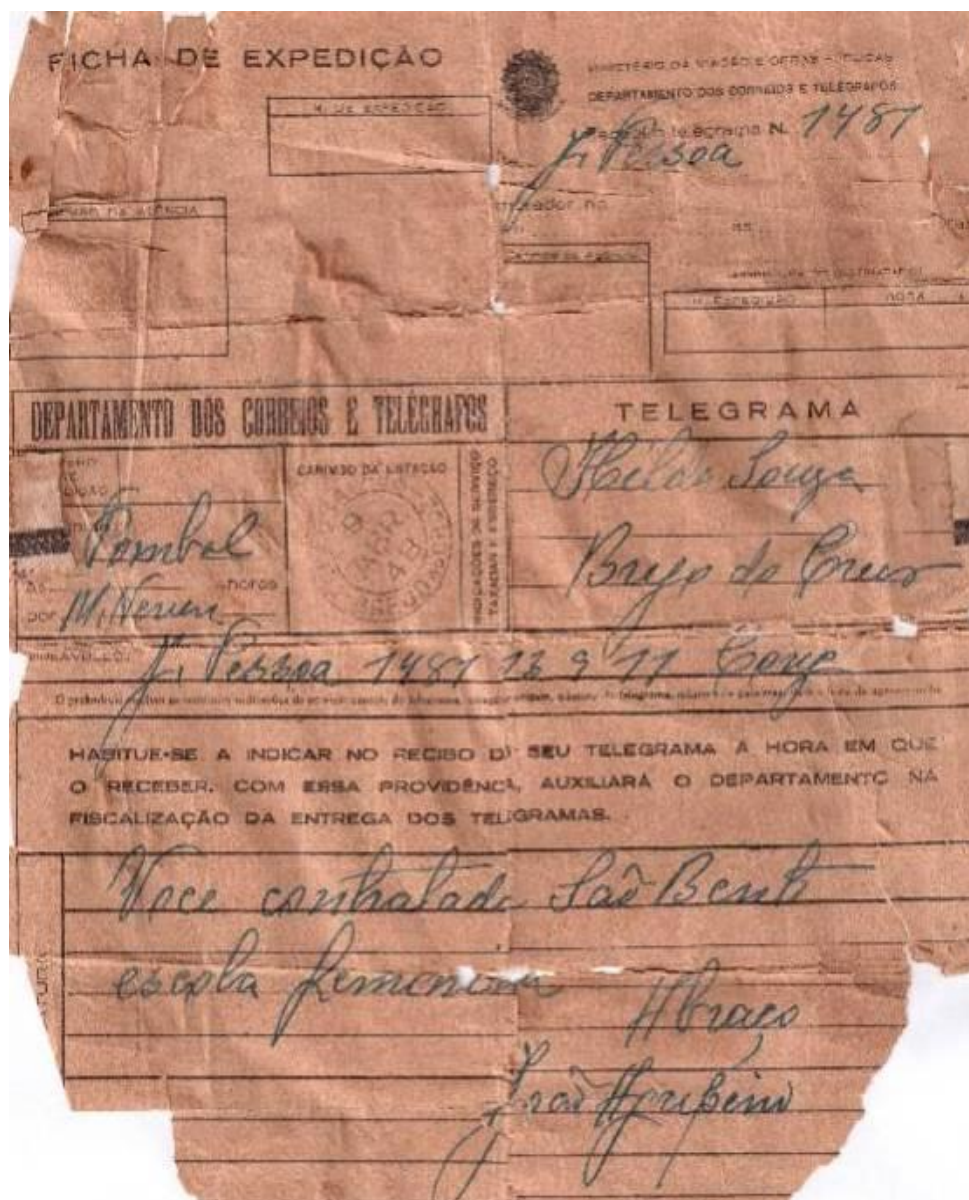


Figura 21: Telegrama de contratação da professora Hilda de Souza, 1948.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza.

Segundo Hilda de Souza, sua transferência ocorreu porque na época em que ela foi aprovada no concurso para professora da Escola Reunidas de Brejo do Cruz, estudava na Escola Normal Francisca Mendes em Catolé do Rocha, residindo na casa paroquial juntamente com outras moças devido aos seus escassos recursos financeiros, enfatiza que esta casa paroquial ficava em frente a um prédio chamado Leão XIII.

Ter que estudar e trabalhar ao mesmo tempo trouxe algumas implicações para a sua vida profissional, que perigava perder a sua vaga de professora em Brejo do Cruz. Neste

momento transitório em que se encontrava a vida da professora Hilda de Souza, podemos identificar mais uma interferência política. Referente a esse contexto ela diz que:

Doutor João Agripino, ele era chefe político de Brejo do Cruz, ele disse assim, era melhor Hilda que você não ficasse na casa do Padre, você, fosse é ser professora, a gente consegue a sua transferência [...] aí eu voltei para Brejo, quando eu cheguei Maria do Socorro ia se casar com Francisco Carneiro e morar em São Bento, e eu quando transferida para trabalhar em São Bento fui morar na casa deles. Aí eu fui para lá. Eu tenho o telegrama guardado, eu tenho e depois te mostro, nele diz Hilda você é contratada professora da Escola Feminina de São Bento (HILDA DE SOUZA, 23/9/2011).

A atuação da professora Hilda de Souza na Escola Feminina e no Grupo Escolar Fausto Meira poderia ser pensada a partir dos reflexos de um “apadrinhamento político”?

Como dissemos anteriormente, a informação de que em São Bento existiu uma Escola Feminina foi para nós uma descoberta, uma vez que procuramos por Hilda de Souza enquanto professora pioneira do Grupo Escolar Fausto Meira, e neste encontro, ela recorda não só a estrutura física e organizacional de ensino da época desta Escola Feminina, mais também essa conjuntura social e política aqui apresentada através de suas relações sociais.

Diz ela, “quando cheguei a São Bento existia uma escola Masculina, e uma Escola Feminina, ensinei durante o ano de 1948, e em 1949 fui ensinar no Grupo Escolar Fausto Meira permanecendo até o ano de 1953” (HILDA DE SOUZA, 15/1/2011).

As informações aqui elucidadas podem ser indicadoras das instituições educacionais existentes em São Bento na década de 1940. Em seu depoimento Hilda de Souza reportou-se a Escola Feminina, a Escola Masculina e ao Grupo Escolar Fausto Meira. Em específico, ao discorrer sobre a Escola Feminina, a biografada contempla no depoimento que segue, aspectos sobre o funcionamento desta instituição que:

Era em uma casa em frente para aquela rua velha, essa casa ainda está lá, a diferença é que alguém comprou o terreno ao lado, que era aonde a gente brincava no recreio, e que aonde tinha uma das janelas fizeram uma porta. A porta de entrada ficava na lateral, na frente da casa tinha quatro largas janelas. Ao entrar tinha uma grande sala, ao seguir tinha um corredor com um quarto de cada lado, no quarto do lado esquerdo do corredor tinha um sótão em cima dele, tinha uma escada por onde sobia para esse sótão [...] Eu me lembro que um dia uma aluna me disse que já ficou de castigo lá, mas, eu nunca botei ninguém de castigo naquele quarto fechado do sótão. Não! Eu nunca botei [...]. Depois desse corredor tinha outra sala onde botava os potes com água, pois não tinha filtro. Tinha uma cozinha, e um banheiro, que era fora da casa, lá pra trás no quintal (HILDA DE SOUZA, 2011).

Guiando-nos através das lembranças da professora Hilda de Souza, chegamos a esta casa situada na Rua Leandro Pinto, nº 283. Esta rua, na qual pode ser localizada a referida casa, é conhecida como rua velha, por ser uma rua das mais antigas de São Bento, onde foi construída a primeira praça e a primeira igreja. Confirmemos alguns dos aspectos externos da casa onde funcionou a Escola Feminina onde lecionou a professora Hilda.



Figura 22: Casa onde funcionou a Escola Feminina de São Bento, 25/8/2011
Fonte: Acervo da Pesquisadora

Conforme é possível visualizar na imagem acima, os aspectos externos desta casa estão em conformidade com a descrição identificada no depoimento de Hilda de Souza, ou seja, a estrutura permanece praticamente a mesma. A diferença é que no ano de 1948 no lugar onde atualmente se encontra a porta, teria uma janela. O depoimento da Professora Hilda de Souza sobre alguns dos entornos da Escola Feminina, as lembranças sobre o sótão, bem como, sobre alguns dos objetos que havia na escola como, os potes com água, podem ser compreendidos como reflexos de uma cultura escolar imbricada nos objetos, pois:

Neste sentido, a escola como lugar de memória é simultaneamente material, simbólica e funcional. [...] O mesmo se dá com os objetos usados na escola [...] continuam servindo como depositários de vivências ricas de significado, animados por nossos amores, estórias, toques revivido pela interação entre pessoas e coisa, agora apenas representada (NUNES, 2002/2003, p.5).

Mas do que aspectos concernentes à estrutura física da Escola Feminina, o depoimento de Hilda de Souza nos permite pensar o sótão como sinônimo de punição e de “disciplina”. O sótão, mais que um cômodo de uma instituição escolar, remetia a um espaço de temor por parte das alunas, conforme podemos verificar no depoimento desta professora.

Quando ela descreve o sótão, o faz na perspectiva de negar ou silenciar que tenha posto alguma aluna de “castigo”? Neste sentido, como pesquisadores podemos questionar: qual a sua intencionalidade neste ato de fala? Pensamos que os silenciamentos ou as negações presentes nos depoimentos orais muito têm a nos dizer, na perspectiva de que estes são permeados por intencionalidades e subjetividades. Ou seja, “o silêncio fala sem, contudo, nos dizer o que está escondendo” (BOSI, 1987, p.30).

Trabalhar com os depoimentos orais está além do empreendimento de entrevistas e sua posterior transcrição. É um exercício de leitura do dito e principalmente dos atos silenciados, assim como menciona Freitas (2006).

Atualmente, essa casa onde funcionou a Escola Feminina pertence à senhora Maria de Lourdes Dantas que juntamente com a sua filha, Ercicleide Lopes Dantas, nos deu total consentimento para adentrarmos aqueles espaços, os quais, sua estrutura física para nós já não era desconhecida, uma vez que por meio do processo de memorização da professora Hilda de Souza, cuja memória retratou tão bem aquele local, o que nos fez sentir “familiarizados” com cada espaço pelo qual percorremos. Ao revisitar sua memória a partir das entrevistas empreendidas, Hilda de Souza possibilitou a partilha de suas lembranças, permitindo que estas saíssem do seu corpo e passassem a serem vislumbradas por outros sujeitos, como nós pesquisadores. Desta forma:

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer, nos outros quer nas bibliotecas (LE GOFF, 1994, p.425).

À medida que adentrávamos naquele espaço físico, que outrora se constituía enquanto espaço de funcionamento da Escola Feminina, enveredávamos, por aspectos da memória de

O relato oral acima nos aponta além de aspectos concernentes a sua experiência docente, a interferência de uma cultura local no sistema organizacional de ensino, uma vez que, o calendário da Escola Feminina acontecia de terça-feira a sábado devido ao fato de que, as segundas-feiras era o dia da feira livre de São Bento, na qual ocorria a comercialização das redes de dormir.

Percebemos a ligação da memória de Hilda de Souza as representações organizacionais da sociedade, estando em relevo seu contexto político e cultural. Tal interferência cultural no âmbito educacional nos leva a refletir sobre o lugar de destaque atribuído a feira livre em São Bento, já que esta se constitui como um dos espaços primordiais de comercialização do produto por excelência desta cidade, as redes.



Figura 24: Feira livre de São Bento, 2000.
Fonte: Cartilha *São Bento – capital mundial das redes*, 2000.

Além de aspectos referentes ao cotidiano da Escola Feminina, o depoimento de Hilda de Souza sobre o calendário desta escola nos permite refletir sobre até que ponto os aspectos de uma cultura local podem interferir no espaço escolar.

Nossa biografada continua rememorando a Escola Feminina, elucidando que:

Era assim eu tinha 70 alunas, tenho uma fotografia com minhas alunas que foi tirada por compadre Genésio lá na praça da rua velha, aonde funcionou a escola, fomos para a frente da igreja tirar essa foto, foi a primeira igreja de São Bento, depois

derrubaram né. Bom, eu trabalhava de manhã e de tarde, essas 70 alunas eram divididas nos dois turnos. Digamos assim, a aluna que chegava lá para aprender as primeiras letrinhas, que é como hoje a gente fala alfabetização, mas, naquela época chamava zero, essas alunas estudavam de manhã com as alunas da segunda série, e a tarde estudava as mais adiantadas que era do terceiro e quarta série [...] Mas, quando eu comecei era difícil ensinar do zero. Colocava lá cópia, agora tinha que explicar a menina o que era a margem no papel para a pessoa escrever. A margem, tu sabe o que é a margem né, no papel? A linha. Quando ia terminando uma linha aí tinha um ponto para começar na outra linha, tinha que ser igualzinho às letrinhas na margem do papel. Aí por exemplo, de um lado da mesa tinha uma turma que estava ali copiando as letrinhas da cartilha do abc, e do outro lado da mesa estavam às outras alunas copiando a lição, as leituras que eu botava no quadro para elas copiarem. Assim também acontecia com as alunas da tarde. Em uma mesma sala estudavam as meninas da terceira e da quarta série. Aí como era em volta de uma mesa bem longa que tinha na sala, com duas bancadas, era assim como se fosse tamboretas, sabe, ficavam as do terceiro de um lado, e as do quarto do outro. E assim foi até quando Maria Bela chegou para ensinar lá também, acho que foi no mês de julho aí, ela ensinava na primeira sala da casa, e, eu passei a ensinar na segunda sala, aí foi melhor porque dividíamos as turmas, nos turnos da manhã e da tarde. Ainda tenho um livro de Aritmética que eu dava aula na Escola Feminina (HILDA DE SOUZA, 15/1/2011).

Este depoimento apresenta o reconhecimento de Hilda de Souza sobre o tempo histórico pesquisado, acervo de conhecimentos sobre os primeiros fios educacionais de São Bento, aliados a uma materialidade que existia no interior desta Escola Feminina. Objetos e suportes pedagógicos que refletem uma cultura escolar, a memória de uma educação cujas fontes ditas oficiais não tem registros sobre esta instituição, exceto o telegrama apresentado de João Agripino que indica a existência desta escola no ano de 1948.

A partir do depoimento anterior, alguns aspectos podem ser apreendidos. Em um primeiro momento, o trecho nos remete a prática cotidiana da organização das turmas, das salas de aulas na Escola Feminina. Podemos observar que em uma mesma sala de aula estudavam alunas de anos diferenciados, onde se mesclavam alunas que estavam em processo de alfabetização e outras que já se encontravam em um estágio mais avançado.

É interessante observar que a organização inicial da Escola Feminina distava do modelo assegurado pela legislação educacional vigente na época, a saber, a Lei nº 8.529 de 2 de Janeiro de 1946.

Enquanto uma escola, a referida instituição não se enquadrava em nenhum dos perfis institucionais assegurados nesta lei, na medida em que não era uma Escola Isolada, pois, contava com a existência de mais de uma turma; não remetia a Escolas Reunidas, já que não existia uma correspondência entre o número de turmas e de professores; nem se enquadrava como um Grupo Escolar por não possuir cinco ou mais turmas de alunas, e nem a quantidade

correspondente de professores; também não se enquadrava no âmbito das Escolas Supletivas, já que o ensino ministrado nesta instituição não abrangia a modalidade do supletivo.

Ao postular sobre os tipos de estabelecimento primários assegurados pelo poder público a referida legislação menciona que:

Art.28. Serão assim designados os estabelecimentos de ensino primário mantidos pelos poderes públicos.

I. Escola isolada (R. I), quando possua uma turma de alunos entregue a um só docente.

II. Escola Reunidas (E. R), quando houver de duas a quatro turmas de alunos, e número correspondente de professores.

III. Grupos Escolares (G. E), quando possua cinco ou mais turmas de alunos, e número igual ou superior de docentes.

IV. Escola Supletiva (E.S), quando ministre ensino supletivo, qualquer que seja o número de turmas de alunos e de professores (LEI 8.529/1946).

O não enquadramento da Escola Feminina em nenhuma das modalidades descritas perdurou até a chegada da professora Maria do Socorro Ribeiro Carneiro a esta instituição. Mencionada no depoimento como Maria Bela, com a sua chegada começa a ocorrer uma redistribuição das turmas entre esta professora e Hilda de Souza.

Em um segundo momento, o depoimento de Hilda de Souza, elucidado na página anterior nos remete aos conteúdos ministrados por esta docente. Dentre estes conteúdos, podemos mencionar o estudo das primeiras letras, com base nas atividades de caligrafia, que também eram trabalhadas através do acentuado exercício das letras na margem do papel. Também podemos analisar o exercício das cópias para as alunas das séries mais avançadas.

Os conteúdos ministrados estavam dispostos na Lei 8.529/1946 quando no tocante ao ensino primário, dispõe no seu artigo 7º que devem ser trabalhados, dentre outros conteúdos, a leitura e linguagem oral e escrita, os conhecimentos gerais aplicados à vida social, a educação para a saúde e o trabalho, e também os trabalhos manuais.

Os conteúdos mencionados nos depoimentos da professora Hilda de Souza podem ser elucidados também com base no seu caderno de planejamento no qual ela propõe atividades de leitura, de formação de palavras e interpretações de poemas, em uma aula de Português destinada ao quarto ano, conteúdos estes, contemplados dentro daquilo que a lei mencionada anteriormente, especifica como sendo os conteúdos de leitura, linguagem oral e escrita.

O caderno citado dispõe também sobre a realização de um exercício manual no qual a discente iria trabalhar as figuras geométricas partindo da realização de dobraduras em papéis. Os trechos do caderno ao qual nos reportamos podem ser observados a seguir.

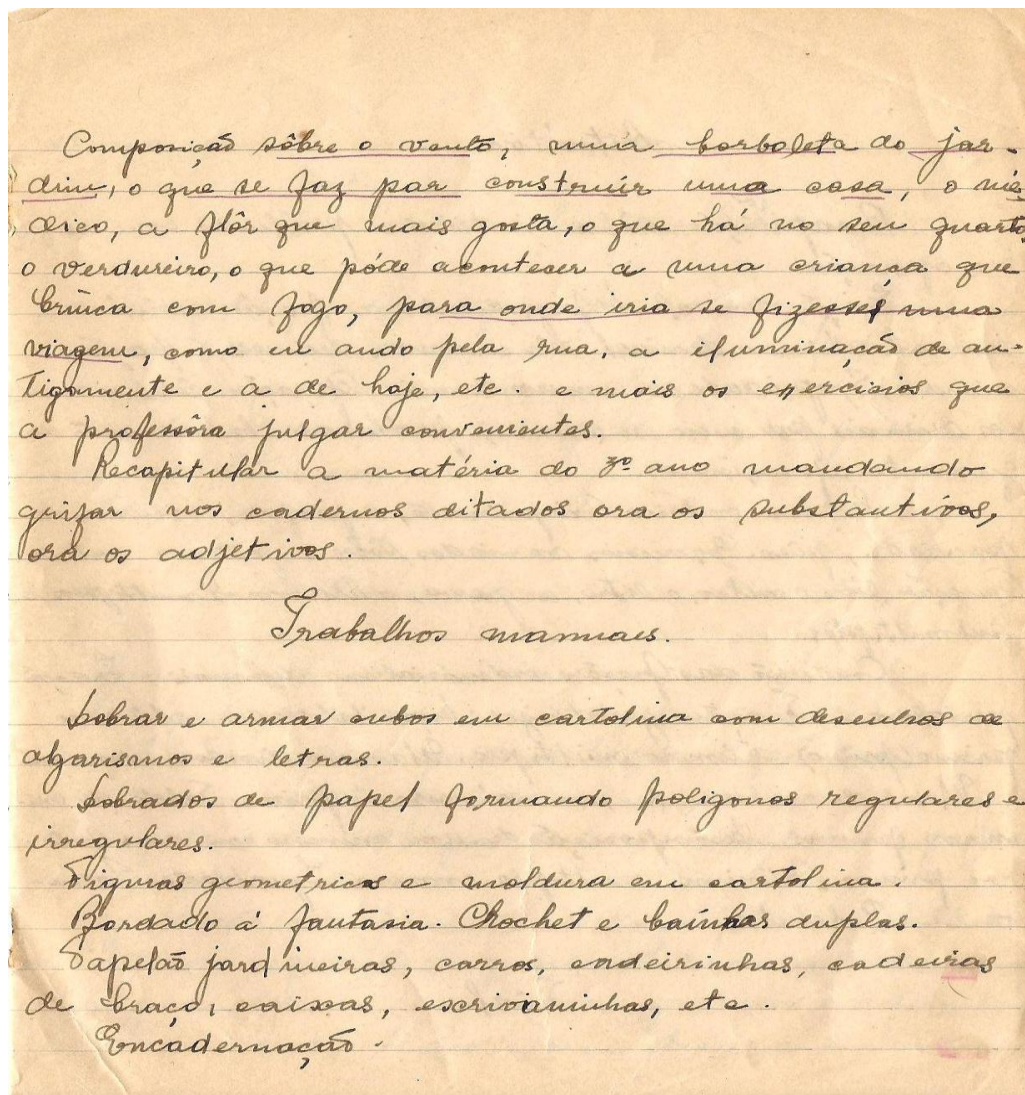


Figura 25: Caderno de Planejamento de Hilda de Souza
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Em um terceiro momento, o depoimento de Hilda de Souza nos remete aos materiais didático-pedagógicos utilizados por ela. A lousa, o livro, as cartilhas do abc possibilitavam que em seu cotidiano esta docente pudesse tecer a sua prática. Estes poucos recursos permitiam que Hilda de Souza trabalhasse os conteúdos determinados na lei orgânica da educação mencionada, bem como remetem “as estratégias de produção e circulação desses saberes” (BENCOSTA, 2007, p.82).

A análise de algumas das práticas escolares desenvolvidas pela professora Hilda de Souza na Escola Feminina teve como ponto de partida alguns dos conteúdos por ela

trabalhados, bem como os recursos didático-pedagógicos e, ainda aspectos concernentes à estruturação das salas de aulas, e organização das turmas.

Os aspectos que destacamos do depoimento de Hilda de Souza nos possibilitaram desenvolver uma análise de suas práticas docentes, nos remetendo a cultura escolar da Escola Feminina, bem como, nos levou a tessitura dos fios elementares para edificação da educação do município de São Bento, no recorte temporal ao qual nos reportamos no presente estudo. Assim, ao tratar da cultura escolar percebemos que:

Tais documentos/materiais, quando encontrados, permitem rastrear um determinado conjunto de códigos culturais neles inscritos, [...], que privilegia uma história das práticas. De igual maneira disponibilizam, ao pesquisador que sobre eles se debruça, o (re)conhecimento de um sistema de regras culturalmente construídas e encarnadas nas concepções de pedagogia. [...], para além dessas possibilidades é possível trabalhar com esses materiais para deles apreender relações constituintes para a construção de uma possibilidade de memória da educação escolarizada e visualizar e descrever dinâmicas de um outro tempo não tão distante (BENCOSTA, 2007, p.81).

O depoimento de Hilda de Souza nos permitiu rememorar os códigos culturais de um tempo, bem como as especificidades e particularidades da Escola Feminina. Enveredar pelos caminhos, descaminhos, silenciamentos, ditos e não-ditos da memória de nossa biografada, possibilitou a construção de uma leitura de suas práticas docentes. Na perspectiva de tecer estas leituras podemos intercalar seus depoimentos com iconografias como a que segue.



Figura 26: Hilda de Souza com suas alunas na Escola Feminina, 1948.
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

A imagem anteriormente apresentada remete ao primeiro momento no qual nos debruçamos na análise das práticas docentes da professora Hilda de Souza, ou seja, a momentos de sua atuação na Escola Feminina. O aglomerado feminino em volta da professora Hilda de Souza pode ser ratificado enquanto uma educação exclusivamente feminina, cujas práticas docentes desta professora estiveram limitadas a este gênero. Tais práticas passarão por ressignificações a partir da construção do grupo escolar Fausto Meira na medida em que nossa biografada passará a lecionar em uma escola mista conforme veremos a seguir.

3.3 As práticas docentes de Hilda de Souza no Grupo Escolar Fausto Meira (1949-1953)

Fausto Nominando Meira de Vasconcelos, nascido em 15 de Agosto de 1834 na cidade de Pilar na Paraíba foi um médico, Capitão e Cirurgião-Mor do Comando Superior da Guarda Nacional dos municípios de Pombal, Souza, Catolé do Rocha, Patos e Piancó cidades localizadas no sertão paraibano. Participou do combate à cólera mórbus que na década de 1860 dizimou parcela da população das localidades anteriormente mencionadas.

A memória de uma instituição escolar pode ser expressa a partir dos vários elementos que a constituem, dentre estes, o nome pelo qual é designada, que remete a uma personalidade que em um determinado contexto exerceu uma função de destaque na localidade onde a escola se insere.

Este é o caso da instituição a qual dirigiremos o nosso olhar. Fundado no dia 3 de Março de 1949, o Grupo Escolar Fausto Meira recebeu essa denominação em homenagem ao médico e político, de quem apresentamos um breve perfil.

Tal instituição teve como professoras pioneiras Hilda de Souza, Maria do Carmo Gadelha, Dulce Dalva Diniz, Lenir Lira, Maria do Socorro Ribeiro Carneiro, Jacira Câmara e Maria Targino.

Destacamos Maria Madalena Pordeus Ramalho cuja atuação ocorreu no ano de 1949 e Maria do Socorro Ribeiro (1951-1953) como as diretoras desse grupo escolar período compreendido de nossa pesquisa. Vejamos um depoimento de Hilda de Souza remetendo a fundação deste grupo escolar:

Ainda em 1948, a cidade de São Bento recebeu a visita do governador do Estado da Paraíba, Dr. Osvaldo Trigueiro, que veio com o objetivo de demarcar a localização da construção do Grupo Escolar de São Bento. O Governador foi acolhido pelos políticos da cidade indo até à casa do Sr. José Enéas dos Santos, onde foi

homenageado pelos alunos das Escolas, Feminina e Masculina, que estavam devidamente uniformizados e acompanhados por mim – Hilda de Souza - representando estas escolas, devido à ausência das outras professoras. Na ocasião, o Governador não visitou nossas escolas, mas me indagou como funcionavam (HILDA DE SOUZA, 12/10/ 2011).

A presença de Hilda de Souza nessa solenidade para demarcação da construção do Grupo Escolar Fausto Meira, nos permite pensar a representatividade que ela possuía no cenário educacional do município de São Bento. Tal aspecto pode ser elucidado também na sua participação em outros momentos históricos desta instituição, a exemplo, no jubileu de ouro como podemos ver na imagem que segue, na qual nossa biografada aparece entre autoridades como Francisco Carneiro (de blusa azul), o então prefeito de São Bento – PB Márcio Eulâmpio da Silva, a então diretora Ana Maria Moreira (do lado direito de Hilda de Souza) e algumas professoras.



Figura 27: Jubileu de ouro do Grupo Escolar Fausto Meira, 1999.
Fonte: Acervo do Grupo Escolar Fausto Meira

A seleção da personalidade Fausto Meira para nomear esta instituição escolar que então era fundada em São Bento reflete a popularidade que o médico Fausto Nominando Meira de Vasconcelos construiu em face de sua participação no combate à cólera na população do Sertão, bem como a partir da sua presença enquanto político. A seguir apresentamos uma fotografia do mesmo.

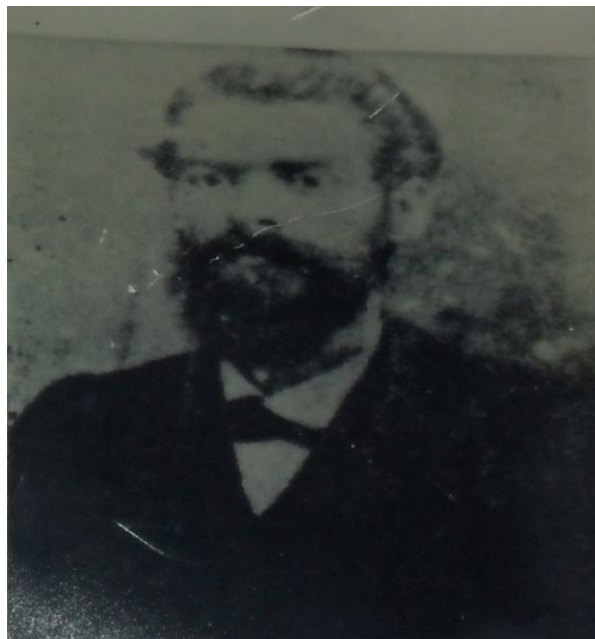


Figura 28: Fausto Nominando Meira Vasconcelos, s/d
Acervo do Grupo Escolar Fausto Meira

Na Paraíba a inauguração do primeiro grupo escolar ocorreu em 1916, marcando, como evidencia Pinheiro (2002), o desenvolvimento de um processo de substituição das cadeiras isoladas pelo modelo de organização escolar, ou seja, os grupos escolares, contexto no qual foram sistematizadas também as escolas reunidas ou agrupadas.

A construção do Grupo Escolar Fausto Meira está inserida em um contexto de construção de grupos escolares por iniciativa de Oswaldo Trigueiro. Assim:

Inicialmente, como medida de maior importância, tratou o governo de concluir as construções de prédios escolares que haviam sido iniciados em administrações anteriores e que se achava, há longo tempo paralisadas, muitas das quais ainda nas fases preliminares dos trabalhos, e outras em via de conclusão. E assim tiveram prosseguimento os grupos de Santa Júlia, na Capital e os de Soledade, Pombal, Caiçara, Pirpirituba, Pedras de Fogo e Aroeiras, os quais foram concluídos, mobiliados e instalados, despendendo o governo, com esse trabalho, Cr\$ 2.452.680,00, além das obras enumeradas, foram construídos mais 14 estabelecimentos dessa natureza, localizados em Teixeira, Brejo do Cruz, Santa Helena, S. Bento, Caaporã, Diamante, Alhandra, Sumé, Água Branca, Coremas, S. Mamede, Jericó, Boa Vista e Jacaraú (MELLO, 1996, p.126).

Relembramos que não temos como propósito neste capítulo desenvolver um estudo sobre a História de nenhuma das duas instituições escolares aqui elucidadas, mas, uma análise das práticas docentes da professora Hilda de Souza no Grupo Escolar Fausto Meira, o qual

pode ser ilustrado na foto que segue, e na Escola Feminina na temporalidade e perspectiva outrora contemplada.

No entanto, apresentar essas instituições nos permite contextualizar a prática da nossa biografada, bem como elucidar como estavam sistematizadas estas instituições, no sentido de contribuir para a ressignificação de parcela da história local da educação em São Bento.



Figura 29: Grupo Escolar Fausto Meira, s/d.
Fonte: Acervo do Grupo Escolar Fausto Meira

A construção do Grupo Escolar Fausto Meira traduz uma mudança de paradigmas na sociedade de São Bento. Anteriormente a escolarização nesta cidade se dava de forma sexista como mencionamos, já que existia a Escola Feminina e a Escola Masculina. Com a criação do grupo escolar, a educação passa a ser ministrada em turmas mistas.

Neste sentido, levantamos alguns questionamentos que fogem ao nosso objeto de estudo, mas que nos inquietam: quais as transformações culturais que a sistematização dessa instituição escolar pode ter ocasionado? A sociedade são-bentense pode ter sofrido algum impacto na definição do masculino e do feminino com base no novo modelo de educação que se estabelece com a criação do grupo escolar?

Estes são questionamentos que apenas apresentamos no sentido de provocar o leitor a refletir sobre o cenário educacional da cidade que nos reportamos a partir da transição da Escola Feminina, e da Escola Masculina, para o Grupo Escolar Fausto Meira.

Enveredar pelas tessituras do Grupo Escolar Fausto Meira remeteu a uma ressignificação das práticas docentes de Hilda de Souza já que a partir de agora esta passa a exercer a sua ação docente em uma instituição mista, ou seja, com alunos do sexo feminino e masculino, não restringindo mais suas práticas a um público exclusivamente feminino. É com base nas práticas docentes partilhadas nessa nova conjuntura de ensino que daremos continuidade ao nosso estudo.

Nossa análise será realizada a partir do caderno de planejamento, bem como, através dos depoimentos de Hilda de Souza, em interface ao Livro de Conteúdos Programáticos, enviado pelo governo do Estado da Paraíba no ano de 1949 para os docentes deste grupo escolar.

Partimos do pressuposto de que, como evidencia Farias Filho (2001), é através desses documentos diversos que podemos empreender uma análise das práticas escolares de um indivíduo em uma determinada época.

Um dos principais diferenciais da prática docente de Hilda de Souza no Grupo Escolar Fausto Meira é que nesta instituição o seu trabalho já contava com a existência de livros mesmo que estes fossem adquiridos pelos alunos. A própria estrutura desta instituição já distava da Escola Feminina, pois, como vimos anteriormente, na Escola Feminina as alunas de diferentes anos eram dispostas na mesma sala, acomodadas em uma grande bancada que servia de acento em torno de uma mesa. Já neste grupo escolar, a distribuição dos alunos nas salas de aula acontecia com base no ano a ser estudado, e contavam com a presença de cadeiras⁵.

Na Escola Feminina seu trabalho era realizado a partir de seu caderno de planejamento e de livros que eram adquiridos por parte dos professores. Diferentemente, no Grupo Escolar Fausto Meira a sua prática escolar foi direcionada a partir do Livro de Conteúdos Programáticos e de outros materiais didáticos. Tal aspecto pode ser elucidado quando a professora Hilda de Souza menciona que:

Já era organizado. Tinha as salas, as cadeiras tudo direitinho. Agora só tinha um mapa do Brasil e um da Paraíba, os quadros e livros que as pessoas compravam como o livro Nordeste. Tinha as cartilhas também. Tinha o quadro-negro, o giz, e o apagador agente trazia de casa. Tinha aqueles meninos que ficavam pedindo para apagar o quadro (HILDA DE SOUZA, 2011).

⁵ Utilizamos a expressão cadeira para se referir ao assento utilizado pelos discentes nas salas de aula e não as disciplinas constituintes do currículo.

A partir destes materiais de que dispunha, a professora construía as suas práticas docentes e visava contemplar os conteúdos assegurados pelo Livro de Conteúdos Programáticos de 1949. Este livro remetia a uma sequência de conteúdos que deveriam ser ministrados pelos professores no âmbito do primeiro ao quarto ano do Ensino Primário. O referido material apresentava além dos conteúdos, sugestões didáticas, uma seleção de histórias infantis para cada ano, bem como os objetivos que deveriam ser alcançados a partir das ações empreendidas pelo docente no contexto da sala de aula.

Dentre as disciplinas dispostas no Livro de Conteúdos Programáticos de 1949 constam: Português (Gramática e Literatura), História, Geometria, Geografia, Aritmética, Ciências Físicas e Naturais. Assegurava também uma discussão sobre Higiene da criança, da escola, do lar e dos alimentos. Vejamos a seguir como nossa biografada trabalhava algumas dessas disciplinas partindo de alguns dos conteúdos mencionados por esta no decorrer das entrevistas.

Um dos conteúdos que nossa biografada afirma ter trabalhado com os seus alunos foi as quatro operações matemáticas. Ao se reportar a esse conteúdo afirma que:

No terceiro ano quem não aprendeu tabuada não sabe mais de nada. Então, eu trabalhava as quatro operações. Não é como hoje que o menino vai para lá, vai para cá com uma máquina. Ou sabia ou não sabia. É como Português. Quem não sabe conjugar verbo, não sabe falar. E a gente ensinava isso (HILDA DE SOUZA, 23/9/2011).

Hilda de Souza empreende uma analogia entre a importância de saber usar as quatro operações matemáticas e o falar a língua materna corretamente. Ao enfatizar ser inadmissível que um aluno chegasse ao terceiro ano sem a referida competência, nossa biografada evidencia a importância que tinha dominar as quatro operações matemáticas na sociedade da época.

Na ausência das atuais calculadoras, os discentes precisavam deste saber para poder aplicar nos seus cotidianos, nas mais diversas atividades. Ou seja, assim como falar corretamente um idioma é uma das principais ferramentas de construção da sociabilidade humana, ter o domínio das quatro operações remetia à capacidade de dominar aspectos imprescindíveis a vida, como a exemplo, poder comprar e vender objetos.

A seguir apresentamos algumas páginas do livro com o qual Hilda de Souza empreendia as discussões sobre o conteúdo em evidencia na disciplina de Aritmética. Vejamos:

— 31 —

1. Sendo necessário 8 cravos para pregar uma ferradura, quantos cravos serão necessários para ferrar um cavalo nos quatro pés?

Solução. Uma ferradura leva 8 cravos; 4 ferraduras levam 4 vezes 8 que são 32 cravos.

2. Custando 1 metro de chita 2 cruzeiros quanto devem custar 15 metros? Resp. ?

3. Em quanto importam 12 frangos a 3 cruzeiros cada um? Resp. ?

4. Uma hora tem 60 minutos; 11 horas quantos minutos tem? Resp. 660.

5. Multiplicar 2029 por 1007. Resp. 2039203.

6. Um fazendeiro tinha 12 rebanhos, e em cada rebanho havia 97 carneiros; quantos carneiros possuía o fazendeiro? Resp. ?

7. ganhando um homem 5 cruzeiros por dia, quanto ganhará em 49 dias? Resp. ?

8. Se uma familia gasta 325 cruzeiros por mês quanto gastará em um ano? Resp. ?

9. Comprei 25 livros a 4 cruzeiros cada um; em quanto importaram? Resp. ?

10. Uma menina, sentada em uma redouça, dá 28 balanços por minuto; em um quarto de hora, quantos balanços dará? Resp. 420.

11. A velocidade do som é de 340 metros por segundo; em 19 segundos, que distancia percorrerá o som? Resp. 6460.

12. Achar os vários produtos da nota abaixo e somá-los

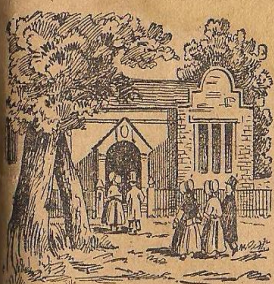
2 Quilos de manteiga . . . a 6 cruzeiros	12 cruzeiros
8 Ditos de carne seca . . . a 2 "	16 "
7 Queijos de Minas . . . a 3 "	21 "
10 Línguas do Rio Grande . a 2 "	20 "
3 Quilos de chá da India . a 8 "	24 "
8 Ditos de café moido. . . a 2 "	16 "
15 Ditos de toucinho. . . a 3 "	45 "
7 Ditos de macarrão . . . a 2 "	14 "
Soma	168 cruzeiros

Figura 30: Problemas de Multiplicação
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Exercício de aplicação. Os discípulos devem escrever devidamente o subtraendo debaixo do minuendo, nas seguintes subtrações:

- | | |
|----------------------|-------------------------|
| 11. 279 — 165 = ? | 17. 448326 — 75435 = ? |
| 12. 9169 — 584 = ? | 18. 735942 — 36754 = ? |
| 13. 35253 — 795 = ? | 19. 823542 — 654321 = ? |
| 14. 89750 — 4594 = ? | 20. 933004 — 823420 = ? |
| 15. 78008 — 6835 = ? | 21. 700000 — 99 = ? |
| 16. 99875 — 7050 = ? | 22. 90017 — 103 = ? |

Problemas para resolver



1. Caminhavam 5 crianças para uma escola, mas duas adiantaram-se por andarem mais ligeiro; quantas ficaram atrás?

Solução. De 5 tirando 2, restam 3.

2. Um negociante tinha uma peça de seda com 45 metros; vendeu 19; quantos restaram? Resp.?

3. Dois meninos tinham 29 pêssegos; um deles tinha 15; quantos tinha o outro? Resp.?

4. Um homem comprou um cavalo por 350 cruzeiros e vendeu-o por 409 cruzeiros; quanto ganhou? Resp.?

5. Uma senhora tem 36 anos, e sua filha tem 15; quantos anos é ela mais velha do que a filha? Resp.?

6. Qual é a diferença entre 5994 e 4765? Resp.?

7. Que número se deve juntar a 5893 para fazer 6000? Resp.?

8. Um negociante devia 25875 cruzeiros, dando por conta 21384 cruzeiros quanto ficou devendo? Resp.?

9. A independência do Brasil realizou-se em 1822, e a dos Estados Unidos em 1776; quantos anos decorreram de uma à outra independência? Resp.?

10. O maior de dois números é 45, e a diferença entre eles 14; qual é o número menor? Resp.?

11. Comprei um par de botinas por 32 cruzeiros, dei uma nota de 200 cruzeiros para fazer o pagamento; quanto devo receber de trôco? Resp. 168 cruzeiros.

12. Comprei uma dúzia de camisas por 165 cruzeiros; uma dúzia de pares de meias por 36 cruzeiros, e uma dúzia de lenços de linho por 15 cruzeiros; dando uma nota de 500 cruzeiros para fazer o pagamento, quanto recebi de trôco? Resp.?

Figura 31: Problemas de Subtração
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Na figura 30 podemos ver problemas de multiplicação que visam ensinar os preços a partir de situações cotidianas como a exemplo, o problema número 8 que retrata as despesas anuais de uma família. E o problema número 3 que discute o preço do frango. Partindo destas reflexões do cotidiano, Hilda de Souza tecia aos seus alunos um estudo aplicado das

operações matemáticas. Este aspecto pode ser identificado também nos problemas de subtração na figura 31 como o problema número 2 que fala das vendas de um negociante.

Setembro de 2011, recebemos com muito apreço o caderno de planejamento da professora Hilda de Souza que para nós refletia indícios de uma parcela da História da Educação do município de São Bento, uma cultura escolar produzida e reproduzida no Grupo Escolar Fausto Meira que nos fornecia elementos chave para análise das práticas docentes desenvolvidas por ela. Este caderno, 65 anos depois de seu uso, nos traz à tona as reminiscências de uma memória, revelada nas dobras e páginas de um caderno desgastado pelo tempo.

O que tem a nos revelar este caderno? Como toda fonte de pesquisa, esta só fala, a quem a ela indagar. São os seus questionamentos, inquietações que vão provocar nas fontes pesquisadas uma resposta, ou, respostas, que podem afirmar ou negar um determinado objeto de estudo e análise.

Continuamos a analisar as práticas docentes desta professora através de um dos conteúdos por ela trabalhado, contemplado nas seguintes páginas de seu caderno de planejamento.

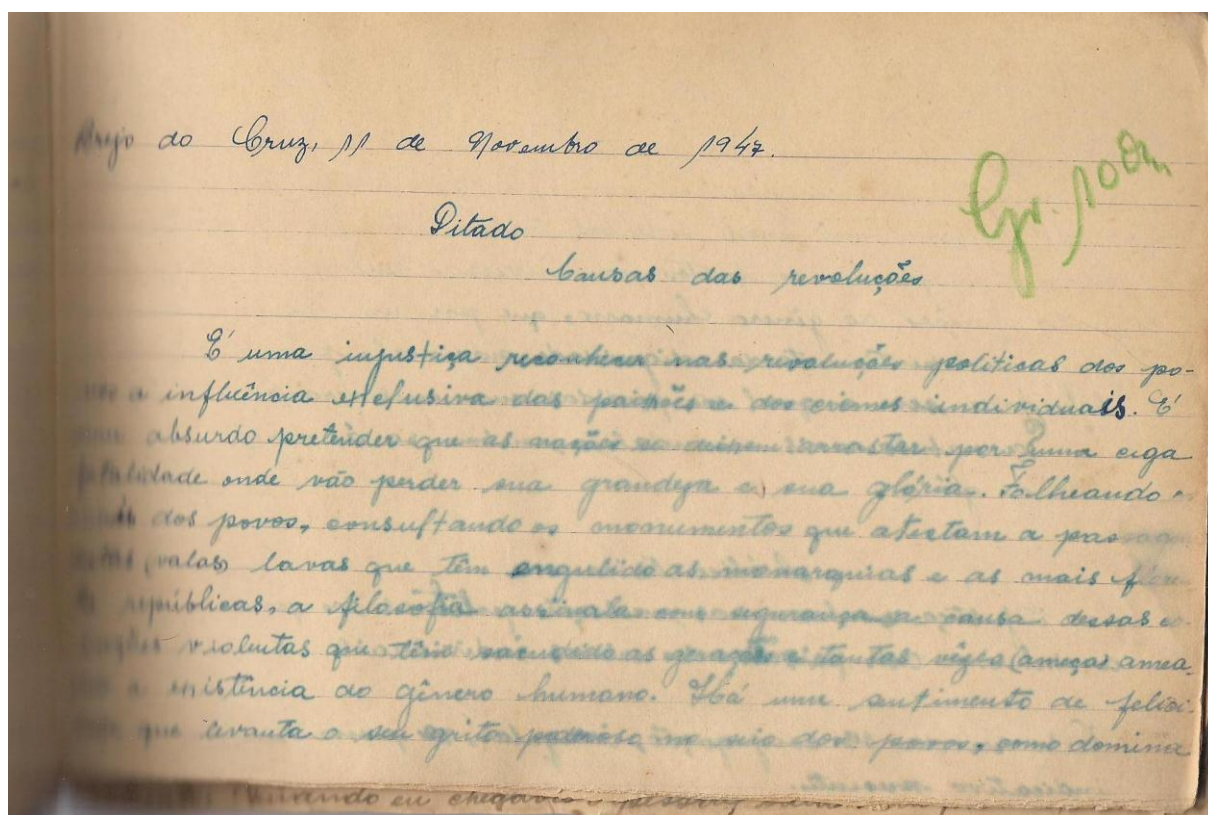


Figura 32: Ditado
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

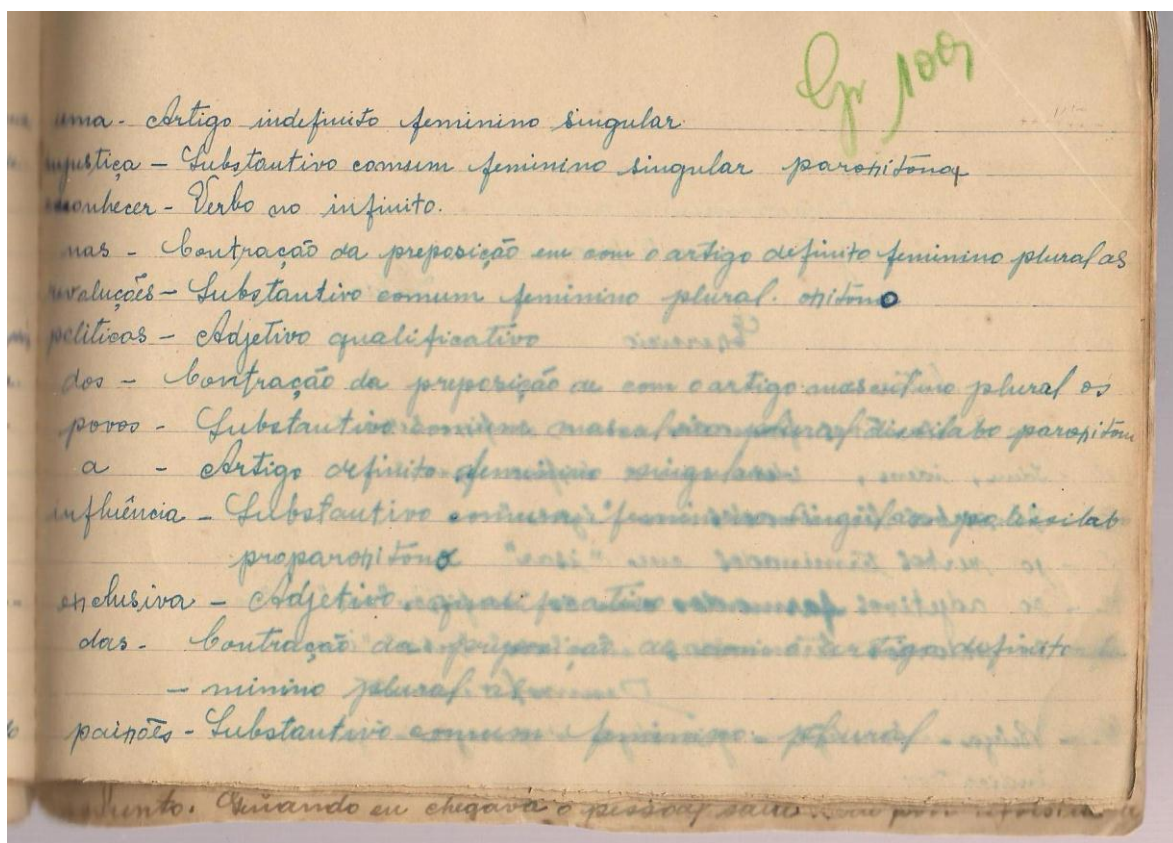


Figura 33: Continuação do Ditado
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Estas páginas extraídas do caderno da professora Hilda de Souza para além de uma memória educacional e profissional, configuram um espaço escolar, cujos conteúdos a serem ensinados podem ser indícios que revelavam aspectos concernentes à prática docente de nossa biografada.

Vejam a atividade acima, desenvolvida por ela através de um ditado, ditado este que foge ao que comumente se concebe com tal, ou seja, a verbalização por parte do professor de palavras soltas e a consequente escrita destas pelos alunos. Sem sermos anacronistas e considerando a especificidade do ensino característico da época, podemos afirmar a partir das páginas anteriormente apresentada, que esta professora possuía uma prática interdisciplinar e contextualizada.

Tal aspecto pode ser confirmado a partir da forma como o ditado foi sistematizado. Em um mesmo texto foram trabalhadas questões de cunho histórico, a partir do empreendimento de uma análise política das “causas das revoluções do povo”, e questões de gramática, tendo como base a realização de um estudo das chamadas classes gramaticais. Para

tal análise a nossa biografada recorta do texto o trecho: “uma injustiça reconhecer nas revoluções políticas dos povos a influência exclusiva das paixões”. Hilda de Souza fragmenta a frase, e classifica-os enquanto verbo, substantivo, adjetivo, dentre outros. Esta prática encontra esclarecimento no livro de Conteúdos Programáticos onde consta que:

Não se deve começar o ensino da escrita pela letra isolada; ela nada significa para a ciência. Partir da palavra, ou melhor, da frase, é permitir, desde o início uma ligação íntima entre a escrita e a leitura e se este, por bem orientada, com o pensamento expreso (LIVRO DE CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS, 1949, p.9).

Na sequência analisamos alguns conteúdos de História do Brasil e Ciências Naturais trabalhados pela professora Hilda de Souza. Os conteúdos de História do Brasil serão explorados com base em dois momentos. No primeiro momento partimos de um de seus depoimentos sobre o ensino de História do Brasil. Em um segundo momento será feita uma análise de sua prática com base no planejamento de seu caderno.

A professora Hilda de Souza ao relembrar de algumas de suas práticas docentes no respectivo grupo escolar, destaca uma prática cotidiana que acontecia nos dois turnos manhã e tarde. Antes do ingressar dos alunos para suas respectivas salas de aula, ela os dividia em duas filas, uma feminina e outra masculina. Em seguida, os direcionavam para o pátio da escola onde todos em uma só voz tinham como obrigação cantar o Hino de Independência do Brasil, dentre outros cânticos como o Hino de João Pessoa, o Hino da Paraíba, isto, em dias alternados da semana.

Analisemos o termo “obrigação”, empregado segundo sua fala, como um comprometimento que esta professora tinha em desenvolver diariamente os cânticos, cujas letras tinham em comum a exaltação da História da Pátria. Podemos identificar na composição destes hinos uma representação de uma história do passado o qual as ocorrências destes escapam a observação, mas que é substituída pelo civismo.

Sobre estes momentos ela enfatiza que, embora os alunos estivessem em uma instituição de ensino misto, ou seja, que agrupa alunos de ambos os sexos no interior de um espaço escolar, ela identificava “um rompimento com o conceito de ensino misto”, uma vez que meninos e meninas não poderiam ficar juntos nessa mesma fila.

Prosseguimos com a análise das práticas docentes desta professora através do conteúdo selecionado em seu caderno de planejamento, conforme aponta a seguinte figura.

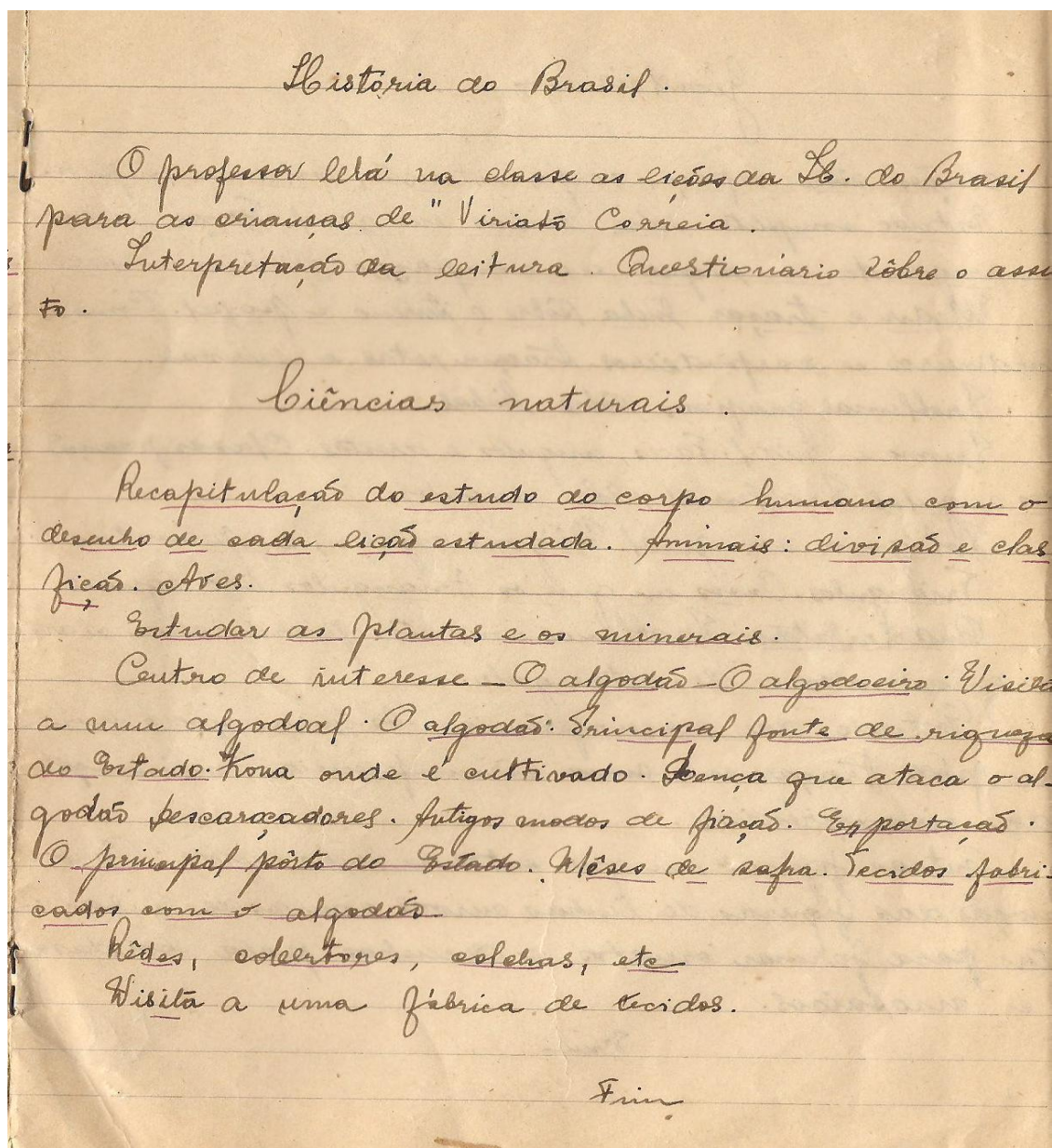


Figura 34: Planejamento de História do Brasil e Ciências Naturais
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

A página acima representa um recorte de uns dos conteúdos de História do Brasil trabalhado pela professora Hilda de Souza no Grupo Escolar Fausto Meira. Podemos identificar que ela propõe uma atividade com base nos estudos do escritor Viriato Correia, para discutir História do Brasil. Para isto, ela determina que seja feito uma interpretação dos conteúdos explorados a partir da constituição de questionamentos sobre os conhecimentos estudados.

Em seguida, analisamos um de seus planejamentos de Ciências Naturais, o qual também se apresenta na página acima. O cerne de sua prática docente para realização desta aula é referente a uma revisão de conteúdos, o que ela chama de “recapitulação” dos estudos sobre o corpo humano, como pode ser observado no trecho do caderno no qual menciona a “Recapitulação do estudo do corpo humano com o desenho de cada lição estudada. Animais: divisão e classificação. Aves”.

Com o objetivo de estudar os seres humanos e os fenômenos da natureza, Hilda de Souza convida seus discentes para conhecer um algodoeiro ao passo que, conceitua esta planta a partir de seus derivados, destacando a produção das redes, dentre outros, que se constituem com base no algodão.

Neste sentido, a biografada produz uma discussão contextualizada sobre o algodão, destacando os seus derivados em interface com a indústria das redes responsável por parcela significativa da economia onde está inserido o grupo escolar.

A professora Hilda de Souza ao propiciar essa discussão permite que, além de um estudo sobre os vegetais, os alunos pudessem analisar sua realidade econômica, social e cultural. Esta conexão é assegurada pelo livro de conteúdo programático quando dispõe que:

Estudar os seres e fenômenos da natureza, despertando e cultivando o espírito de observação; Despertar o interesse pela vida dos animais e das plantas em seu meio natural; Desenvolver o sentimento de patriotismo pelo estudo das riquezas das possibilidades econômicas e das realizações industriais do país (LIVRO DE CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS, 1949, p. 64).

Estes métodos de ensino que tinham como objetivos, direcionar a prática do professor para que o mesmo ensinasse os conteúdos de Ciências Naturais, estão em conformidade com o plano de aula analisado, que foi explorado pela professora Hilda de Souza para atingir tais finalidades.

Destacamos que a partir da ação proposta, a professora aguça os discentes para a observação e compreensão de sua realidade local, uma vez que, trabalhou o algodão de forma prática e contextualizada. Para isto, chamou a atenção dos mesmos para aspectos econômicos e culturais do município ao trabalhar os derivados do algodão. Nesta perspectiva, apontou as redes, que são artefatos basilares para economia local. Despertando ainda o espírito de observação, ao conduzir seus alunos a uma das fábricas de tecidos desta localidade.

Nas folhas amareladas do caderno da professora Hilda de Souza, encontramos testemunhos de suas práticas docentes, saberes pedagógicos que circularam no interior do Grupo Escolar Fausto Meira nos anos de 1949-1953. Trocas de saberes estabelecido entre ela e seus alunos, saberes estes que foram produzidos e reproduzidos de acordo com as aspirações de uma educação que partia do nacional para o local e que se constituía nesta sociedade.

Ao portamos o caderno da professora Hilda de Souza, bem como outras fontes aqui trabalhadas de seu acervo, questionamentos e aprendizagens cruzavam-se nas fragilidades apresentadas em cada uma daquelas páginas amareladas. Falamos não mais das aprendizagens pedagógicas reveladas neste caderno, e sim, do aprendizado em forma de questionamento que foi se instalando em nós enquanto pesquisadores.

Nostalgia de um tempo escolar vivido invadia a nossa memória estudantil indagando: aonde foram parar os nossos cadernos escolares? Qual o valor que atribuímos a um caderno? Até que ponto a escola pode contribuir para tomada de consciência da necessidade de preservar a sua memória e a de seus discentes a partir de materiais como “um simples” caderno? Como as páginas de um caderno, corroídas pelas traças e pelo tempo, podem ser consideradas como instrumento portador de uma memória escolar?

As páginas de um caderno nos dizem mais do que está visivelmente escrito. Os rabiscos, os bilhetes escritos nos cantos das folhas, as datas nos topos das páginas, os desenhos e adesivos contidos nestas são indícios que nos permitem compreender valores e concepções de uma época.

Ao enveredar pelo caderno e livros de Hilda de Souza, retomamos aspectos de sua história de vida que nos permitiram analisar as suas práticas docentes. Assim:

Folhear velhos cadernos escolares despertam múltiplos sentimentos na medida em que passar os olhos por suas páginas, quase sempre, significa muito mais do que simplesmente esbarrar em letras trêmulas, borrões de tintas, traços vermelhos, decalques, adesivos, exercícios, frases edificantes, bilhetes, elogios e reprimendas. Envolve recordar normas, valores, condutas. Esquecidos em gavetas, caixas e armários, trazem as marcas da aprendizagem e exercício da escrita (MIGNOT, 2005, p.1).

Dando prosseguimento a análise das práticas docentes de Hilda de Souza, debruçaremos o nosso olhar sobre um dos conteúdos trabalhados na disciplina de Geografia. Para tanto, analisaremos quatro páginas do caderno de planejamento da biografada. Para

tornar mais viável a compreensão da análise, apresentaremos cada página do planejamento do conteúdo em questão separadamente. Vejamos a primeira página.

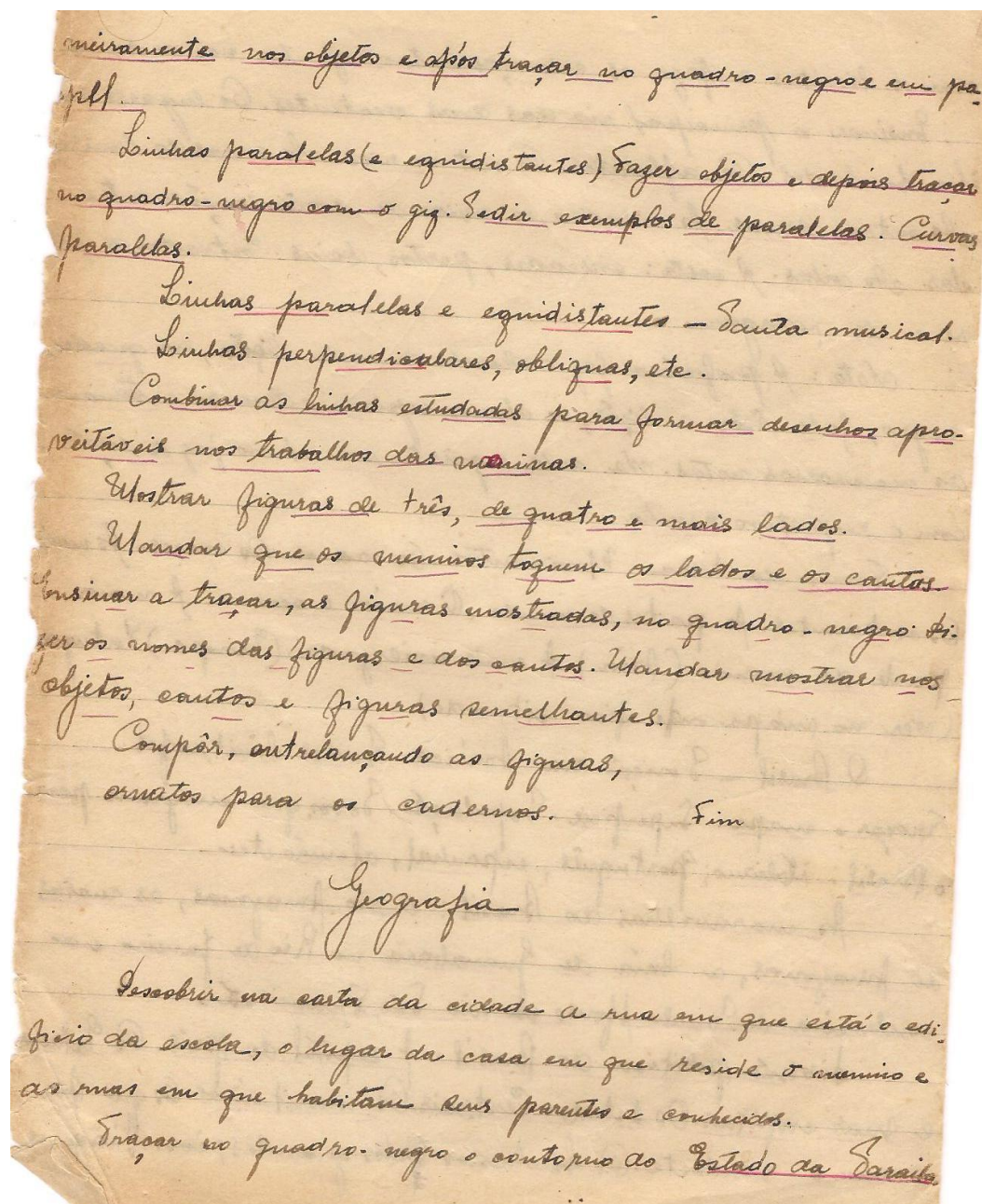


Figura 35: Planejamento de Geografia (Folha 1)
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Na página exposta acima, Hilda de Souza nos apresenta um dos conteúdos que seriam trabalhados, a saber, a localização geográfica. Para tanto, a professora propõe como metodologia o uso do quadro negro no qual seriam traçados os limites da Paraíba. Propõe

também que os discentes trabalhem a localização partindo da própria estrutura geográfica da cidade de São Bento, na qual seriam localizadas as ruas aonde os alunos residiam e onde se localizava o prédio do Grupo Escolar Fausto Meira. Tal aspecto nos evidencia como em sua prática, nossa biografada partia de uma discussão da realidade concreta dos discentes para compreender aspectos mais gerais e complexos.

Vejamos a segunda página do planejamento em análise.

com os limites e fazer as crianças introduzi - los nos sadruos.
Ensinar o principal rio das duas vertentes. Os lugares pa-
ra baixados. Os afluentes. Os outros rios. Os serras do limites
das outras serras. As estradas, os meios de comunicações entre
elas. As vilas. A costa: enseadas, portos, baías. Estradas de fe-
ro e de rodagem.
Nota: A professora faz o desenho de cada lição, no quadro.
negro, fala sobre a lição; os alunos copiam o desenho e tomam
as necessarias notas. Na aula seguinte um aluno faz a lição,
com o respectivo desenho.
Forma da terra. Movimentos. Os oceanos. Os mares. Os mares.
Os continentes. As partes do mundo. O maior o oceano. A maior
parte do mundo (Ásia) A mais civilizada. (Europa) Portugal
(ver no mapa onde fica situado)
O Brasil - Situação na América. Sais e limites.
Trabalhar o mapa. Superfície. População. Dois que emigram para
o Brasil: italiano, português, espanhol, alemão etc.
As magnificas do Brasil: o rio Amazonas, as matas
do Amazonas, a baía de Guanabara no Rio de Janeiro e a
conhecida de São Paulo no rio São Francisco.
Divisão politica do Brasil. A capital do país. As estadas
e suas capitais. Os Estados Centrais. Os maritimos. Os que for-
mam o nordoste. Os baixados pelos grandes rios. Viagens.

Figura 36: Planejamento de Geografia (Folha 2)

Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Dando prosseguimento ao planejamento a docente propõe a continuidade da discussão da localização geográfica partindo da posição geográfica do Brasil no contexto da América. Propõe também uma discussão sobre aspectos da população brasileira, os recursos naturais e a divisão política do Brasil.

No tocante à metodologia, evidencia o uso do quadro onde seria escrita a lição sobre o conteúdo em discussão, e que conseqüentemente deveria ser copiada pelos alunos. A proposta metodológica da biografada estava afinada aos pressupostos do Livro de Conteúdos Programáticos que enfatiza em suas páginas o uso da cópia enquanto uma possibilidade no trabalho docente.

Em seguida, Hilda de Souza planeja o empreendimento de uma discussão localizada no âmbito da Geografia Econômica, partindo dos produtos de exportação e dos portos brasileiros, com ênfase, entre outras questões, na exportação de cacau a partir do Porto de “São Salvador” e do açúcar a partir de Recife. Tais aspectos podem ser elucidados na página três do planejamento exposta a seguir.

simuladas nesses rios. Os maiores: o Amazonas e
e perungas para onde ia número de sertanijos do
a procura de trabalho nos tempos em que a Borracha es-
tava valorizada; Mato Grosso que tem imensos campos de org-
-ão. Os menores que a Saraita: Rio Grande do Norte, Paraíba,
Sergipe, Espírito Santo, Rio de Janeiro. Os que têm maior costa
(Bahia e Baía) O que tem menor costa (Guanabara)

Portos de grande comercio:

São Paulo — O porto de Santos cujo principal produto
de exportação é o café. Importam café de Santos: os Esta-
Unidos, Alemanha, França, Bélgica, Holanda, Argentina.

Rio de Janeiro — Rio de Janeiro na baía de Guanabara.
Porto muito movimentado. Capital do país. Cidade linda.
Vistas da cidade.

Bahia — O porto de São Salvador. Exportação. Cacau,
fumo.

Rio Grande do Sul — Portos comerciais: Rio Grande,
Pelotas e Porto Alegre. Exportação de carne.

Recife — Recife, porto de grande exportação de
açúcar. Amazonas — Manaus, entre o rio Amazonas. Expor-
tação de Borracha.

Esprito Santo — Vitória, porto principal do Estado.

Saraita — Saranaguá, porto. Exporta mate e

Figura 37: Planejamento de Geografia (Folha 3)

Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

A última página do planejamento de Geografia nos traz alguns aspectos que nos permitem analisar além dos conteúdos que a docente propunha trabalhar. Debrucemos-nos sobre a referida página.

madeiras (pinho)
 Continuar os outros portos.
 O porto de Cabedelo cujo principal produto exportado é o algodão. Exporta diretamente para diversas praças estrangeiras: Hamburgo, Liverpool, Amsterdã, e também para o Sul do país como: São Paulo, Rio, etc.
 Os rios mais importantes das três vertentes. (Amazonas, São Antão, São Francisco, Saranã, Saraguai, Uruguai)
 As serras do norte do Brasil. As que separam as vertentes e as mais elevadas.
 A costa com os seus acidentes.
 Linhas de navegação do Brasil com os diversos países da Europa, com a América do Norte e a do Sul.
 Estenda-las no mapa.
 Superfície e população do Brasil.
 Fim
 Saudades da Igreja de Brejo.
 Louisa Costa, 10/8/50.
 Às 2 hs da tarde.

Figura 38: Planejamento de Geografia (Folha 4)

Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

No tocante aos assuntos trabalhados, Hilda de Souza prossegue a discussão sobre os portos, rios e serras do Brasil. Nesta página, queremos, em específico, nos dedicar aos rabiscos nela presentes, a saber, uma data 10/8/50, de um horário, “às 2 hs da tarde”, e da frase “Saudades da Igreja de Brejo”. Compreendemos que estes aspectos presentes nas margens desta página desgastada pelo tempo, muito tem a nos dizer, podendo contribuir para a compreensão da cultura escolar de uma época. Neste sentido:

Elaborar relatórios, preencher fichas, firmar registros, preparar aulas, realizar apontamentos são práticas cotidianas do fazer escolar que envolvem atos de escrita produzidos pelos professores ao longo de suas carreiras. Eles são resultados tanto da necessidade de testemunhar o vivido como de imposições de normas institucionais. Desvalorizados a cada mirada, são relidos, selecionados, quase sempre destruídos e não raro desprezados, não se conservados, podem ganhar importância na condição

de escritas ordinárias e contribuir para (sic) compreensão da cultura escolar do período que se inscrevem (CUNHA, 2007, p.81).

No que se refere a data, e à hora que constam na página do planejamento anteriormente elucidada, não possuímos informações concretas a respeito do que estas fazem referência. Pensamos que estão relacionadas à data e ao horário nos quais nossa biografada concluiu o planejamento de Geografia. Mas, em específico, nos chama a atenção à frase “Saudades da Igreja de Brejo” por remeter a importância que Hilda de Souza atribuía a sua vida religiosa, bem como evidencia como é forte na memória da biografada as experiências que vivenciou em Brejo do Cruz. Podemos identificar aspectos de sua religiosidade nos depoimentos da professora Hilda de Souza, que revelaram práticas docentes em comum as duas instituições escolares aqui aludidas. Práticas estas, baseadas nos princípios do catolicismo, sobre isto, fazemos menção às orações feitas com seus alunos todos os dias no início de suas aulas, prática sagrada desta professora.

Um aspecto que gostaríamos de frisar a respeito do planejamento sobre o qual estamos refletindo é que não sabemos a que ano do Ensino Primário ele se aplicava. Não possuímos informação a quantas aulas este plano se destinava, já que Hilda de Souza não especifica em seu caderno. Partindo do planejamento da disciplina de Geografia, podemos depreender que Hilda de Souza em sua prática produzia um ensino contextualizado e em consonância com os pressupostos do Livro de Conteúdo Programáticos. Cabe ressaltar que nossa biografada não possuía uma formação específica para o magistério na época em que lecionou na Escola Feminina e no Grupo Escolar Fausto Meira. Sua formação para o magistério ocorreu apenas em 1984, conforme podemos visualizar na imagem que segue.

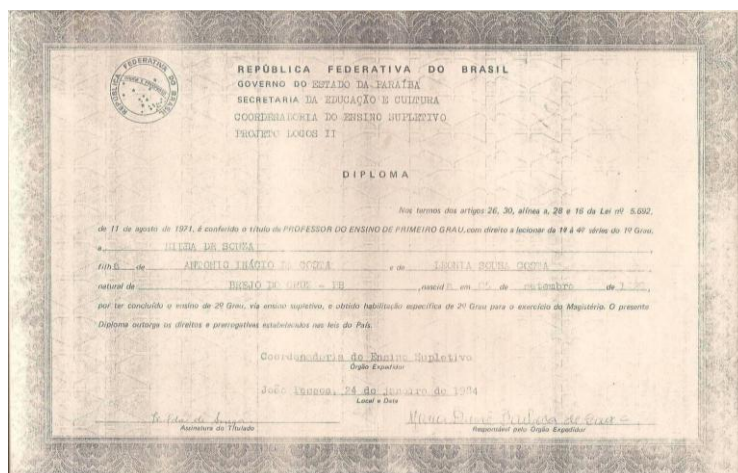


Figura 39: Diploma formação magistério Hilda de Souza
Fonte: Acervo Particular de Hilda de Souza

Assim como os cadernos, os bilhetes considerados como fontes ordinárias, também podem ser utilizados no ressignificar de uma memória. No desenrolar desta pesquisa nossa biografada nos direcionou alguns bilhetes, dentre estes, o que segue e que nos remete ao destaque dado por esta professora a uma das poesias que utilizava em suas aulas no Grupo Escolar Fausto Meira.

(Poesia que gostamos de resitir-la.)

Hilda,

aprendi esta poesia com minha Prof: Lourdes Pereira - quando tinha 13 anos.

Resitei (declasser) várias vezes.

A infância na ADECOB - de Brejo do Santo, oferecendo ao poeta Ronaldo Cunha Lima - a qual ele mais gostava!

Ele sabia todos poemas de Augusto dos Anjos.

Tenho ~~português~~ português de grandes similes.

Desculpe tudo até a letra.

Grata por sua atenção.

Hilda de Souza

Poesia

A árvore da serra.

As árvores meu filho não tem alma
 É esta árvore na serra de empecilho
 É preciso cortá-la pois meu filho
 Para que eu tenha uma melhor vida calma

Merece pois porque sua ira não se acalma
 Não sei que em tudo existe o onismo brilha?
 Seus pais agora nos celos e nos junquinhos,
 E esta árvore por possui umifi' alma.

Disse e apodhou-se nunca rogat' nos
 Não mate a árvore pai, para que eu viva.

E a árvore caindo, a pátria serra
 Caiu aos galpes do machado bronco.
 E mais triste abraçou o tronco.
 E nunca mais levantou da terra!

Figura 40: Bilhetes de Hilda de Souza
 Fonte: Acervo da pesquisadora

Um dos primeiros aspectos que podem ser apreendidos no bilhete acima é a já mencionada importância dada a este bilhete por Hilda de Souza. Importância esta atribuída ao fato da biografada ter aprendido este poema com a professora Lurdes Peixoto, que conforme elucidamos em capítulos anteriores, era alvo de apreço por parte de Hilda de Souza. E também por ter sido recitado entre outros momentos, em uma ocasião na qual a biografada homenageou Ronaldo Cunha Lima, político, que exerceu, como o cargo de governador do estado da Paraíba e ainda era considerado poeta.

As letras trêmulas acima evidenciadas no bilhete analisado são justificadas por Hilda de Souza diante da pressa que ela tinha ao enviar o mesmo. Observamos, ao lado da folha, o rabisco em que diz, “vexame tá”, e vai finalizando aquele registro dizendo “desculpe tudo até a letra”.

Os rabiscos apresentados no bilhete em análise nos remetem a um dos conteúdos que deveriam ser trabalhados pelos docentes no recorte temporal de nossa pesquisa, os poemas. A discussão destes conteúdos é assegurada pelo Livro de Conteúdos Programáticos quando menciona que:

Além do que foi sugerido nos anos anteriores, podem ser realizadas pelos alunos, as seguintes atividades: seleção das poesias do seu agrado, organização do caderno de versos, coleção de trechos bonitos de poesias etc. O professor levará a criança a empregar, quando oportuno nas composições, as expressões poéticas selecionadas, habituando-se, desta forma, a expressar-se com vocabulário rico e correto (LIVRO DE CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS, 1949).

Neste sentido, dentre os poemas que seriam do “agrado” de Hilda de Souza e com os quais trabalhava em sala de aula, podemos mencionar *A Árvore da Serra* elucidado no respectivo bilhete. Através deste poema a professora trabalhava, dentre outros aspectos, um dos “grandes poetas”, Augusto dos Anjos, bem como refletia acerca da questão da preservação da natureza.

Na tentativa de contemplar o nosso objetivo nessa pesquisa analisamos alguns dos conteúdos trabalhados pela professora Hilda de Souza no decorrer dos anos de 1948-1953, conteúdos estes materializados nas páginas selecionadas de seu caderno de planejamento, o qual configura as escritas ordinárias, ou seja, escritas desenvolvidas institucionalmente, mas sem que houvesse o propósito de serem publicadas ou se tornarem uma obra.

Conforme já anunciamos no decorrer do presente trabalho, foi através da fonte oral que chegamos às demais fontes contempladas nesta pesquisa. Destacamos o caderno de

planejamento da professora Hilda de Souza, bem como o Livro de Conteúdos Programáticos para frisar as expectativas e os anseios com que recebemos tais fontes.

Ao folhearmos cada uma das páginas de ambos os materiais tentávamos estabelecer o lugar que estes ocupariam neste trabalho na perspectiva de atingirmos o nosso objetivo, a saber, analisar as práticas docentes da professora Hilda de Souza na Escola Feminina e no Grupo Escolar Fausto Meira.

O caderno de planejamento aqui analisado enquanto o registro das atividades planejadas, e possivelmente desenvolvidas no Ensino Primário correspondente ao recorte temporal em que está situada a nossa pesquisa, no qual evidenciamos que os primeiros planejamentos deste caderno datam dos anos de 1947 quando a professora inicia a sua ação docente na Escola Reunidas de Brejo do Cruz instituição que não é foco de estudo em nossa análise, mas, que foi um conteúdo aplicado no Grupo Escolar Fausto Meira.

As seleções de conteúdos presentes neste caderno de planejamento estão registradas, quase que unanimemente de forma global sem que houvesse descrição de datas, cronologia, mas que foi um caderno planejado no decorrer de sua ação docente nos anos correspondentes ao recorte temporal pesquisado.

O livro de conteúdos programáticos é escrito detalhadamente apresentando os conteúdos a serem ministrados nas aulas distribuídas nos anos do Ensino Primário determinando ou indicando para cada conteúdo a metodologia de ensino a ser aplicada, isto no decorrer de suas noventa e duas páginas.

O caderno da professora Hilda de Souza aqui trabalhado comporta o seu planejamento curricular, o que nos possibilitou analisar as suas práticas docentes ao passo que, nos apontou indícios de uma cultura escolar do período pesquisado. A descrição de práticas e saberes escolares comportados neste caderno nos permitiu apreender práticas e saberes docentes empreendidas em seu cotidiano. O caderno abre caminho para que outras pesquisas na área da História da Educação sejam realizadas como exemplo, pensar essa fonte de pesquisa enquanto uma memória educacional.

No íterim desta pesquisa destacamos uma de nossas visitas ao Grupo Escolar Fausto Meira, no ano de 2011, onde fomos recebidos pela então diretora Maria Gorete Soares. Em 2012 voltamos a esta instituição que na ocasião tinha por gestor Jorge Dantas de Souza Araújo, que também não hesitou em nos disponibilizar o acervo do grupo escolar para que pudéssemos pesquisar. Aliás, não só disponibilizou como esteve juntamente conosco ao olhar

cada um daqueles arquivos na busca de algum documento correspondente à atuação da professora Hilda de Souza nesta instituição escolar. Mas, conforme já nos havia dito a gestora anterior, nada encontraríamos nos arquivos correspondentes aos anos de 1949 a 1953.

Os documentos referidos a este período foram destruídos partindo da justificativa de que, tal arquivo estava em precário estado de conservação. Ressaltamos que não temos como objetivo apontar como responsáveis por esta realidade nenhum dos gestores que ao longo dos anos estiveram a exercer as suas funções nesta instituição. Nosso objetivo ao fazermos esse registro é o de repensarmos qual o espaço destinado à memória das instituições escolares. Qual é a memória que a escola quer preservar? Afinal qual o conceito de memória escolar tido pelos professores e pelos demais funcionários integrantes destes espaços?

Não iremos adentrar nesta riquíssima e inquietante problemática que é discutir sobre a memória escolar partindo desta lacuna encontrada no acervo do Grupo Escolar Fausto Meira, pois, tal discussão nos levaria a um novo objeto de pesquisa, o qual pode ser formulado e contemplado em outro momento.

Com base nas tessituras desta pesquisa que tem como um de seus pilares a memória de Hilda de Souza, refletimos sobre o estudo da memória, tendo como norte o que os depoimentos desta professora permitiram construir ou desconstruir sobre.

Considerações Finais

Elucidamos sobre a nossa experiência ao optarmos pelo estudo de cunho biográfico com o objetivo de analisar as práticas docentes de Hilda de Souza. Destacamos aqui um trecho extraído de um discurso proferido por nossa biografada no Grupo Escolar Fausto Meira quando diz: “Neste momento meu coração envelhecido está cheio de sentimentos, saudades, e emocionado vem fazer uma retrospectiva da história que vivenciei” (HILDA DE SOUZA, 1999).

Recorrer ao empreendimento de um estudo que tenha como norte a memória é, assim, como mencionou nossa biografada, realizar uma retrospectiva de uma história vivenciada. Tal retrospecto, permeado por sentimento de emoção, por lágrimas e sorrisos transmitidos por Hilda de Souza durante as entrevistas, nos evidenciam que rememorar é um ato complexo que remete ao estudo de sensibilidades humanas, à volta a experiências que foram construídas em determinados momentos da história de um indivíduo. Como postula Bosi (1987), a memória possui um tempo social que é acionado no ato de lembrar permitindo que o sujeito biografado atribua significado aos fatos que vivenciou, os quais anos depois retomam partindo do olhar do hoje.

Esse registro nos permite afirmar que os “caminhos” desse coração “envelhecido” permeado por saudades e emoções nos conduziram a adentrarmos a um tempo social por ela vivido, permitindo-nos confirmar que a biografia possibilita realizar a leitura de uma sociedade a partir de uma memória. Como menciona Le Goff (1994), o estudo da memória é um instrumento que permite a abordagem de problemas e questões referentes a uma determinada temporalidade e história.

Ao recorrer às fontes utilizadas na presente pesquisa, e ao percorrer os meandros da memória de Hilda de Souza, mais do que as práticas de uma docente podemos captar aspectos referentes ao contexto educacional de uma determinada época na localidade de São Bento. Biografar é enveredar por caminhos desconhecidos que nos apontam aspectos que até então se apresentavam de forma nebulosa diante dos nossos olhos, ou que simplesmente foram silenciados pelas pesquisas, assim como a história de nossa biografada.

Ratificamos o que nos aponta Certeau (1982), ao dizer que as particularidades do lugar de uma determinada investigação não podem ser suprimidas por nenhuma das considerações

feitas acerca deste. Tal afirmação pode ser comprovada diante dos relatos tecidos por Hilda de Souza nos momentos de nossas entrevistas.

Ao analisar os relatos da professora Hilda de Souza em face às demais fontes por ela cedidas como o seu caderno de planejamento, bem como fotografias, telegrama, contrato de professora, provas correspondentes a sua trajetória escolar e cartas, recordamos aspectos de uma época. Tal conjunto de fontes confirma o que menciona Certeau (1982), uma vez que para Hilda de Souza, falar de suas práticas docentes tecidas no município de São Bento, não supriu as particularidades vividas nas diversas fases de sua vida tais como a infância, a sua escolarização, seu casamento, dentre outros acontecimentos, como tecer uma discussão do magistério enquanto uma vocação.

Ao acionar a memória de Hilda de Souza nos reportamos a um conjunto de práticas docentes que nos permitiram compreender o desenrolar da ação dessa docente na Escola Feminina e no Grupo Escolar Fausto Meira. Os conteúdos trabalhados, a estrutura organizacional das escolas, a estrutura física destas, a mobília, a distribuição das turmas foram indícios focalizados a partir de nossa depoente que nos permitiram ressignificar aspectos da história da educação em São Bento. Tal aspecto nos permite compreender que, tais objetos são portadores de indícios que nos possibilitam evidenciar uma cultura escolar, cultura esta que foi produzida e está localizada em um determinado momento histórico.

A prática docente de Hilda de Souza era empreendida em consonância com os pressupostos educacionais da época que podem ser depreendidos no Livro de Conteúdos Programáticos.

O referencial teórico-metodológico utilizado nesta pesquisa se mostrou apropriado na medida em que através da reflexão sobre memória em Halbwachs (1990) e Bosi (1987), dentre outros teóricos, se tornou viável a ressignificação das práticas docentes de Hilda de Souza, práticas estas que, assim como evidencia Farias Filho (2007), refletem uma cultura escolar. Esta memória das práticas docentes de Hilda de Souza foi acionada a partir do trato da História Oral como uma fonte que, conforme Meihy e Holanda (2010), se constitui como um aparato fundamental nos estudos atinentes à identidade e à memória.

A construção da Biografia de Hilda de Souza nos permitiu compreender, a partir do desenvolvimento de suas práticas docentes, contextos históricos concernentes à educação na cidade de São Bento-PB, em específico, a Escola Feminina e ao Grupo Escolar Fausto Meira. A referida pesquisa possibilitou que aspectos silenciados da História dessas instituições

fossem evidenciados a partir da memória desta professora. Assim, este estudo de cunho biográfico nos permitiu enveredar por fatos políticos, econômicos e culturais da cidade a qual nos reportamos, uma vez que, a memória de nossa biografada é constituída de vários “eus” os quais nos levaram às tessituras da História da Educação são-bentense.

A análise dos vários “eus” constituintes da memória de Hilda de Souza foi possível a partir do momento em que através da história oral, tivemos acesso a materiais que em sua prática docente nossa biografada utilizava. O caderno de planejamento, o livro de conteúdos programáticos e os depoimentos orais nos permitiram enveredar por caminhos da memória de Hilda de Souza que há tempos não haviam sido desbravados até mesmo pela professora objeto do nosso estudo.

Chamou-nos atenção o fato de Hilda de Souza ter preservado os materiais que analisamos. Mesmo após mais de seis décadas, tais fontes ainda existem, permitindo-nos captar pormenores da ação docente de nossa biografada.

Hilda de Souza pensava o magistério enquanto vocação, destinando à sua profissão um lugar de destaque em sua vida como podemos depreender em seus depoimentos. Tendemos a arquivar em nossas memórias aquilo que nos faz bem, que dentro de um contexto foi portador de um significado. Deste sentido, decorre o cuidado que nossa biografada possui com seus materiais.

“O que está escrito em mim/ comigo ficará guardado/ se lhe der prazer”. Estes três versos da música “O Caderno” de autoria de Toquinho e Mutinho (1983), nos evidenciam que o caderno, enquanto um material que nos acompanha durante toda a nossa formação escolar e profissional, é portador de memórias que são preservadas a partir do momento em que o indivíduo atribui a devida importância do ato de preservar uma memória.

Quando não reconhecemos o prazer do vivido, nem a importância do preservar, “rompemos” com os indícios de uma época. Nesta perspectiva, fazer pesquisa no âmbito da História da Educação é um desafio na medida em que, as instituições escolares ainda não despertaram para a necessidade de sistematização de acervos que venham a registrar uma memória docente. Preservar esta memória é importante, haja vista que foi através dos documentos fornecidos por nossa biografada que nos chegaram através da História Oral, que conseguirmos escrever uma “memória entre papéis de Hilda de Souza”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

APPLE, M. **Ensino e trabalho Feminino: uma análise comparativa da história e da ideologia**. In. Cadernos de Pesquisa, 1998, nº 64. P. 14-23, São Paulo: Editora Melhoramentos/USP, 1971.

AVELAR, Alexandre de Sá. **A Retomada da Biografia Histórica: problemas e perspectivas**. In. Revista Oralidades, vol.2, 2007, p.45-60.

BENCOSTA, Marcus Levy Albino. **A cultura escolar na historiografia da educação brasileira: Alcances e limites de um conceito**. In: Cultura escolar, migrações e cidadania. Margarida Louro Felgueiras e Carlos Eduardo Vieira (orgs). Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *La Domination Masculine. Actes de La Recherche en Sciences Sociales, Paris*,v.84,p.5-31,set.1990.

BORGES, Vavy, Pacheco. **Grandezas e misérias da biografia**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes biográficas. São Paulo: Contexto, 2005.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

BURKE, Peter. **Abertura: a nova história, seu passado e seu fim**. In. BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. KULESZA, Wojciech Andrezej (orgs.). **A Igreja e a Escola nas Ruas da Cidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; SILVA, Vera Lucia Gaspar da (Orgs.). **Feminização do Magistério: Vestígios do Passado que Marcam o Presente**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

CHAMON, Magda. **Trajetória de Feminização do Magistério: ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte: autêntica/FCH-FUMEC. 2005.

CATANI, Denice Barbara. **Os Escritos dos Professores no Campo Educacional Brasileiro (1890-1970)**. In. Revista Cultura Escolar Migrações e Cidadania – Actas do VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Porto: Universidade do Porto, 2008.

CORDEIRO, Jr., Raimundo Barroso. **História da História ou da historiografia como história social**. In: SÁ, Ariane norma de Menezes. SERIOJA, Mariano (orgs.). **Histórias da Paraíba: autores e análises historiográficas sobre o século XIX**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2003.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **No Tom e no Tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX)**. In. BENCOSTA, Marcus Levy (org.). **Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1. Artes de fazer**. 9ª Ed. Trad. Epharaim Ferreirara Alves. Petrópolis, RJ: vozes, 2003.

FALCONE, Maria. **A Mulher**. João Pessoa: A União, p.2, out. 1937.

FARIAS FILHO, Luciano Mendes de. **Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressuposto e desafios**. In: Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. Marcus Levy Bencostta (org). São Paulo: Cortez, 2007.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Cultura Escolar: da migração do conceito à sua objetivação histórica.** In: FILGUEIRAS, Margarida Louro. VIEIRA, Carlos Eduardo (orgs). Cultura escolar, migrações e cidadania. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, Tempo Presente e História Oral.** In. Revista Topoi. Rio de Janeiro. Dez.2002. p.314-332.

FREITAS, Sonia Maria de. **História oral: Possibilidades e procedimentos.** 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas,2006.

FRAGOSO, Verônica de Souza. NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Versos e Reversos do Feminismo nos Escritos da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino.** In: VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2010, São Luís - MA. Anais do VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Infância, Juventude e Realções de Gênero na História da Educação. São Luís, 2010. p. 1-16.

GALVÃO, Raimundo Ferreira. **Brejo do Cruz: Fragmentos para sua História.** Brejo do Cruz: Prefeitura Municipal/Secretária de Educação Municipal, 1988.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALBWACHS, Maurice . **A Memória coletiva.** São Paulo: Vértice,1990.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto Histórico.** In. Revista História da Educação, Campinas, n.1, p.10-21.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Trad. Bernado Leitão. São Paulo: UNICAMP, 1994.

LEITÃO, Deusdedit. **O ensino Público na Paraíba.** João Pessoa: Secretária da Educação/ Governo do Estado da Paraíba, 1987.

LEVILLAIN, P. **Dos Protagonistas: a biografia.** In RÉMOND, René (org). Por uma História política. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstron. **A formação de professores: da Escola Normal à Escola de Educação.** In: Lourenço Filho, Ruy (org). Coleção Lourenço Filho. Brasília: Instituto Nacional de estudos e pesquisas educacionais, 2001, 125. p. : v. 4.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LORIGA, Sabine. **A biografia como problema.** In: REVEL, Jacques. Jogos de escalas: a experiência da microanálise. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LOPES, Eliane Marta T. GALVÃO, Ana Maria de O. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MACHADO, Charliton José dos Santos. NUNES, Maria de Lúcia da Silva. MENEZES, Cristiane Souza de. **A Mulher e a Educação: pelos fios da memória.** In. MACHADO, Charliton José dos Santos. NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). Educação e Educadores na Paraíba do Século XX: práticas, leituras e representações. vol.1. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

MEHY, José Carlos Sebe B. HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer e pensar.** Contexto, 2010.

MELLO, José Baptista de. **Evolução do Ensino da Paraíba.** 3.ed. João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura, Conselho Estadual de Educação, 1996.

MIGNOT, A. C. V. **Papéis Guardados.** Rio de Janeiro: UERJ, Sede Sirius, 2003.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Representação da escola e educação nos romances São Bernado e Vidas Secas.** In. MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. (org). Gênero e práticas culturais: história, educação e literatura. Natal: EDUFRN/UFRN, 2009.

NUNES, Clarice. **Memória e História da Educação: entre práticas e representações**. In. Revista Educação em Foco, UFJF, V.2, set/fev, 2002/2003.

OLIVEIRA, Delanice Ribeiro de. **Brejo do Cruz: Sua História e sua Gente**. João Pessoa: FUNESC, 2004.

PAIM, Aida Rotava. LIMA, Idelsuite de Souza. MARTINS, Maria do Carmo. **Memória, História e Política: uma reflexão sobre políticas educacionais e reformas curriculares recentes**. In. ZAMBONI, Ernesta. Et.al (orgs.). Memórias e Histórias da Escola. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

PASSAMANI, Ricardo Petroni Smiderle. SOUZA, Paula Regina. **O Método Católico e o Contraceptivo Oral: conflitos éticos, religiosos e legais**. In. Revista Brasileira de Bioética, 2010. Disponível: www.rbbioetica.com.br/submissao/index.php/RBB/article/view/.../28. Acesso: 3/3/2012 às 14:30 hs.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da Era das cadeiras Isoladas à Era dos Grupos Escolares na Paraíba**. São Paulo: Autores associados/Universidade São Francisco, 2002. (Coleção educação contemporânea).

PRIORE, Mary Del. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Sônia Maria dos. ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. **História Oral: vozes, narrativas e textos**. In. Cadernos de História da Educação, n.6, jan/dez, 2001, p.191-201. Disponível em:

SOUZA, Ivonilde de. **Triunfo de um Desejo**. João Pessoa: s/e, 1994.

WEIDUSCHADT, Patrícia. FISCHER, Beatriz T. Daudt. **História Oral & Memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes**. In. FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; FISCHER, Beatriz T. Daudt; Et.al (org.). Memórias Docentes:

abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livros, 2009.

WOJCIECH, Andrzej Kulesza. **Os Seminários como Locais de Formação Docente**. In: CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. WOJCIECH, Andrzej Kulesza (orgs.). *A Escola e a Igreja nas Ruas da Cidade*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Interfaces de pesquisa sobre manuais didáticos**. In: BENCOSTA, Marcus Levy (org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática. 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves de. G.(Org.) **Biblioteca e formação docente: percursos de leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____, Diana Gonçalves de. **A fotografia como fonte para a historiografia educacional do século XIX: uma primeira aproximação**. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). *Educação, modernidade e civilização*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p.73-78.

VIANNA, Cláudia Pereira; RIDENTI, Sandra G.U. **Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito**. In: AQUINO, Julio Groppa. *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1998. p. 93-106 .

SANTOS, Sônia Maria dos. ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. **História Oral: vozes, narrativas e textos**. In. *Cadernos de História da Educação*, n.6, jan/dez, 2007, p.191-201. Disponível: WWW.seer.ufu.br/index.php/che. Acesso em: 18/9/2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a Perspectivas dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.** In: Educação & realidade. Porto Alegre, v.20, n.2. jul/dez, 1995. p. 71-99.

Fontes Impressas

Carta: Minha sempre lembrada Hilda, Mil felicidades. São Bento, 17 de Dezembro de 1948.

Carta: Pedido de Casamento. São Bento, 28 de Agosto de 1948.

Carta: Resposta do Pedido de Casamento, 30 de Agosto de 1949.

Poema: Queres Bem. Ivandir de Souza. 2011.

Fontes Orais

Hilda de Souza. Entrevista concedida a Kedna Karla Ferreira da Silva. Brejo do Cruz - PB, 15 de Janeiro de 2011.

Hilda de Souza. Entrevista concedida a Kedna Karla Ferreira da Silva. João Pessoa-PB, 12 de Setembro de 2011.

Hilda de Souza. Entrevista concedida a Kedna Karla Ferreira da Silva. João Pessoa-PB, 12 de Outubro de 2011.

Fontes Iconográficas

Acervo Particular de Hilda de Souza

Acervo da Pesquisadora

Músicas citadas no corpo do texto

O Caderno. Autoria: Toquinho e Mutinho (1983).

A Vida do Viajante. Autoria: Luis Gonzaga (1981)

Anexos

Cartas

a. Carta de Ivandir de Souza destinada a Hilda de Souza (17/12/1948)

São Paulo 17 de Dezembro de 1948

Minha sempre saudada Hilda
Minhas felicidades!...

As manhãs das tardes, quando as melancolias
vêm visitar-me, sinto uma coscoção
chão de saudades tuas!

Meu pensamento vai buscar-te na distancia
que nos separa. Não sei como poderei
suportar esta ausência, vivo bastante contra-
ariado, misturando trabalho com amos
que achas? não sei quando irei terminar.

As saudades me cercam dia a dia. Só
me conformava se estivesse ao teu lado
para contemplar teu olhar bem de perto
que tanto me consolava. Mas é isto
nem mesmo devemos-nos conformar com tudo
que Deus determina não é? Como vais
por aí? estás mais conformada? eu por
aqui é como sabes, sempre firme, tendo
por companheira a saudade; saudade esta
que não sei quando poderei transformá-la
em alegria. Não tenhas cuidado,erei

b. Continuação da Carta de Ivandir de Souza destinada a Hilda de Souza (17/12/1948)

sempre fizem ~~compromisso~~ te prometi, Hilda
em tua carta encontrei grande indignação,
por que é que achas! difícil manter um encontro?
por que é que achas! difícil conversarmos?
Porventura iremos morrer, ou então desaparecer?
Pois para mim tudo é fácil, e com especialidade
isto, isto é uma coisa que o destino já traçou,
os nossos planos já estão prontos e de maneira
alguma podemos desafiá-lo. Esta nossa
união, só Deus com o voto poderá desfazer,
que achas? creio que será assim.
Estou pensando que já está muito estensa, e
pode te aborrecer.
Aqui fica a espera de boas notícias.

Beije um coração sincero e cheio de
saudades, deste que te ama para sempre.

Ivandi de Souza

Mande dizer a um passageiro que está aqui, pois não
passo is esta semana ai, porque estamos trabalhando
do no balanço da casa, e só poderemos terminar
pronto para próxima.

O mesmo

- c. Borrão da carta de Ivandir de Souza destinada a Hilda de Souza em pedido de casamento

Uso Buro 27 de Agosto de 1949

Caríssimo Complemento:

Estimado a os vitas-mes de minha
carreira, acento poder o amigo
de que dedico a sua dilata filha
Hilda, vendo no meio da presente
pela, pois, acento a mesma
a mesma pelos laços matrimoniais.

Seu mais que o amor de
filho-me acento acento grato.

Grande abraço a todos.

d. Diploma de formação para o exercício do magistério



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
GOVERNO DO ESTADO DA PARÁIBA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
COORDENADORIA DO ENSINO SUPLETIVO
PROJETO LOGOS II

DIPLOMA

Nos termos dos artigos 26, 30, alínea a, 28 e 16 da Lei nº 5.692,
de 11 de agosto de 1971, é conferido o título de PROFESSOR DO ENSINO DE PRIMEIRO GRAU, com direito a lecionar da 1ª à 4ª séries do 1º Grau,

a HELENA DE SOUZA
filha de ANTÔNIO INÁCIO DA COSTA e de LEONIA SOUSA COSTA
natural de BREJO DO CRUZ - PB, nascida em 05 de setembro de 1920,

por ter concluído o ensino de 2º Grau, via ensino supletivo, e obtido habilitação específica de 2º Grau para o exercício do Magistério. O presente Diploma outorga os direitos e prerrogativas estabelecidos nas leis do País.

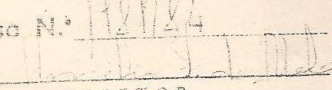
Coordenadoria do Ensino Supletivo
Órgão Expedidor

João Pessoa, 24 de janeiro de 1984
Local e Data

Dr. Flávio de Araújo
Assinatura do Titulado

Marcelino Barbosa de Souza
Responsável pelo Órgão Expedidor

e. Verso do Diploma de formação de Hilda de Souza para o exercício do magistério

HISTÓRICO ESCOLAR	MENTÃO	REGISTROS E OBSERVAÇÕES
DISCIPLINAS DE EDUCAÇÃO GERAL		INSPECTORIA TÉCNICA DE ENSINO João Pessoa - Paraíba Processo N.º 1127/81  INSPECTOR GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA INSPECTORIA TÉCNICA DE ENSINO Diploma, com validade nacional, nos termos da Portaria Min. nº 029, de 26.11.81, registrado sob nº 1167 do livro _____, fls. ____ João Pessoa, 15 de _____ de 1981 _____ RESPONSÁVEL PELO REGISTRO _____ C/O-DEMANDA: 1167/81
LÍNGUA PORTUGUESA E LIT. BRASILEIRA	94,57	
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA	93,50	
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	95,00	
EDUCAÇÃO FÍSICA	96,67	
HISTÓRIA	93,13	
GEOGRAFIA	90,30	
OSPB	99,00	
EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA	100,00	
MATEMÁTICA	92,13	
CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS	94,08	CARTÓRIO * RODRIGUES * Maria da L. S. L. Lopes de Melo 1ª Oficial - 11 - Sica, Escrivã, Oficial - Reg. - 11 - Juveis, Títulos e Documentos, Pesquisas Jurídica Brejo do Cruz Paraíba Conferido e assinado corret. deu 16 B. do Cruz 20 de Setembro 19 91 Em teste   Tabela
PROGRAMAS DE SAÚDE	97,67	
DISCIPLINAS INSTRUMENTAIS		
INFORMAÇÕES PEDAGÓGICAS	99,50	
TÉCNICAS DE ESTUDO	97,75	
ORG. DO TRABALHO INTELECTUAL	97,50	
DISCIPLINAS DE FORMAÇÃO ESPECIAL		
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	99,00	
DIDÁTICA GERAL	96,17	
SOCIOLOGIA EDUCACIONAL	97,50	
PSICOLOGIA EDUCACIONAL	97,50	
EST. E FUNCIONAMENTO DO 1º GRAU	90,50	
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL	91,00	
DIDÁTICA DA LINGUAGEM	93,50	
DIDÁTICA DA MATEMÁTICA	93,33	
DIDÁTICA DOS ESTUDOS SOCIAIS	92,50	
DIDÁTICA DAS CIÊNCIAS FÍS. E BIOL.	97,50	
CURRÍCULOS DO 1º GRAU	100,00	
DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	100,00	
TÉCNICA DE PREP. DE MATERIAL DIDÁTICO	97,50	
DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	96,13	
RECREAÇÃO E JOGOS	91,67	
ESTÁGIO SUPERVISIONADO (HORAS)	500	
ESTÁGIO NÃO SUPERVISIONADO (HORAS)	1.500	

Apêndice

Roteiro das entrevistas

CENÁRIO FAMILIAR

1º Filiação: Nome do pai, da mãe?

- Data de nascimento e falecimento do pai e da mãe;
- Naturalidade dos mesmos.

2º Me fale um pouco dos seus pais (observe o contexto social).

- O que faziam? (grau de formação);
- Situação econômica;
- Ou até, alguma passagem que ocorrida quando na presença dos seus pais que sempre esteve presente em sua memória e que a senhora considere importante para sua formação como pessoa, ou como educadora?

3º Nesse contexto, quais as recordações que a senhora tem deste lugar que a senhora e seus pais viveram?

- Como era a cidade?
- Qual o meio de comunicação existente entre as pessoas?
- Quem eram as autoridades?
-

4º A senhora tem irmãos/as?

- Quantos?
- Qual o nome deles e a idade?
- E com relação ao grau de formação deles, a senhora poderia me falar um pouco?

CENÁRIO EDUCACIONAL

1º Que tal recordar um pouco a sua infância?

- Fale-me um pouco de sua infância, como foi?
- Existe algum fato que marcou essa época, qual ou quais?
- Diga-me o nome de algumas amiguinhas/ os que faziam parte do seu de amizade na sua infância?
- Nesta época (sua infância) quais eram as brincadeiras mais comuns para meninos e meninas? Ou existia alguma brincadeira específica só para menina ou só para menino? Qual?

2º Com relação à sua fase escolar poderia me dizer o nome das escolas que a senhora estudou, e o nome das suas professoras? Local da escola (cidade)?

- A senhora enquanto aluna, consegue-se lembrar de como era o sistema de ensino naquela época?

CENÁRIO SOCIAL

1. Quais os lugares que a senhora frequentava quando passou a residir em São Bento?
2. Na sua juventude o que era ser mulher? Quais eram os bons costumes adotados na época pela então denominadas “moças de família”?
3. Seus vinte filhos foram uma escolha da senhora e do seu marido? Existia pílula anticoncepcional na época? Como eram vistas as mulheres desta época que fazia uso deste método contraceptivo? E, a senhora qual a sua opinião sobre este método?

CENÁRIO PROFISSIONAL

1° Dona Hilda, vamos relembrar um pouco a sua trajetória profissional na cidade de São Bento- PB.

- A senhora atuou em São Bento de (1948- 1953), sendo que em 1948 inicia o seu trabalho enquanto educadora em São Bento na escola Feminina poderia me falar um pouco dessa Escola Feminina? Como ela funcionava? Aonde era localizada essa escola? Quem dirigia a escola? Era uma escola pública (governo, município?). Quantos professores/as havia nela? A senhora poderia me citar o nome de alguns professores/as desta escola feminina que trabalhou juntamente com a senhora no ano de 1948? E os alunos/as da senhora, poderia me falar alguns nomes?

2°Quais eram as disciplinas ofertadas na Escola Elementar Feminina em 1948, ano de sua atuação?

3°Quais eram as regras da escola?

4°O que era preciso para que um aluno/a fosse considerado um bom aluno em sala de aula?

- Vamos recordar um pouco sobre os métodos punitivos naquela época: caso um aluno/a fugisse das regras da escola, ou se o seu comportamento não fosse bom em sala de aula, qual seria a punição recebida?
- Qual era o tipo de avaliação escolar existente na escola Feminina?
- A Senhora tem alguma, fotografia, algum material referente à sua atuação na Escola Feminina no ano de 1948?

5° Retomemos o início de sua trajetória profissional como professora entre os anos de 1948 e 1953. O que a fez escolher essa profissão? Como era vista a profissão do magistério na época em que decide ser professora? Para a senhora o que significa ser professora?

6° Com relação a sua atuação como professora em São Bento nos anos de 1948 a 1953 a senhora participou de algum evento voltado para a capacitação dos professores? Qual ou quais? Onde? Como eram organizados? Quem patrocinava?

7° E com relação a sua atuação no Grupo Escolar Fausto Meira nos anos de 1949 a 1953.

- Fala-me da fundação desse grupo escolar. De seu ponto de vista, qual a representação social que está instituição escolar teve naquele contexto para a população de São Bento?
- Quem dirigia a escola? Quantos professores/as trabalhavam nesse grupo escolar com a senhora no ano da fundação? A senhora poderia me citar o nome de alguns professores/as que trabalharam juntamente com você nos anos de 1949 a 1953?
- E os alunos/as da senhora, fale alguns nomes?

- Quais eram as regras da escola?
- O que era preciso para que um aluno/a fosse considerado um bom aluno em sala de aula?
- Vamos recordar um pouco sobre os métodos punitivos naquela época: caso um aluno/a fugisse das regras da escola, ou, o seu comportamento não fosse bom em sala de aula, qual seria a punição recebida?

8º Quais eram as disciplinas trabalhadas no Grupo Escolar Fausto Meira? Dona Hilda, e com relação à metodologia de ensino aplicada, que tal recordar um pouco sobre isso.

- Como era a sua metodologia de ensino? Qual era o tipo de avaliação escolar aplicada neste grupo escolar?
- A Senhora tem alguma fotografia, algum material referente à sua atuação neste grupo escolar?
- 9º Considerando que a senhora teve vinte filhos como ficava a sua situação em sala de aula? Tinha que faltar muito? Como isso era justificado para a direção escolar?

Agradeço a senhora por todos esses momentos de nossas entrevistas em que compartilhou conosco suas experiências, aprendizagens!

